



FABIANA RAQUEL LEITE

**A LÍNGUA GERAL PAULISTA E O “VOCABULÁRIO
ELEMENTAR DA LÍNGUA GERAL BRASÍLICA”**

**CAMPINAS,
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

FABIANA RAQUEL LEITE

**A LÍNGUA GERAL PAULISTA E O “VOCABULÁRIO DA LÍNGUA
GERAL BRASÍLICA”**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Linguística.**

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis

**CAMPINAS,
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Oscar Eliel - CRB 8/6934

L536L Leite, Fabiana Raquel, 1982-
A Língua Geral Paulista e o "Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasília"
/ Fabiana Raquel Leite. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Oliveira, Joaquim José Machado de. Vocabulário Elementar da Língua Geral
Brasília - Crítica e interpretação. 2. Linguística histórica. 3. Índios da América do
Sul - Brasil - Línguas. 4. Línguas gerais. 5. Língua Geral Paulista. I. D'Angelis,
Wilmar, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The Lingua Geral Paulista and the "Vocabulário Elementar da Língua
Geral Brasília"

Palavras-chave em inglês:

Oliveira, Joaquim José Machado de. Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasília -
Criticism and interpretation
Historical Linguistics
Brazilian Indigenous Languages
General Languages
Língua Geral Paulista

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Wilmar da Rocha D'Angelis [Orientador]
Lucy Seki

Cristina Martins Fargetti

Data de defesa: 18-12-2013

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Wilmar da Rocha D'Angelis

Wilmar R. D'Angelis

Lucy Seki

Lucy Seki

Cristina Martins Fargetti

Cristina Martins Fargetti

Maria Bernadete Marques Abaurre

Aline da Cruz

IEL/UNICAMP
2013

Abstract:

Um *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira*, de autoria de José Joaquim Machado de Oliveira, veio à luz em 1936, publicado na “Revista do Arquivo Municipal” de São Paulo, quase 70 anos após a morte do seu autor. A versão editada e publicada pela revista não traz indicação alguma sobre a(s) fonte(s) dos dados registrados nesse *Vocabulário Elementar*. Entretanto, o seu título, o seu conteúdo linguístico e a biografia de seu autor sugerem uma relação com a Língua Geral Paulista, língua originada no idioma dos índios tupi de São Vicente e alto do rio Tietê; falada, inicialmente, na região de São Vicente e do planalto paulista e levada pela ação das bandeiras paulistas para os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e norte do atual estado do Paraná. O objetivo desta pesquisa foi determinar a provável origem dos dados apresentados no *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira* para determinar se, no todo ou em parte, ele pode ser considerado uma fonte (rara) da Língua Geral Paulista. Para tanto, os dados contidos nesse vocabulário foram analisados e confrontados com outros documentos de registros das línguas gerais que se desenvolveram no atual território brasileiro, com especial atenção aos raros registros da Língua Geral Paulista. Dada a escassez de documentação sobre essa língua, para a análise comparativa dos dados, foram utilizados critérios fonológicos e morfológicos. A insuficiência de documentação não permitiu a utilização de critérios gramaticais. Através da análise linguística dos dados, constatou-se que o *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira* de Joaquim José Machado de Oliveira constitui em parte uma rara e significativa fonte para o conhecimento da Língua Geral Paulista falada no início do século XIX. Embora, o seu autor, Machado de Oliveira, tenha reunido em um só documento dados de fontes e de línguas distintas, o valor histórico e, principalmente, linguístico desse vocabulário não pode ser minimizado, em razão da escassez de documentação dessa língua e, sobretudo, da variedade falada no século XIX e do processo que levou à sua substituição pelo português.

Keywords: Linguística histórica; línguas indígenas brasileiras; línguas gerais; língua geral paulista; José Joaquim Machado de Oliveira

Resumo:

A “*Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira*” authored by Joaquim José Machado de Oliveira came to light in 1936 published in the “*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*”, almost 70 years after the death of its author. The version edited and published by the magazine brings no indication of the source(s) of the data. However, its title, its linguistic content and biography of its author suggest a connection to the Língua Geral Paulista, the language that originated in the language of the Tupi Indians of São Vicente and upper Tietê River; it was initially spoken in the region of São Vicente and on the upland of São Paulo and it was taken to the states of Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso and the north of the current state of Paraná by the action of the bandeiras Paulistas. The objective of this research was to determine the source of the data presented in the “*Vocabulário Elementar*

da Língua Geral Brasileira” and determine whether in whole or in part, it can be considered a (rare) source of the “Língua Geral Paulista”. Therefore, the data presented in this vocabulary were analyzed and compared with other documents of the other Línguas Gerais that developed in the current Brazilian territory, with special attention to the rare records of the Língua Geral Paulista. Due to the lack of documentation on this language, for comparative data analysis, phonological and morphological criteria were used. The lack of documentation did not allow the use of grammatical criteria. By the linguistic analysis of the data, it was found that the “Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira” by Joaquim José Machado de Oliveira is partly a rare and significant source for understanding the Língua Geral Paulista spoken in the first half of the nineteenth century. Although, its author, Machado de Oliveira, assembled in one document data from different languages, the historic and especially linguistic value of this vocabulary can not be minimized, given the shortage of documentation on the language, and especially on the variety spoken in the nineteenth century and the process that led to its replacement by the Portuguese.

Palavras-chave: *Historical linguistics; Brazilian indigenous languages; General Languages; Língua Geral Paulista; José Joaquim Machado de Oliveira*

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	xiii
AGRADECIMENTOS	xv
EPÍGRAFE	xvii
LISTA DE FIGURAS	xix
RELAÇÃO DE QUADROS	xxi
ABREVIATURAS E CONVENÇÕES	xxiii
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
A LÍNGUA GERAL PAULISTA: VISÃO HISTÓRICA E REGISTROS	05
1. As Línguas Gerais	05
1.1 A Língua Geral Amazônica.....	07
1.2 O Guarani – Língua Geral.....	09
1.3 A Língua Geral Paulista (LGP).....	11
2. Classificação das Línguas Gerais dentro da Família Tupi-Guarani	12
3. O Início do Processo de Colonização do Brasil e a Formação da LGP.....	13
3.1 Os Etnônimos Tupi e o Tradicional Tupiniquim para os Habitantes do Planalto Paulista e São Vicente no século XVI	15
3.2 A Formação da População Paulista nas Primeiras Décadas da Colonização.....	17
3.3 O Processo de Formação e Expansão da Língua Geral Paulista (LGP).....	19
4. São Paulo no século XIX.....	22
5. Os Registros Linguísticos da LGP.....	23
5.1 Os Registros da LGP: do século XVI ao XVIII.....	24

5.2 O Manuscrito 10,1,10 da Biblioteca Nacional: <i>Língua geral dos índios das américas: Pernambúque, Parâ, Marinhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is] (VLGIA)</i> – séc. XVIII.....	26
5.3 <i>Diccionario de Verbos: portuguez tupi-austral e alemão (DV)</i> – séc. XVIII.....	32
5.4 A Lista de Vocábulos do Rio das Pedras por Saint-Hilaire (1847).....	35
6. A Escassez de Registros.....	36

CAPÍTULO II

DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS.....	39
1. O autor: José Joaquim Machado de Oliveira.....	39
1.1 A trajetória militar, estadista, parlamentar e diplomática de Machado de Oliveira.....	39
1.2 José Joaquim Machado de Oliveira: cultor das ciências e das letras.....	42
2. Material de Consulta.....	46
2.1 <i>A Arte da Língua Brasílica</i> de Luís Figueira.....	46
2.2 <i>A Arte, Tesoro, Vocabulário e Catecismo</i> de António Ruiz Montoya.....	46
2.3 <i>O Diccionario Brasiliano-Portuguez</i>	47
3. <i>O Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasílica (VELGB)</i>	49
3.1 Informação Geográfica, Origem dos Dados e Local da Coleta.....	50
3.2 Os Informantes.....	51
3.2.1 José Innocencio Alves Alvim (1794 – 1865).....	51
3.2.2 João da Silva Machado – o Barão de Antonina (1782-1875).....	53
3.3 O Título.....	54
3.4 Os Registros.....	55
3.4.1 Os Grafemas.....	55
3.4.2 O Uso dos Diacríticos.....	57
3.4.3 As Vogais.....	57
3.4.3.1 As Vogais Orais.....	57
3.4.3.2 As Vogais Nasais.....	58
4. A Seleção do Material para a Análise.....	58

5. Análise do Material.....	61
5.1 Parâmetros para Análise.....	62
6. Norma de Notação.....	66
CAPÍTULO III	
ANÁLISE DO MATERIAL.....	67
1. O Material.....	67
2. Problemas de Notação Encontrados no <i>VELGB</i>	76
3. Coincidências e Divergências entre o <i>VELGB</i> e o <i>DBP</i>	78
4. Diferentes Entradas em Língua Geral para um Mesmo Vocábulo em Português.....	84
5. Peixes de Água Salgada e Doce, Animais Marinhos e Crustáceos.....	89
6. As Aves do <i>VELGB</i>	92
7. Os Numerais.....	97
8. Termos de Parentesco.....	98
9. O Fenômeno da Apócope na Variedade Registrada no <i>VELGB</i>	101
10. Empréstimos e Neologismos.....	103
10.1 A influência da língua guarani e do espanhol em parte do dados.....	104
10.2 O <i>b</i> do tupi corresponde a <i>v</i> na LGP e no Guarani.....	109
10.3 A transformação de <i>y</i> em <i>u</i>	109
11. Vocábulos e expressões acompanhados pela menção l.g.....	111
12. Vocábulos e expressões acompanhados pela menção B. de A.....	116
13. Vocábulos e expressões acompanhados pela menção t.g.....	122
CAPÍTULO IV	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS.....	149
ANEXO I	151
ANEXO II	177
ANEXO III	181
ANEXO IV.....	183
ANEXO V.....	185

ANEXO VI	187
ANEXO VII	189

Ao meu companheiro de jornada, Daniel.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, como toda e qualquer pesquisa científica, não é resultado apenas de um esforço individual. Ele nasce de significativas contribuições que recolhi durante minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Consciente de que é impossível listar todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação, deixo registrados, neste espaço, alguns dos inúmeros “muito obrigada” que devo.

Sou especialmente grata ao meu orientador, o Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angellis, pela confiança demonstrada e pelas suas preciosas críticas e sugestões. Se esta dissertação tiver méritos, eles são todos seus.

Agradeço aos Profs. Drs. Angel H. Corbera Mori (IEL – UNICAMP), Lucy Seki (IEL – UNICAMP), Plínio Almeida Barbosa (IEL – UNICAMP) pelos cursos de Pós-Graduação. Aos professores que participaram de minha banca de qualificação, Profs. Drs. Aryon Rodrigues (UnB) e Ana Suelly Cabral (UnB), por suas judiciosas observações e críticas, que muito me ajudaram.

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão à professora Dr^a. Ruth Monserrat por gentilmente me confiar informações acerca do *Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernambúque, Pará, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janr^o, S. Paullo e Minas Gera[is]* e por me ceder textos sobre o *Dicionário Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez*, os quais eu teria dificuldade de encontrar de outra forma. Agradeço-a também pela hospitalidade, amabilidade e boa disposição com que me recebeu em sua casa.

Obrigada aos funcionários da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) e da Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) Unicamp, da Fundação Biblioteca Nacional, em especial à pesquisadora Dayse do Nascimento P. F. da Conceição da Divisão de Informação Documental (DINF) da Biblioteca Nacional.

Aos meus colegas de curso e amigos queridos que me ajudaram com perguntas, sugestões e por compartilharem comigo suas experiências dentro da área de línguas indígenas. Obrigada pela valiosa amizade e espírito de cooperação.

Agradeço à CAPES, pela bolsa de mestrado que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, ao meu irmão, a minha cunhada, ao meu sobrinho e ao meu companheiro Daniel pelo apoio e paciência nos momentos de inquietação, pelos diversos sacrifícios suportados e pelo constante encorajamento a fim de prosseguir a elaboração deste trabalho.

A todos, enfim, reitero o meu apreço e a minha eterna gratidão.

*When a language dies,
a way of understanding the world dies with it,
a way of looking at the world.*
George Steiner

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: A primeira página do manuscrito do “*Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]*”

FIGURA 2: A última página do manuscrito do “*Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]*”

FIGURA 3: Página medial do manuscrito do “*Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]*”

FIGURA 4: A primeira página do *Dicionário de Verbos (Zeitwörter)*, de Martius.

FIGURA 5: A primeira página do *Vocabulário Elementar de Língua Geral Brasília*.

FIGURA 6: A última página do *Vocabulário Elementar de Língua Geral Brasília*.

RELAÇÃO DE QUADROS

Quadro I: Reprodução Parcial da Lista de Vocábulo de Saint-Hilaire

Quadro II: Exemplo de Quadro Comparativo

Quadro III: Relação de Empréstimos

Quadro IV: Vocábulo Presentes no *VELGB* e em *Brasileirismos*

Quadro V: Quadro Comparativo entre o *VELGB* e o *DBP*

Quadro VI: Relação de Peixes de Água Salgada e Doce, Animais Marinhos e Crustáceos

Quadro VII: Relação de Nomes de Aves do *VELGB*

Quadro VIII: Quadro Comparativo dos Numerais

Quadro IX: Nomes de Parentesco

Quadro X: Variação entre *b* e *v*

Quadro XI: Transformação de *y* em *u*

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

BN – *Biblioteca Nacional*

Bras. – *Brasileirismos*

CAUS – causativo

DBP – *Dicionário Brasileiro-Português*

DPB – *Dicionário Português-Brasileiro*

DV – *Dicionário de Verbos: Português-Tupi-austral*

Excl. – exclusivo

IHGB – *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*

Lit. – literalmente

LGA – *Língua Geral Amazônica*

LGP – *Língua Geral Paulista*

pl. – plural

sg – singular

VELGB – *Vocabulário da Língua Geral Brasileira*

VLB – *Vocabulário na Língua Brasileira*

VLGIA – *Vocabulário da Língua Geral dos Índios das Américas: Pernambuco, Pará, Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Gerais*

VTI – verbo transitivo indireto

1 – 1ª pessoa

2 – 2ª pessoa

3 – 3ª pessoa

INTRODUÇÃO

As chamadas línguas gerais sul americanas foram fundamentais para o sucesso da colonização portuguesa e espanhola no continente americano. Durante muito tempo, elas foram o principal veículo de comunicação entre as diversas populações coloniais. Inicialmente, o termo “língua geral” foi utilizado pelos colonizadores portugueses e espanhóis para designar as línguas veiculares indígenas disseminadas suprarregionalmente. Na América espanhola, as *lenguas generales*, línguas autóctones de grande difusão, como o *Náhuatl* (ou *Lengua Mexicana*), o Quechua¹ (ou *Lengua General del Peru*) e o Guarani², foram utilizadas para a administração, comércio e catequização dos autóctones. Na América portuguesa, entretanto, o termo “língua geral” passou a ser utilizado pelos colonizadores somente a partir da segunda metade do século XVII para “designar as línguas de origem indígena faladas [...] por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guaranis à qual foi-se agregando um contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas [...]” (RODRIGUES, 1996:6).

Nesse contexto, consideramos a formação de duas línguas gerais no atual território brasileiro: a Língua Geral Amazônica³ e a Língua Geral Paulista⁴ (doravante LGA e LGP respectivamente). A primeira surgiu no norte do país, na região dos atuais estados do

¹ Sobre o quechua como *Lengua General Del Peru* confirmam-se: Domingo de S. Thomas. **Grammatica, o arte de la lengua general de los indios de los Reynos del Peru**. Valladolid, 1560; Diego Gonzales Holguín. **Gramatica y arte nueva dela lengua general de todo el Peru. llamada lengua Oquichua, o lengua del Inca**. Lima, 1607 e Juan Roxo Mexía y Ocón. **Arte de la lengua general de los indios del Peru**. Lima, 1648. Para um panorama da produção colonial a respeito da “língua geral do Peru”, veja-se Ragi 2010.

² Para o uso do guarani como língua geral veja-se: Rómulo D. García. **Fray Luís de Bolaño**. Buenos Aires, 1829.

³ Alguns autores utilizam o termo “Língua Geral Brasília” para designar a língua geral falada na região dos Maranhão e Pará, nos séculos XVIII e XIX. Nesta dissertação optou-se pela expressão “Língua Geral Amazônica”.

⁴ Assim como a Língua Geral Amazônica, a Língua Geral Paulista recebe diferentes denominações conforme o autor. Alguns autores utilizam os termos “Língua Geral do Sul” ou “Tupi do Sul”. O naturalista alemão Martius empregou a denominação “Tupi Austral”. Nesta dissertação, optou-se pela denominação “Língua Geral Paulista”, utilizada por Rodrigues (1996), para evitar uma eventual confusão com o guarani, língua geral que predominou em algumas regiões do sul do país.

Maranhão e Pará, como fruto do contato entre portugueses e índios tupinambá, no século XVII. A segunda se originou na região de São Vicente, já no século XVI, como produto dos casamentos entre homens portugueses e mulheres tupi, e foi levada para o atual interior paulista, e para os atuais estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e norte do Paraná pelos bandeirantes, nos séculos XVII e XVIII. Houve, ainda, a formação de uma terceira língua geral, o Guarani, no sul do atual território brasileiro, quando este ainda estava sob o domínio espanhol. O Guarani como língua geral surgiu do contato entre colonizadores espanhóis e índios guarani na região sul do país.

Em comparação com a LGA e o Guarani, línguas que foram estudadas e registradas em diferentes documentos – gramáticas, vocabulários e textos de lavra missionária – desde o início da colonização, a LGP possui pouquíssimos documentos de registro. Segundo Rodrigues (1996:8), atualmente, conhecem-se somente dois documentos da LGP: “um dicionário de verbos, não datado e de autor desconhecido [...] publicado por von Martius em seus *Glossaria linguarum brasiliensium*, sob o nome de ‘Tupi Austral’ (MARTIUS, 1867:99-122)” e uma pequena lista de palavras colhidas por Saint-Hilaire no início do século XIX em comunidades de mestiços de índios bororo e negros na província de Minas Gerais (SAINT-HILAIRE, [1847] 1937:254-255)⁵.

De acordo com Freire e Borges (2003:7), embora haja estudos e diversas fontes de registro sobre as línguas gerais, mais especificamente sobre a LGA e o Guarani, desde o início da colonização da América do Sul, “os estudos sobre as línguas gerais ainda ocupam um espaço pequeno de reflexão como se pode observar pela escassa produção acadêmica existente, incompatível com a relevância do tema”. O autor entende que “a compreensão histórica e linguística dessas línguas pode constituir uma chave para acessar informações sobre as nossas sociedades e compreender o processo, ainda obscuro, de hegemonia das línguas europeias em nosso continente” (FREIRE & BORGES, 2003:7).

⁵ No ano de 2001, em comunicação no **II Colóquio sobre Línguas Gerais: Políticas Linguísticas - A Questão Ortográfica**, Rodrigues e Monserrat apresentaram um documento de registro da LGP, até então desconhecido, um manuscrito do século XVIII intitulado *Vocabulário da Língua Geral dos Índios das Américas: Pernambuco, Pará, Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Gerais*. O título da comunicação proferida pelos professores Rodrigues e Monserrat foi “Um novo antigo documento da Língua Geral Paulista”.

Para contribuir com essa discussão, esta dissertação propõe apresentar e analisar um possível raro documento de registro da LGP falada em meados do século XIX, o *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira*, publicado sob a autoria de José Joaquim Machado de Oliveira (1791-1867) na *Revista do Arquivo Municipal* da cidade de São Paulo no ano de 1936.

Para situar o leitor nessa questão, iniciaremos o primeiro capítulo, com a delimitação e definição do conceito de língua geral. Em seguida, apresentaremos um breve relato sobre o processo de formação das línguas gerais no Brasil, mais especificamente o da LGP. Ali, o leitor poderá compreender o processo de passagem da língua indígena para a língua geral. Posteriormente, discutiremos a expansão territorial e étnica da LGP. Esse primeiro capítulo elencará ainda os pouquíssimos registros já conhecidos da LGP e discutirá as razões da escassez de documentos sobre essa língua. Por fim, apresentaremos o *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira* (doravante: *VELGB*) do Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, apontado por esta dissertação, como veremos adiante, como um dos raros documentos que contém registro de dados da LGP (OLIVEIRA, 1936b).

O segundo capítulo apresentará os procedimentos metodológicos que conduziram esta pesquisa. Com o intuito de contextualizar a redação do material que será analisado nesta dissertação, iniciaremos o capítulo apresentando uma breve biografia do autor do *VELGB*, José Joaquim Machado de Oliveira, focalizando a sua relação com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e o contexto político e intelectual em que ele produziu o *VELGB*. Em seguida, apresentaremos uma descrição detalhada do *VELGB*, apresentando hipóteses acerca da origem e local de coleta dos dados e sobre a escolha do título *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira*. Depois, descreveremos o processo de seleção do material para a análise linguística. Encerraremos o capítulo versando sobre os procedimentos e parâmetros de análise adotados neste trabalho.

No terceiro capítulo, será realizada a análise linguística do *corpus*. Inicialmente, teceremos algumas considerações acerca do conteúdo do *VELGB*. Em seguida, iniciaremos a análise dos dados, contrastando o material contido no *VELGB* com outros documentos de

registro da LGP, da LGA e do Guarani. Para a análise, utilizaremos, também, os materiais indicados por Alcântara Machado, neto do autor e compilador do *Vocabulário*, usados por Machado de Oliveira como obras de referência para a confecção do *VELGB*.

Por fim, no último capítulo, tentaremos tecer algumas considerações finais a respeito deste primeiro trabalho e propor alguns caminhos para o prosseguimento da pesquisa acerca da LGP.

CAPÍTULO I

A LÍNGUA GERAL PAULISTA: VISÃO HISTÓRICA E REGISTROS

Relatar a historia dos indios de uma província é particularisar fatos, que na generalidade se vêm consignados nos annaes do Brasil, ao referirem a sua população primitiva, e o modo porque ella foi substituida pelos conquistadores (OLIVEIRA, 1846).

Neste primeiro capítulo, descreveremos o processo de formação e difusão da LGP. Primeiramente, delimitaremos e definiremos o conceito de língua geral. Depois, apresentaremos um breve relato sobre o processo de formação das línguas gerais no Brasil, mais especificamente o da LGP. Discorreremos também sobre a expansão territorial e étnica da LGP e elencaremos os pouquíssimos registros já conhecidos dessa língua. Em seguida, discutiremos as razões da escassez de documentos sobre essa língua. O capítulo se encerrará com uma breve apresentação do *VELGB* do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, apontado por esta dissertação, como veremos nos capítulos que seguem, como um dos raros documentos que contém registro de dados da LGP.

1. As Línguas Gerais

Nos primeiros séculos da colonização das Américas, séculos XVI e XVII, a expressão “língua geral” foi utilizada pelos colonizadores portugueses e espanhóis para designar as línguas veiculares indígenas disseminadas suprarregionalmente. Na América Espanhola, já no século XVI, línguas autóctones de ampla difusão, como o *Náhuatl* (ou *lengua Mexicana*), o Quechua (ou *lengua peruana*) e o Guarani, foram utilizadas pela administração e pela Igreja como línguas veiculares de contato entre as diferentes populações coloniais. Na América portuguesa, todavia, o termo “língua geral” começou a ser utilizado

pelos colonizadores somente a partir da segunda metade do século XVII e com um sentido diferente daquele das *lenguas generales* da zona hispânica das Américas.

No Brasil, a denominação “língua geral” passou a ser usada para designar “as línguas de origem indígena faladas por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guarani” (RODRIGUES, 1996:6). Nesse contexto, podemos considerar a formação de duas línguas gerais na América Portuguesa: uma, a LGP, na região de São Paulo e outra, a LGA, na região dos atuais estados do Maranhão e Pará. Pode-se considerar, ainda, no atual território brasileiro, a formação de uma terceira língua geral, o Guarani⁶. Contudo, esta se formou sob o domínio espanhol, na região que hoje corresponde ao sul do Brasil⁷, oeste do atual estado do Paraná, antiga Província do Guairá e na região entre os rios Paraná e Paraguai. Nesta última, de acordo com Rodrigues (1996:9), desenvolveu-se uma situação de contato entre os índios guarani e os colonizadores espanhóis, análoga a que se sucedeu em São Paulo, que contribuiu para o surgimento de uma população mestiça de língua Guarani.

Com referência à região de Guairá, os espanhóis não permaneceram ali por mais que meio século, sendo expulsos pelos bandeirantes, que também, com seus ataques, obrigaram ao abandono da região pelos jesuítas. Desse modo, se tudo tivesse se encerrado ali, não haveria restado língua geral guarani em território brasileiro: os espanhóis retrocederam, os jesuítas fugiram para o Sul com 12 mil índios em 1531 (cf. MONTOYA, [1639] 1997)⁸, e os guarani que ficaram continuaram falando o seu Guarani, não permaneceu população mestiça nessa região. Todavia, os jesuítas já estavam fundando reduções no Tape (atual Rio Grande do Sul) e ali, após também vários ataques bandeirantes, com os jesuítas tendo obtido autorização para armar os índios, os bandeirantes deixaram de atacá-los após 1641, quando então floresceu a experiência missionária por mais 115 anos, até a guerra contra as missões (nos desdobramentos do Tratado de Madrid, de 1750). Seguramente, nessas

⁶ Rodrigues (1996) faz uso da expressão “Guarani Criollo” para se referir ao Guarani como língua geral.

⁷ Na época, a região que abrange os atuais estados do Rio Grande do Sul e Paraná se encontrava sob domínio espanhol.

⁸ MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape (1639)**. (2ª ed. brasileira). Porto Alegre: Martins Livreiro – Editora, 1997.

reduções se desenvolveu algum tipo de língua geral, haja vista que os jesuítas abrigaram, nelas, populações não guarani também; mas foi sobretudo depois do fim das reduções e da expulsão dos jesuítas que toda essa região (noroeste do Rio Grande do Sul, Misiones Argentinas e Leste/Sudeste do Paraguai) que criou-se um contexto para miscigenação da população indígena com espanhóis e portugueses, e consagrou-se a língua geral guarani (que, no Rio Grande do Sul, teve falantes nativos até quase metade do século XIX).

De acordo com Noll (2010:107), o aparecimento das línguas gerais pode ser atribuído, parcialmente, ao distanciamento gradual das uniões entre brancos e índias do ambiente indígena puro. O autor explica que, neste contexto, os mestiços desempenhavam a “função de transmissores desta forma linguística para com os índios aloglotas e brancos” (NOLL, 2010:107).

A designação “língua geral” é, muitas vezes, caracterizada equivocadamente, na literatura, como sinônimo de Tupi, ou interpretada como uma criação jesuítica. Para Rodrigues (1996:6) essas asserções não possuem fundamentação histórica e linguística, pois, não se pode “confundir declarações feitas por cronistas de que tal língua era geral, ou a mais geral, ou ainda usada em certa região, com a expressão lexicalizada *língua geral*” (RODRIGUES, 1996:13 – grifo do autor).

1.1 A Língua Geral Amazônica (LGA)

Do intenso convívio de colonos e soldados portugueses com os índios tupinambá, durante o período de colonização, segunda metade do século XVII, nos estados do Maranhão, Pará e Amazonas, nasceu uma população mestiça, cuja língua materna era o Tupinambá. A língua falada por essa sociedade mameluca, isto é, mestiços de pais portugueses e mães indígenas, foi, gradativamente, distanciando-se do Tupinambá genuíno e, logo, se tornou a língua de comunicação interétnica falada por todos os que faziam parte do sistema colonial.

Moore (1993:95) cita três fatores que favoreceram o uso da LGA como língua franca: a presença de uma grande variedade de línguas da família Tupi-Guarani, a ampla

influência que a LGA já tinha na costa e o desejo dos colonos de uma língua para a comunicação com os indígenas capturados e com os tupinambá, seus aliados.

Rodrigues (2002:102) explica que, até o século XIX, a LGA serviu como língua veicular “não só da catequese, mas também da ação social e política portuguesa e luso-brasileira” na região amazônica. “Falada pelas tropas e missões que foram penetrando e criando núcleos de povoamento no vale amazônico”, o domínio da LGA estendeu-se por regiões em que, até então, não havia nenhuma língua da família Tupi-Guarani (RODRIGUES, 2002:102).

Em contraste com a LGP, cuja documentação linguística é extremamente escassa, a LGA foi amplamente registrada desde o início da colonização. Dela possuímos: arte (gramática), vocabulários, textos da lavra missionária e muitos registros de narrativas indígenas (cf. BARBOSA RODRIGUES, 1887; AMORIM, 1926; STRADELLI, 1929), sendo os mais expressivos os dos séculos XVIII, XIX e XX.

Atualmente, a LGA é reconhecida pelo nome de Nheengatu⁹ e falada nas regiões amazônicas do médio e alto rio Negro, do baixo Içana, do rio Xié e em partes da Colômbia e da Venezuela (ali ela é chamada de *Yeral*)¹⁰. De acordo com o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há 3.771 falantes dentro de terras indígenas, e outros 3.466 fora das terras indígenas, totalizando mais de 7 mil falantes (acima de 5 anos) de LGA (observe que aqui são só os dados do lado brasileiro)¹¹. Desde dezembro de 2001, o Nheengatu tornou-se língua cooficial no município de São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do estado do Amazonas na bacia do Rio Negro, juntamente com as línguas Baniwa (família Aruák) e Tukano (família Tukano). É importante notar que o Nheengatu

⁹ A Língua Geral Amazônica recebeu também, a partir da segunda metade do século XIX, a denominação de Nheengatu. Essa denominação foi introduzida por Couto de Magalhães (1876) (cf. Rodrigues 1996). Embora, Nheengatu, hoje, seja o nome oficial da LGA, seus falantes usualmente referem-se a ela com o nome de ‘Língua Geral’.

¹⁰ Cf. <http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=yrl>, acesso em 22 nov. 2012.

¹¹ **Censo Demográfico 2010. Características gerais dos indígenas – Resultados do Universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. P. 97. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf

atual difere tanto da língua Tupinambá como da LGA falada no século XVIII. Segundo Rodrigues (2002:103), as diferenças existentes entre o Nheengatu e a LGA foram ocasionadas não só pelas

mudanças ocorridas com o passar do tempo (cerca de 250 anos), mas também ao fato de que certamente se constituíram diversos dialetos da Língua Geral Amazônica, segundo as diferentes regiões em que ela veio a ser falada: baixo Tocantins, baixo Tapajós, rio Negro, Solimões etc.

Cabe salientar, aqui, que cada uma das regiões onde o Nheengatu é falado possui a sua própria variante dialetal, de modo que, como qualquer outra língua natural, o Nheengatu não é uma língua homogênea¹².

1.2 O Guarani – Língua Geral

No início da colonização do Paraguai pelos espanhóis, a região que se estende entre os rios Paraguai e Paraná era habitada predominantemente por grupos indígenas de língua guarani. Conforme Rodrigues (1996:9), o domínio da língua guarani se estendia, igualmente, “a leste do rio Paraná, na antiga Província de Guairá, correspondente ao oeste do atual estado brasileiro do Paraná”¹³.

Como os primeiros grupos de colonos espanhóis que desembarcaram na região eram quase inteiramente constituídos por homens que tomavam por esposas mulheres

¹² Para um estudo mais aprofundado sobre o Nheengatu atual veja: CRUZ, Aline. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. 2011. 626 p. Tese (Doutorado em Linguística), Vrije Universiteit Amsterdam, 2011.

¹³ De acordo com D’Angelis (comunicação pessoal) ao mencionar a região a leste do Rio Paraná (o antigo Guairá) como continuidade do domínio da língua guarani, não se deve traduzir isso por “predomínio”. Segundo D’Angelis, no centro-oeste do Paraná dividiam espaço as comunidades Guarani (nos cursos dos grandes rios) com as comunidades Jê (nos campos e nas matas de pinheirais). Aos colonizadores espanhóis o contato com as populações guarani era mais interessante, tanto por falarem uma língua conhecida dos espanhóis, quanto por se localizarem ao longo dos rios, facilitando o trabalho de serem encontradas, quanto, ainda, pelo fato de serem populações agricultoras razoavelmente sedentárias. Tudo isso tornava os guarani o elemento ideal para engajamento compulsório, como força de trabalho, no sistema colonial, daí o maior conhecimento que temos deles pela documentação colonial sobre a região.

guarani, surge, nessa época, uma população mestiça que adotou por língua materna o Guarani das mães indígenas.

Todo el vulgo, aun las mujeres de rango, niños y niñas, hablan guaraní como su lengua natal [...]. Pues después que los primeros españoles se apoderaron de esta provincia, que antes estaba habitada por los carios o guaraníes, tomaron en matrimonio las hijas de los habitantes por falta de niñas españolas, y por el trato diario los maridos aprendieron el idioma de las esposas y viceversa, las esposas la dos maridos, pero, como suele ocurrir generalmente cuando aun la vejez se aprende idiomas, los españoles corrompían miserablemente la lengua india y las indias la española. Así nació una tercera sea la que usan hoy en día (DOBRIZHOFFER [1783] 1967 *apud* MELIÀ 1992:60).

A língua falada por essa crescente população de mestiços aos poucos se converteu na língua geral da população aí estabelecida, índia ou não. De acordo com Rodrigues (1996:9), essa “língua geral é hoje o *guarani criollo* (GNC), chamado na própria língua de *avañe'en* (‘língua de gente, língua de índio’) e, com referência as variedades mais marcadas por empréstimos e decalques do espanhol, *jopará* (‘mistura, mescla’).

Atualmente, no Paraguai, o Guarani é a língua materna de mais de 90% da população e, desde 1992, é a segunda língua oficial do país. O Guarani também é língua cooficial, desde 2004, na província de Corrientes na Argentina. Desde dezembro de 2006 o Guarani também é considerado Língua Oficial no Mercosul (Mercosul/LXVI GMC/P. DEC. n. 31/06)¹⁴.

No Brasil, o Guarani ainda é falado no Paraná como língua materna de não-índios, nas regiões de fronteira, como Guaíra e Foz do Iguçu, e no extremo sul do Mato Grosso do Sul. De acordo com Dietrich (2010:169), em alguns lugares de fronteira com o Paraguai, “os conhecimentos do guarani [...] estão ligados ao do espanhol, ao lado do português”. Nessas regiões, “onde o guarani se transmite à geração nova, a tradição espanhola vai-se perdendo, dessa maneira, entrando em contato direto com o português” (DIETRICH, 2010:169).

¹⁴ <http://www.mercosur.int/msweb/SM/Actas%20TEMPORARIAS/GMC/LXVI%20GMC%20ACTA%2005-06%20FINAL/NORMAS%20y%20Projetos/NORMAS%20APROBADAS%20LXVI%20GMC/PDEC%2031-06-%20Guarani-PT.pdf>

1.3 A Língua Geral Paulista (LGP)

Assim como a LGA e o Guarani, a LGP nasceu dos casamentos entre homens europeus e mulheres indígenas; no caso da LGP, entre portugueses e índias tupi¹⁵. Conforme Rodrigues (1996:8), “o idioma das primeiras mães paulistas” foi, por mais de um século, a língua dominante entre a população da região do planalto paulista e São Vicente. Ainda, segundo o autor, a LGP deixou de ser falada no início do século XX¹⁶.

A respeito do domínio da língua tupi na Capitania de São Vicente no século XVII, temos o seguinte relato do jesuíta Fernão Cardim:

Em toda esta provincia ha muitas e varias nações de diferentes linguas, porém uma é a principal, que comprehende algumas dez nações de Índios. Estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só língua, ainda que em algumas palavras discrepam, e esta é a que entendem os Portuguezes; é fácil, elegante, e suave, e copioza; a dificuldade d'ella está em ter muitas composições; porém dos Portuguezes, quazi todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicam com os Índios a sabem em breve tempo, e **os filhos dos Portuguezes cá nascidos a sabem melhor que o Portuguez**, assim homens como mulheres, **principalmente na Capitania de São Vicente** (CARDIM, 1894:205, ênfase acrescentada).

Diferentemente das outras duas línguas gerais aqui discutidas, a LGA e o Guarani, a LGP não foi muito documentada. Sobre ela, atualmente, temos somente três documentos de registro: um dicionário de verbos, do século XVIII, conhecido por sua publicação no *Glossaria Linguarum* de Martius (1863); um vocabulário, provavelmente também do século XVIII, e uma lista de palavras colhidas em comunidades de mestiços de índios bororo e negros no início do século XIX¹⁷. Para Rodrigues (1996) o *Dicionário de Verbos* constitui, hoje, a principal fonte sobre a LGP.

¹⁵ Sobre a denominação da população indígena em São Vicente (Tupi ou Tupiniquim), ver 3.1, adiante.

¹⁶ Ver também, a respeito, “A língua-geral em São Paulo”, por Sérgio Buarque de Hollanda.

¹⁷ Essas três fontes serão detalhadas adiante, na seção 5.

2. Classificação das Línguas Gerais dentro da Família Tupi-Guarani

A família Tupi-Guarani abarca três línguas gerais, a LGA, a LGP e o Guarani (também denominado Guarani *Criollo* ou Guarani Paraguaio). Esta família linguística está subdividida, segundo Cabral & Rodrigues (2002:335-336), em oito ramos. Conforme essa subdivisão, as LGA e LGP estão classificadas dentro do ramo III e o Guarani dentro do ramo I.

Em linhas gerais, as propriedades que distinguem os ramos I e III dentro da família Tupi-Guarani são: (a) perda ou manutenção das consoantes finais; (b) manutenção do proto *tf*, sua mudança para *ts* ou *s* ou a fusão dos protos *tf* e *ts* como *ts* ou *s*; (c) a conservação do proto *pw* ou sua mudança para *kw* ou *k*; (d) a manutenção do proto *pj* ou sua mudança para *tf* ou *f*; (e) a manutenção ou deslocamento do acento final.

Em relação à primeira propriedade supracitada, Anchieta, já no século XVI, chamava a atenção dos leitores de sua *Arte* para a seguinte propriedade da variante tupi falada na capitania de São Vicente: “Os tupis de Sam Vicente, que são alem dos Tamoyos do Rio de Janeiro, nunca pronúncia a vltima consoante no verbo affirmativo [...]” (ANCHIETA, [1595:fl.1v] 1990:24).

De acordo com a classificação apresentada por Rodrigues & Cabral, a LGP se aproxima mais da LGA do que do Guarani. Entretanto, Altman (2010) destaca que o Tupi e o Guarani Antigo constituem as duas línguas bases sobre as quais se desenvolveram a LGP e o Guarani; e o Tupinambá constitui a língua autóctone base sobre a qual se desenvolveu a LGA. A esse respeito, a autora cita as relações de troca cultural e linguística ocorridas no período em que as coroas e as colônias portuguesa e espanhola estiveram unidas, entre 1580 e 1640 e atenta para as frequentes incursões dos paulistas em busca de escravos às reduções jesuíticas do sul nos séculos XVI e XVII. De fato, está bem documentada a introdução de milhares de falantes guarani (Carijós ou Carios), escravizados, nas capitanias de São Vicente e Santo Amaro, e também sua venda para as regiões mais ao norte (cf. MONTEIRO, 1995).

Para Barbosa (1956:12), o Tupi falado na região de São Vicente “era o que mais se distanciava das tribos irmãs, aproximando-se bastante do guarani”. O naturalista alemão

Martius, compilador do *Diccionario de Verbos Portuguez-Tupi-austral* (doravante: *DV*), também discorre sobre a proximidade entre a língua guarani e a LGP, chamada por ele de Tupi Austral. Segundo ele, o constante contato durante o período de guerras trouxe para a LGP elementos das línguas espanhola e guarani.

Consideraremos, aqui, a classificação dada por Rodrigues & Cabral (2002), mas também observaremos as inegáveis influências do Guarani (e também do espanhol) na LGP. Desse modo, entendemos que a LGP, embora, pertença ao ramo I da família linguística Tupi-Guarani, tenha sofrido, ao longo dos séculos, influências da língua guarani devido ao constante contato entre seus falantes.

3. O Início do Processo de Colonização do Brasil e a Formação da LGP

Os séculos XV e XVI assinalam o início da Idade Moderna. Esse período histórico ficou marcado pela expansão territorial e marítima da Europa, pelas conquistas, pela colonização e pelo domínio do Novo Mundo. Portugal foi um dos países que mais se destacou nessa fase, pois dispunha de condições favoráveis para os negócios que marcavam a época, era um país unificado, possuía uma condição geográfica propícia para a navegação e um grupo de investidores interessados nos negócios marítimos.

No Brasil, podemos afirmar que a colonização portuguesa iniciou-se, oficialmente, com a fundação da Capitania de São Vicente pelo fidalgo Martim Afonso de Sousa, em 22 de janeiro de 1532¹⁸. Ao aportar em São Vicente, Martim Afonso se deparou com um grupo formado por degredados, naufragos e desertores portugueses, espanhóis e índios liderados pelo português João Ramalho. Este, ao lado de Antônio Rodrigues, assistiu o fidalgo no início da administração da vila de São Vicente, a primeira de colonização portuguesa no Brasil.

¹⁸ Nas primeiras três décadas, a colonização ficou restrita à construção de feitorias fortificadas ao longo da costa.

A figura de João Ramalho foi de extrema importância para o sucesso da colonização portuguesa na região. Ramalho atuava como intermediário das negociações entre índios tupi e colonizadores portugueses. Ele possuía uma relação estreita com os nativos da região, era casado com Bartira, filha do cacique Tibiriça, e já se encontrava estabelecido entre os tupi desde 1508, 24 anos antes da criação da Capitania.

A respeito da presença de Ramalho, anterior à fundação da Capitania, entre os nativos, temos o relato de Balthasar Fernandes em carta de 1568, na qual o missionário narra o episódio em que os padres foram comunicados do acidente ocorrido com João Ramalho:

um homem branco que há 60 anos que está nesta terra entre este Gentic, que agora é quase de cem annos, estando entre os Indios e vivendo não sei de que maneira e não querendo nada de nossas ajudas nem ministério, deulhe Deus de rosto com um accidente, além de muitos corrimentos e pontadas que tinha (FERNADES, 1568:501 *In: Cartas Avulsas*)¹⁹.

Em 1559, Tomé de Souza, em carta ao Pe. Luís Gonçalves, refere-se a João Ramalho e a seus filhos como *petra scandali*²⁰, visto que viviam de acordo com os costumes indígenas, praticavam a poligamia e participavam de rituais guerreiros. Como veremos adiante, a prática da poligamia e do concubinato marcava as alianças entre os portugueses e os nativos da terra, conferindo prestígio aos primeiros dentro das estruturas indígenas (cf. MONTEIRO, 1995:34).

Além de João Ramalho, há relatos de outro “chefe” branco, o famoso e igualmente misterioso português Bacharel de Cananeia, que teria se estabelecido entre os tupi em fins do século XV:

surgiu a 12 de agosto de 1531 junto á ilha de Cananeia (hoje ilha do abrigo); e como Martim Affonso fosse informado pelo denominado bacharel, que residia nessas paragens havia trinta annos de haver no interior daquellas terras ricas minas de ouro e prata [...] (OLIVEIRA, 1978:20).

De acordo com Zequini (2004:30), o Bacharel de Cananeia foi “o primeiro português a desenvolver o comércio e o tráfico de escravos indígenas”. Assim como o João

¹⁹ Em todas as citações, respeitamos a grafia dos originais.

²⁰ Expressão bíblica, “pedra de escândalo”.

Ramalho, o Bacharel auxiliava os portugueses na obtenção de escravos nativos, estimulando os conflitos intertribais entre os tupi e seus rivais, tupinambá e carijó.

3.1 Os Etnônimos Tupi e o Tradicional Tupiniquim para os Habitantes do Planalto Paulista²¹ e São Vicente no Século XVI

Conforme a literatura compulsada (SAMPAIO, 1978; TAUNAY, 1921; SCHADEN, 1958; MONTEIRO, 1995), a população das regiões do litoral de São Vicente, Piratininga e Alto Tietê, na época da colonização, era constituída quase inteiramente por falantes de língua tupi. Segundo Machado de Oliveira ([1864] 1978:14), “pelo que se infere dos factos posteriores á conquista da região que a princípio teve o nome de capitania de São Vicente, e ao depois de província de São Paulo, era ella habitada [...] por tres nações [...] a dos Guayanás, a dos Tupys e a dos Carijós”.

Anchieta ([1595:fl.1v] 1990:24), logo nas primeiras páginas da *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil* emprega o etnônimo “tupi” para denominar os habitantes daquela região: “os tupis de sam Vicente, que são alem dos tamoyos do Rio de Ianeiro [...]”.

De acordo com Lemos Barbosa, o uso do termo tupi “de início só cabia à tribo dos “tupis” (de São Vicente), tendo-se estendido posteriormente às tribos e subdialetos costeiros e setentrionais” (BARBOSA, 1956:11-12).

A respeito da denominação dos indígenas habitantes da capitania de São Vicente, Machado de Oliveira (1978:17) afirma ter havido

[...] uma anomalia na denominação que se deu a esse gentio, chamando-os de ‘Tupyniquins’, porque, não há facto algum historico que autorise a deslocalização dos indigenas, que tinham este nome, do litoral onde os encontrára Alvares Cabral, ou do da capitania de Ilhéus, onde se fixaram

²¹ Seguimos, aqui, o uso que Prezia (2010) faz da expressão planalto paulista, abrangendo a atual área da Grande São Paulo, chegando, a Oeste, até São Roque; a Leste, até às nascentes do rio Tietê; ao Norte, aos contrafortes da serra da Mantiqueira e ao Sul, à serra de Paranapiacaba.

por muito tempo, sahindo d'ali para o sertão por acoçados pelos Aymorés posteriormente ao povoado da capitania de São Vicente.

Machado de Oliveira faz, ainda, distinção entre o uso genérico e específico do termo tupi. Quando se referindo aos habitantes do litoral paulista, o autor afirma haver “mais probabilidades de que o gentio, que na primitiva habitava o litoral entre Itanhaen e Cananéa, fizesse parte da grande nação Tupy adoptando este nome; porque, dando-se a esta raça o predicamento de nação originaria [...]” (OLIVEIRA, 1978:17). Nesse trecho, Machado de Oliveira faz o uso genérico do termo tupi para indicar a nação de origem dos grupos de língua tupi e o uso específico ao denominar o grupo de São Vicente como tupi.

Rodrigues (2010:27-28) explica que entre os tupinambá, principais habitantes do Rio de Janeiro, o etnônimo “Tupiniquim” era usado para fazer referência a diferentes grupos indígenas. Eles empregavam esse etnônimo tanto para os tupi de São Vicente quanto para os indígenas do litoral do Espírito Santo e do sul da Bahia.

Os tupi de São Vicente, por sua vez, chamavam os tupinambá do Rio de Janeiro de tamoio, como podemos observar nos seguintes trechos retirados da *Arte* de José de Anchieta: “[...] des dos Petiguáres do Paraíba até os Tamoyos do Rio de Ianeiro [...] Os Tupis de Sam Vicente, que são alem dos Tamôyos do Rio de Ianeiro [...]” (ANCHIETA, [1595:fl.1v] 1990:24).

Para Prezlia (2010:163) “os grupos tupi do litoral sul, São Vicente e planalto deviam fazer parte de uma mesma etnia”. De acordo com o autor, o etnônimo tupi era a autodenominação ou a denominação preferencial entre os habitantes da região de São Vicente e do planalto paulista.

A respeito do uso dos termos tupi e tupinambá na linguística, Rodrigues (2010:29) explica que,

de um ponto estritamente linguístico, os nomes tupi e tupinambá têm sido empregados mais recentemente para distinguir aquelas variedades muito próximas, filiadas à família linguística tupi-guarani, com as quais o português entrou em contato no século XVI.

Nesse sentido, entendemos que os habitantes do litoral de São Vicente e do planalto paulista se autodenominavam “Tupi”, sendo “Tupiniquim” uma denominação dada pelos seus inimigos “Tupinambá”. Nesta dissertação, adotaremos o etnônimo “Tupi” para denominar o grupo indígena morador de São Vicente e do planalto paulista.

3.2 Formação da População Paulista nas Primeiras Décadas da Colonização

Como vimos no tópico 3, o início das alianças entre portugueses e índios tupi, na região de São Vicente, é anterior à fundação da capitania. Com a oficialização da colonização, em 1532, a união entre homens brancos (portugueses) e mulheres indígenas (tupi) tornou-se frequente. Mello (1988:183) explica que “a escassez de mulher branca no Planalto de Piratininga fez com que, desde os primeiros tempos, o morador branco procurasse a índia em uniões legítimas ou passageiras e múltiplas”. De acordo com Rodrigues (2010:37), os líderes indígenas, com o intuito “de firmar alianças estáveis com estrangeiros detentores de muitos bens materiais novos e desejáveis” apoiaram, em um primeiro momento, esse tipo de união interétnica.

A escassez ou total ausência de mulheres brancas na região pode ser explicada pelo fato de os primeiros grupos de colonos que desembarcaram na Capitania de São Vicente serem constituídos exclusivamente por homens (muitos deles, degredados ou naufragos). Somente cinco anos após a fundação da capitania, conforme Madre de Deus ([1795]1975: 63-64) *apud* Rodrigues (1996:8), desembarcou, em São Vicente, o primeiro casal português.

As uniões interétnicas, no entanto, não foram interrompidas com a chegada desse e de outros casais e a vinda de esposas portuguesas. O que predominou, na região, nas primeiras décadas da colonização, foi a união entre homens brancos e mulheres tupi.

Outra está a doze legoas pella terra a dentro chamada Sam Paulo, que edificaram os Padres da Companhia, onde há muitos vizinhos, e a **maior parte delles são nascidos das Índias naturaes da terra, e filhos de Portugueses** (Gândavo [1576] 1964:33 – grifo nosso).

Segundo Monteiro (1995:34), a prática da poligamia e do concubinato, além de assinalar a “adoção de práticas nativas pelos portugueses carentes na ausência de mulheres brancas”, marcava “as alianças pactuadas entre portugueses e índios, conferindo aos colonos certo prestígio dentro das estruturas indígenas”. Para o historiador, essa aliança interétnica foi fundamental para a consolidação do controle colonial.

A respeito da união entre europeus e indígenas em São Paulo, mais precisamente na aldeia da Conceição de Guarulhos, temos a seguinte declaração de Machado de Oliveira:

[...] o sitio que foi designado para os Guarulhos continha em si mais elementos de riquezas ruraes do que os outros, o que para aproveitá-las houve o bom senso de amalgamar a raça indígena com a europêa, e mesmo com a africana, cuja introdução em S. Paulo ia progredindo; derivando-se dessa mistura as espécies híbridas conhecidas com os nomes de *mamelucos* e *caríboas* (OLIVEIRA, 1846:228 – grifo do autor).

Nesse contexto, surge, na região, uma população mameluca, isto é, mestiça, “cuja língua materna era o tupi das mães e também de toda a parentela, já que do lado paterno não havia parentes consanguíneos” (RODRIGUES, 1996:8).

Sérgio Buarque de Holanda (1994:189-191), referindo-se às relações e ao estreito contato entre portugueses e índios no planalto paulista, escreveu:

[...] se é verdade que, sem a presença fortemente acusada do índio, os portugueses não poderiam viver no planalto, com ela não poderiam sobreviver em estado puro. Em outras palavras, teriam de renunciar a muitos dos seus hábitos hereditários, de suas formas de vida e de convívio, de suas técnicas, de suas aspirações, e o que é bem significativo, de sua linguagem. E foi, na realidade, o que aconteceu.

Essa situação perdurou por um longo tempo e o idioma tupi prevaleceu entre a população de São Paulo nos primeiros séculos da colonização portuguesa. Como exemplo desse domínio, podemos citar a declaração do Padre Antonio Vieira, em carta datada de 12 de julho de 1694:

as famílias dos portuguezes e índios de São Paulo estão tão ligadas umas ás outras, que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala He a dos índios, e a portugueza a vão os meninos aprender á escola [...]” (Obras Várias, I, Lisboa 1856:249, *apud* Holanda, 1994:88)

3.3 O Processo de Formação e Expansão da Língua Geral Paulista (LGP)

Conforme exposto no tópico anterior, da união entre brancos e mulheres tupi, nasce uma população mameluca de língua tupi. Segundo Rodrigues (1996:8), aos poucos, os tupi de São Paulo, deixavam de constituir um “povo independente e culturalmente diverso [...] e a sua língua passou a reproduzir-se essencialmente como idioma dos mestiços”²².

A língua falada por essa população mameluca vai, paulatinamente, se diferenciando do Tupi genuíno. Nos séculos XVII e XVIII, essa língua, já generalizada pela população paulista, passa a ser denominada LGP. Rodrigues (1996:8) explica que

ainda quando já não mais havia a interferência direta de indígenas nas famílias: a situação linguística das famílias de portugueses casados com mamelucas devia então ser basicamente a mesma das famílias constituídas por mamelucos e mamelucas: **falava-se correntemente a língua original indígena** e apenas o marido e, a partir de certa idade, os filhos homens eram bilíngues em português (ênfase acrescentada).

A respeito do predomínio da língua tupi no ambiente doméstico, entre as mulheres e os servos, temos o testemunho, de 1698, do governador Artur Sá e Meneses:

[...] a maior parte daquela Gente **não se explica em outro ydioma, e principalmente o sexo feminino e todos os servos**, e desta forma se experimenta irreparável perda, como hoje se vê em São Paulo como o nouo Vigario que veio provido naquela Igreja, o qual há mister quem o interprete. (MENESES, 1698 *apud* HOLANDA, 1994:123-124, ênfase acrescentada)

Para Holanda (1994:124), “mais estreitamente vinculada ao lar do que o homem, a mulher era aqui, como o tem sido em toda a parte, o elemento estabilizador e conservador por excelência, o grande custódio da tradição doméstica”.

O início das bandeiras de mineração e de preação dos índios, no século XVII, contribuiu para a influência materna na cultura e na língua da população paulista. Os homens e os filhos maiores saíam em longas expedições de preamento e pesquisas auríferas, deixando

²² Para uma ideia da dimensão e importância dessa população, veja-se a composição de uma das famosas bandeiras paulistas, a de Manoel Preto e Raposo Tavares, que partiu de São Paulo em 1628 para destruir reduções jesuíticas no Guairá e fez, ali, milhares de escravos. Segundo Basílio de Magalhães (1944:160) ela era composta de 70 paulistas, 900 mamelucos e 2 mil índios.

as crianças aos cuidados das mães que, em sua maioria, eram falantes da língua tupi²³. Nesse contexto, as crianças, em seus primeiros anos de vida, eram expostas exclusivamente à língua tupi, tendo contato com a língua portuguesa apenas no início de sua vida adulta.

Para Oliveira (2000:53), “o engajamento dos homens nas longas expedições de preamento do índio e de pesquisas auríferas enfraquece a hipótese de a índia ter adquirido a língua do branco com fins de comunicação”.

Conforme se depreende da literatura compulsada (MEGALE, 2000; SAMPAIO, 1978; RODRIGUES, 1996, 2010), embora muitos bandeirantes entendessem e falassem o português, a língua que prevaleceu nas bandeiras paulistas foi a LGP.

Segundo Sampaio (1978), o predomínio da LGP nas bandeiras era quase total. “E se por toda a parte, onde penetravam, estendiam os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde, se introduzia com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos” (SAMPAIO, 1978: 49-50).

Assim, a área de abrangência da LGP foi largamente estendida pela ação das bandeiras nos séculos XVII e XVIII. Implantada no século XVI, a LGP foi levada pelos bandeirantes de São Paulo para os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná.

No início do século XVII, as bandeiras paulistas deram início a uma série de investidas contra as missões jesuíticas espanholas em busca de escravos guarani que eram levados a São Paulo após a sua captura. Para Martius ([1863] 1969:69), o contato estabelecido durante esse período trouxe para a LGP elementos linguísticos do espanhol e do Guarani.

Je näher den Grenzen der argentinisch Landschaften und Paraguay, um so häufiger mischen sich spanische Ausdrücke ein nähert sich der Dialekt dem eigentlich Guarani, wie es ehemals in den Reductionen der Jesuiten

²³ Oliveira (2000:53) acredita que, por terem sido excluídas do processo de alfabetização, as mulheres da época só falassem a língua tupi.

gesprochen wurde, und in den Schriften von Ant. Ruiz de Montoya fixirt worden war (MARTIUS, [1863]1969: 100)²⁴.

O naturalista também acreditava que, por ter se expandido com as bandeiras, a LGP apresentava maior influência do português.

Sie weichen von der durch die Jesuiten literarisch festgestellten Lingua geral brazilica vielfach ab. Viele Worte bearkunden durch Verkürzung, Zusammenziehung und andere Verstümmelungen, dass sie dem Munde des gemeinen Volkes entnommen sind. In manchen ist der Einfluss der portugiesischen Sprache nicht zu verkennen; wie denn überhaupt der Dialekt, welchem sie angehören, nicht sowohl von Tupi-Indianern im Zustande der Freiheit, sondern von solchen gesprochen wurde, und hie und da noch gesprochen wird, welche unter portugiesischen Einwanderern leben. (MARTIUS, 1969[1863]: 99)²⁵

Lembremos, aqui, que para Altman (2010), o período em que as colônias portuguesa e espanhola estavam unidas sob uma só coroa (1580-1640) fez com que as relações de intercâmbio linguístico e cultural entre as etnias se tornassem ainda mais complexas. Para a linguista, é possível afirmarmos que tanto o Tupi Antigo quanto o Guarani antigo constituem as duas bases sobre as quais se desenvolveram a LGP e o Guarani Paraguaio, línguas gerais formadas na região sul do país. Em relação à LGA, a autora afirma que esta teve como base o Tupinambá.

Cabe ressaltar que o contato linguístico da LGP não foi só com o português e com o Guarani, a LGP teve contato também com outras línguas indígenas,²⁶ como a língua bororo (família Bororo), a língua kaingang (família Jê), no norte do Paraná, e a língua cayapó

²⁴ Quanto mais próximo da fronteira das paisagens argentinas e do Paraguai, mais frequentemente se misturam expressões espanholas e mais se aproxima o dialeto do verdadeiro Guarani, como antes ele foi falado nas Reduções dos Jesuítas, e foi fixado nos escritos de Ant. Ruiz de Montoya (Martius, [1863] 1969:100, tradução nossa).

²⁵ Elas [as palavras da LGP] diferem frequentemente da língua geral brasílica literariamente apresentada pelos jesuítas. Muitas palavras documentam por meio de abreviação, contração e outras supressões, que elas são retiradas da boca de pessoas comuns. Em algumas é indiscutível a influência da língua portuguesa, visto que, em geral, o dialeto a qual elas pertencem não era falado apenas por índios tupi em estado de liberdade, mas também, pelos que viviam sob o domínio dos imigrantes portugueses (Martius, [1863] 1969:99, tradução nossa).

²⁶ Listamos aqui as línguas indígenas com as quais a LGP teve contato ao longo de seu desenvolvimento. Entretanto é importante salientar que não estamos afirmando que, devido a esse contato, a LGP tenha sofrido influências das referidas línguas.

do Sul ou Panará (família Jê), oeste de São Paulo, sudoeste de Minas Gerais e no sul de Goiás (cf. RODRIGUES, 2010).

4. São Paulo no século XIX

No século XIX, mesmo com a intensa disseminação da língua portuguesa entre a população paulista, ainda era possível ouvir, embora de forma esporádica e somente na geração mais velha, a LGP. Sobre isso, temos o seguinte relato do pintor viajante Hercules Florence em 1828 : “Em São Paulo, há sessenta anos, as senhoras conversavam nessa língua, que era a da amizade e da intimidade doméstica. Ouvi-a ainda da boca de alguns velhos” (FLORENCE, 1948:281).

Holanda (1994:130) relata o caso de D. Juana Furquim de Campos, filha de português, que, ainda no início do século do XIX, “não falava sem deixar escapar numerosas palavras do antigo idioma da terra”.

Em 1853, José Innocencio Alves Alvim, um dos informantes de Machado de Oliveira, autor do *VELGB* estudado nesta dissertação, afirma, em correspondência com o Brigadeiro, ter “consultado alguns homens velhos [...] que ainda se recordão de vocábulos indígenas [da língua geral paulista]” (MACHADO, 1936:117). Infere-se da declaração de Alves Alvim que, em 1853, nos arredores da cidade de Iguape, a LGP, embora não fosse mais corrente entre a população da região, ainda estava presente na lembrança da geração mais velha.

Martius & Spix ([1823]1938) chamam a atenção para a presença de traços fisionômicos dos indígenas da região na fisionomia da população paulista, no século XIX:

Que os primitivos habitantes se cruzaram frequentemente com os índios da vizinhança, ninguém duvida, e, pela côr da cutis e formato do rosto, o povo daqui [de São Paulo] faz lembrar, mais do que em outras cidades do Brasil, por exemplo Baía e Maranhão, êsse cruzamento (Spix & Martius 1938[1823], v. I, 206).

Holanda(1994) discorre sobre o caso dos bororo e pareci que, domesticados e catequizados na LGP, não se entendiam com os senhores no século XVIII em outra língua.

Sobre o uso da LGP pelos bororo e pareci, nos séculos XVIII e XIX, temos ainda o seguinte depoimento de Saint-Hilaire:

O capitão da aldeia me disse que, de fato, eles tinham uma outra, mas que os antigos paulistas falavam todos a **língua geral**. Sabiam rezar nessa língua, e os índios de Antonio Pires tinham-na forçosamente aprendido com eles e com seus escravos (SAINT HILAIRE, *Viagem à Província de Goiás*, 1937:132 – grifo do original).

Outro importante depoimento sobre o uso da língua geral no século XIX é a declaração feita por Alcântara Machado em *O Arquivo de Machado D'Oliveira*, artigo que serve como introdução a *Brasileirismos*, uma lista de vocábulos e expressões coletadas por José Joaquim Machado de Oliveira durante suas viagens pelo Brasil. No referido artigo, Alcântara Machado faz menção de alguns termos que eram falados na região de São Paulo, possivelmente no século XIX, e caíram em desuso no século seguinte. De acordo com o autor, “em S. Paulo não mais se ouve chamar *jaguapeva* a um cachorro de pequeno porte, ou *sambiquira* á banha de uma galinha, ou *cigana Paula* á mulher andeja e irrequieta” (MACHADO, 1936:118).

Da declaração feita por Alcântara Machado, podemos inferir que, ainda em meados do século XIX, época em que Machado de Oliveira provavelmente coletou os dados para os seus vocabulários (*VELGB* e *Brasileirismos*), ainda se ouviam, em São Paulo, palavras da LGP.

5. Os Registros Linguísticos da LGP

Le vide des archives, n'est pas le vide de l'Histoire.

Friderico Mauro

Elencaremos, agora, os pouquíssimos registros já conhecidos da LGP e discutiremos as razões para a escassez de documentos de registro dessa língua. Depois, apresentaremos o *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira* de José Joaquim Machado de Oliveira, objeto de estudo desta dissertação, apontando-o como fonte da LGP.

5.1 Os Registros da LGP: do século XVI ao XVIII

Desde os primórdios da colonização portuguesa no Brasil, houve uma preocupação com o registro e a aprendizagem da língua falada por toda a costa leste brasileira. Em 1555, um ano após a sua chegada ao planalto de Piratininga, Anchieta já relatava a sua preocupação com o aprendizado dessa língua a seus confrades de Coimbra:

Quanto à língua, estou nela algum tanto adiante, que é muito pouco para o que soubera se me não ocuparam em ensinar gramática, todavia tenho toda a maneira dela por arte, porque não há cá quem aproveite, somente aproveito-me eu dela, e aproveitar-se-ão os que de lá vierem que souberem gramática (ANCHIETA, 1555, *apud* LEITE, 1945).

Embora haja indícios de que Anchieta tenha escrito a primeira versão de sua *Arte* durante os anos em que viveu entre os tupi de São Vicente, a versão publicada, em Coimbra, em 1595, por Antonio de Mariz, por meio de licença do Ordinário e do Prepósito Geral da Companhia de Jesus em Coimbra, sob o título *Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil*²⁷, foi revista e conformada a variante falada na costa do Rio de Janeiro e na região norte do país.

Mesmo conhecendo as variações diatópicas do Tupi, Anchieta não se detém muito nas diferenças dialetais entre as regiões sul e norte em sua *Arte*, registrando apenas, algumas das variações existentes entre os dialetos de vários grupos tupi da região:

Há alguma diferença na pronúncia, e o uso das diversas partes do Brasil será o melhor mestre.

Os tupis de São Vicente, que são além dos tamoios do Rio de Janeiro, **nunca pronunciam a última consoante do verbo afirmativo**. Em lugar de apab dizem apá, em lugar de asem e apen, asê e apê, pronunciando o til somente, em lugar de aîur, aîu.

Desde os petiguares do Paraíba até os tamoios do Rio de Janeiro, pronunciam inteiros os verbos acabados em consoante como apab, asem, apen, aîur (ANCHIETA, 1990 [1595]:24 – ênfase acrescentada).

O jesuíta discorre, ainda, sobre a existência de uma diferença morfológica entre esses dialetos: “Nota obiter, que cõmumente os uerbos os começados por, m, actiuos tem, i.

²⁷ A *Arte* de Anchieta foi o segundo documento sobre línguas americanas, sendo antecedido apenas pela *Gramática do Quéchuá*, datada de 1560.

depois do artigo, ainda que em algũas terras pronunciaõ muitos sem elle” (ANCHIETA, 1990[1595]:48). Aqui, conforme explica Anchieta, os verbos transitivos iniciados por “m”, na forma indicativa, não recebem o prefixo relacional “i-” após o prefixo de sujeito na variante vicentina.

Conforme Navarro (2005:13), grande parte da poesia lírica e do teatro produzido por Anchieta entre 1554 e 1562 está escrito na variante de São Vicente. De acordo com o filólogo, o jesuíta, repetidas vezes, empregou em um mesmo texto as duas variantes.

Para Edelweiss, as “influências meridionais são inegáveis” na obra de Anchieta. Tais influências podem ser atribuídas ao fato de o jesuíta ter escrito os capítulos essenciais de sua *Arte* até 1570, enquanto residia entre os tupi de São Vicente.

O *Vocabulário na Língua Brasílica* (doravante: *VLB*), manuscrito anônimo datado de 1622 e publicado em 1938 por Plínio Ayrosa, também, destaca algumas das variações dialetais entre os grupos do sul e do norte: “Acerca que, ou quase que – Cuer [...] O tupi diz. Çô. (AYROSA, 1936:85), “Cesto entre os tupi. – Aiacâ” (AYROSA, 1838:150), “Coentro. – Tamejuã, entre os tupis” (AYROSA, 1838:172) etc.

Em comunicação proferida no *II Colóquio sobre Línguas Gerais*²⁸, Rodrigues e Monserrat apresentaram “um novo antigo documento” da LGP à comunidade acadêmica. O referido documento trata-se de um manuscrito da Biblioteca Nacional, provavelmente do século XVIII, intitulado *Vocabulário da Língua Geral dos Índios das Américas: Pernambuco, Pará, Maranhão, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gerais* (doravante: *VLGIA*), parte impresso e parte manuscrito que, segundo nota, pertenceu a Camilo Castelo Branco. O documento consta de 440 entradas e não traz indicação de data e autor. Descreveremos esse documento com mais detalhes no próximo tópico.

Em *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*, Auguste de Saint Hilaire nos apresenta uma pequena lista de palavras da LGP (48 vocábulos)

²⁸ Ver nota 5.

colhidas por ele no início do século XIX em comunidades de mestiços de índios bororo e negros na província de Minas Gerais (SAINT HILAIRE, [1847] 1937:254-255).

Atualmente, o principal documento que conhecemos da LGP é o dicionário de verbos, não datado e de autor desconhecido, compilado e publicado pelo naturalista alemão Carl Friedrich von Martius em seus *Glossaria linguarum brasiliensium* [*Glossários de Diversas Lingoas e Dialectos, que fallam os índios no Imperio do Brazil*], sob o nome de “Tupi Austral” (MARTIUS, [1863] 1969:99-122). Esse documento foi entregue a Martius por Ferdinand Denis, um importante historiador e bibliógrafo francês que residiu no Brasil entre os anos de 1816 a 1821.

Além dos documentos supracitados, há, ainda, uma declaração de Couto de Magalhães (“Viagem ao Araguaya,” 1863:92), na introdução do vocabulário Avá-Canoeiro, na qual, o autor afirma que “muitos dos nomes constantes do vocabulário [...] são hoje correntes entre os paulistas do povo, chamados caipiras naquella Provincia”²⁹. Da declaração de Magalhães, infere-se que havia, ainda, em meados do século XIX, diversas expressões da LGP no discurso dos “caipiras” paulistas. Sobre esse fato, temos, também, o testemunho de Alcântara Machado em *O Arquivo de Machado D’Oliveira*.

Podemos apontar, ainda, como testemunho da LGP, a toponímia do interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais, do sul de Goiás e do norte velho do Paraná.

5.2 O Manuscrito 10,1,10 da Biblioteca Nacional: *Língua Geral dos Índios das Américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]* (VLGIA) – séc. XVIII

O manuscrito da Biblioteca Nacional, catalogado sob o nº 10,1,10, consta de 7 folhas não numeradas, parte impressas e parte manuscritas em Tupi e português. A parte portuguesa está impressa à esquerda, em 440 entradas, acompanhada pela parte manuscrita em Tupi, seguida pela tradução manuscrita em português. Para todos os itens em Tupi, o

²⁹ Magalhães cita os seguintes vocábulos como exemplo: *tiguera, avaxi, itanhaen, ajuruhy* e *ita*.

copista coloca a palavra tupi e depois “quer dizer” e, em seguida, a tradução em português. Somente na primeira entrada a expressão “quer dizer” se encontra completa, nas demais, é “qer dizer”. A parte em português, à esquerda, encontra-se impressa; todo o resto é manuscrito.

*Deos Tupan quer dizer Deos
Pai ruva qer dizer pai
Mãi su qer dizer mai*

Encadernado, o manuscrito traz na capa o título *Vocabulário da Língua Geral* e na primeira página, ao alto, *Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]*. O documento não traz indicação de autor ou data. Ao final da última página do manuscrito, há uma anotação em francês acerca dos numerais em Tupi. A caligrafia dessa anotação, no entanto, difere daquela no restante do manuscrito.

*dans leur langue ils ne content.
que jusqu'a' neuf*

Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paulo e Minas Gera[is]

Deos Tupan quer dizer Deos.
+ Pai ruva g. er dizer Pai.
+ Mãi tu g. er dizer Mai.
+ Filho raiva g. er dizer Filho.
+ Filha raiva g. er dizer filha.
+ Irmão quervira g. er dizer Irmão.
+ Irmã riguera g. er dizer Irmã.
+ Marido Mênã g. er dizer Marido.
+ Mulher rembirecõ g. er dizer Mulher.
+ Rapariga Cuthamã g. er dizer Rapariga.
+ Rapaz Culumim g. er dizer Rapaz.
+ Menino mitanqua g. er dizer Menino.
+ Homem apubã g. er dizer Homem.
+ Homens apua g. er dizer Homens.
+ Cabeça a Canqua g. er dizer Cabeça.
+ Cara rora g. er dizer Cara.
+ Nariz tona g. er dizer nariz.
+ Ventas nhapungua g. er dizer ventas.
+ Olho rula g. er dizer Olho.
+ Sobrancelhas puti vutara g. er dizer Sobrancelhas.
+ Pestanas vesã pava g. er dizer pestanas.
+ Orelha nanbi g. er dizer Orelha.
+ Testa sãvape g. er dizer Testa.
+ Cabellos aiva g. er dizer cabellos.
+ Faces sãvã g. er dizer Faces também faces.
+ Boca surã g. er dizer Boca.
+ Garganta sequiva mocosava.
+ Beiços rumbi g. er dizer beiços.
+ Dentes rãrã g. er dizer dentes.
+ Língua rãpelum g. er dizer Língua.
+ Barba sem durava g. er dizer Barba.
+ Peicoço g. er dizer Peicoço.
+ Sovaco sequiva quãrã.
+ Cotovelos sequiva rãrã.

Figura 1 – A primeira página do manuscrito do “Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paulo e Minas Gera[is] (VLGIA)

Hontem *que se g. dixer ontem*
 Hoje *Sei g. dixer hoje*
 Amanhã *irande g. dixer amanha*
 Eis-aqui *que g. dixer ali isto i Exagui*
 Ou
 Como *maran nharu g. dixer Como*
 Aonde *omame g. dixer aonde*
 Quando *Baerato g. dixer quando*
 Que *Bae g. dixer que*
 Quem *avate g. dixer quem*
 Com quem *ava iruna g. dixer Com quem*
 Com que *Bae pit. g. dixer Com que*
 Debaxo *Bouu pije g. dixer de Baixo*
 Defima *naí Selonta n. Seura nyta Lingua*
 Sem *de*
 Em
 Número *Seui g. dixer numero qumto*
 Hum *gipay. dixer hi*
 Dous *mo Comind g. dixer Dous*
 Tres *Budapu g. dixer tres*
 Quatro *Bu Sappu munan gipay. dixer quatro*
 Sinco *Budapu munan mo Comind g. dixer cinco*
 Seis *Bu Sappu Sappu g. dixer seis*
 Sete *Budapu Sappu munan gipay. dixer sete*
 Oito *Bu Sappu Sappu munan mo Comind g. dixer oito*
 Nove *Budapu Sappu Sappu g. dixer nove e nao conta mo*
 Dez
 Onze
 Vinte
 Trinta
 Cem
 Mil

*no de a lang. seu langal of se. content
 que uou a neaf.*

Figura 2 – A última página do manuscrito do “Vocabulário da Língua geral dos índios das
 américas: Pernanbúque, Parã, Marinhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paulo e Minas Gera[is]
 (VLGIA)

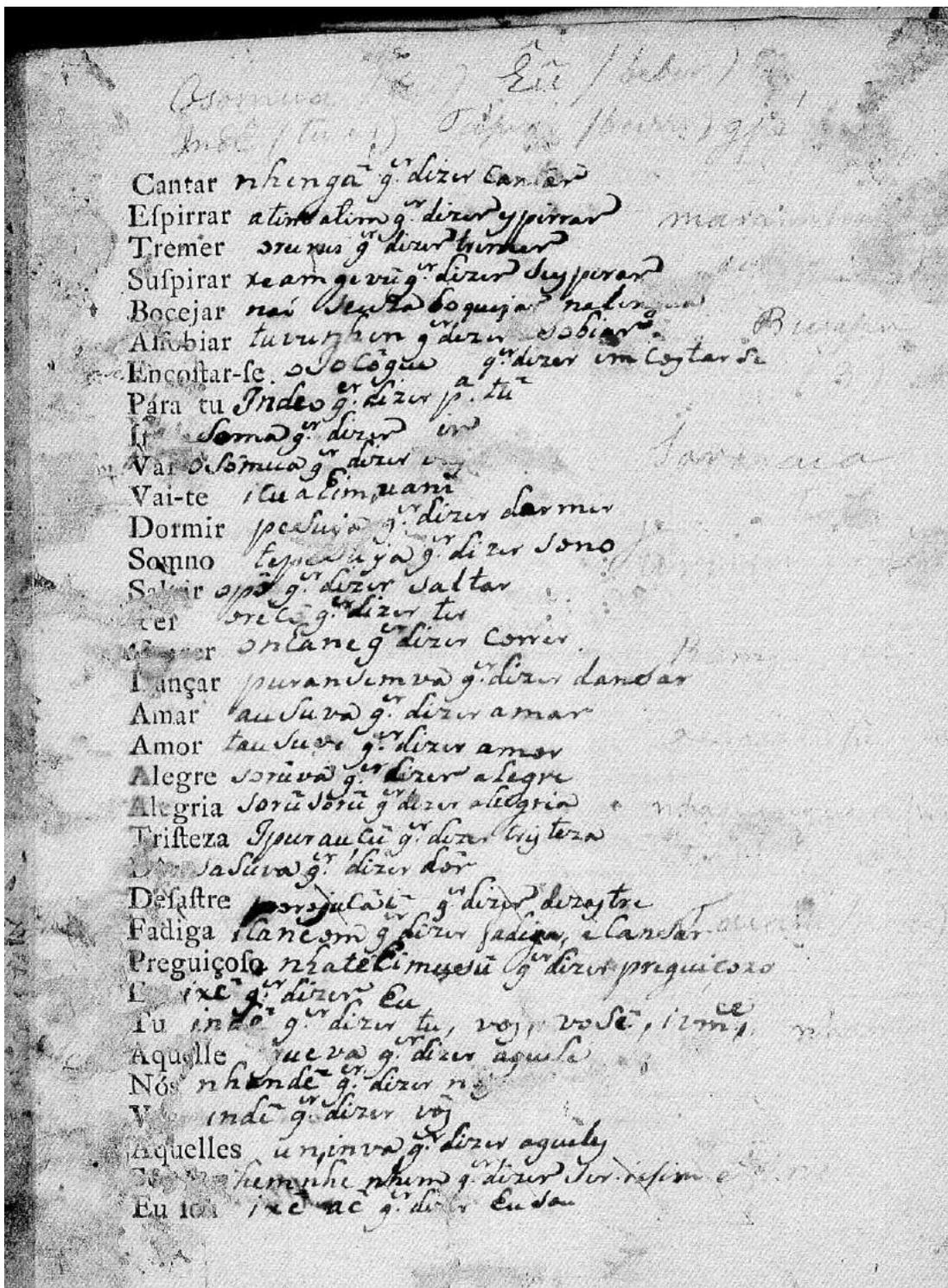


Figura 3 – Página medial do manuscrito do “Vocabulário da Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Pará, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janr°, S. Paulo e Minas Gera[is] (VLGIA)

Como pode-se observar nas figuras 1, 2 e 3 o manuscrito apresenta algumas deficiências. Está puído e manchado em certos pontos, impossibilitando a leitura, em alguns trechos, e exigindo, portanto, restituições de texto. A letra, também, nem sempre é de leitura fácil. Há acréscimos e correções a lápis em letra diferente do copista (ver fig. 3). Várias palavras impressas (à esquerda) não são preenchidas em Tupi.

Na contracapa, encontramos, quase apagado, o seguinte texto:

Jab...y exemplar unico
serviamse destes resumos
linguísticos os jesuítas qdo
pregavam na America

C. Cast. Br.

Um breve exame de seus dados permite-nos reconhecer, ali, muitas das características da LGP apontadas por autores como Anchieta (1990), Edelweiss (1947) e (1969), Martius ([1863]1969) e Lemos Barbosa (1956).

Contrastando-o com o *DV* de Martius, atual principal documento de registro da LGP, nota-se que há algumas similaridades entre eles. Em ambas as obras, repetidas vezes, encontra-se um *v* nas palavras do Tupi em que os vocabulários jesuíticos anotaram uma consoante *b*:

AVÁXI – trigo (*DV*)
AVATI – senteyo e milho e trigo (*VLGIA*)
AICOVÊ – viver (*DV*)
COVEVO – viver, está vivo (*VLGIA*)

Essa mudança de *b* para *v* é igualmente notada na lista de vocábulos de Saint-Hilaire, no *VELGB* de Machado de Oliveira e está presente em um dos vocábulos da LGP apresentados por Couto de Magalhães na introdução do *Vocabulário Avá-Canoeiro*.

JAVA – cabelos (SAINT-HILAIRE:254)
URAROVA – folha (SAINT-HILAIRE:254)

AVA ou ABA – cabelos (*VELGB*:129)
AVAXI – milho (MAGALHÃES:92)

Nota-se, também, nos registros analisados, a transformação da vogal alta não-arredondada *y* em *u*.

IPU ANTAN – força (VLGIA)	> <i>pyatã</i>
PUANTAN (~ PÚATAN) – força	
PUÂ – estômago (VLGIA)	> <i>pyá</i>
PUÁ – estômago (DV)	
ROÛ – frio (VLGIA)	> <i>roy</i>
RÔÚ – frio (DV)	
UVÛ – terra (VLGIA)	> <i>yby</i>
UVÚ – terra (DV)	
VURA – pau (VLGIA)	> <i>ybyrá</i>
URA – pau (DV)	
VUTÛ – vento (VLGIA)	> <i>ybytu</i>
VUTÚ – vento (DV)	
JÛVA – braço (VLGIA)	> <i>jybá</i>
YÚVÁ – braço (DV)	

O emprego de *u* pelo *y* é igualmente notado, como veremos mais adiante, em outros documentos de registros da LGP, a lista de vocábulos do dialeto da aldeia do Rio das Pedras recolhidos por Saint-Hilaire e o *VELGB* de José Joaquim Machado de Oliveira.

5.3 Dicionário de Verbos: português tupi-austral e alemão (DV) – séc. XVIII

O *Dicionário de Verbos. Zeitwörter* foi incluído pelo famoso naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius no segundo volume de suas *Contribuições para a Etnografia do Brasil*. O DV apresenta 971 entradas, antecedidas por uma pequena introdução de duas páginas em alemão, ocupando as páginas 99 a 122 dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Martius declara, na introdução, ter recebido o manuscrito, parcialmente destruído, de seu amigo, Ferdinand Denis, funcionário da Biblioteca de Sainte Genevière em

Paris. Segundo Martius, a lista teria sido levada do Brasil e entregue a Ferdinand Denis por Emile Adêt³⁰.

O documento trata-se de um dicionário trilingue, com entradas em português, seguidas das versões em LGP, às quais Martius acrescentou a versão em Alemão.

chorar – *yacioi*, weinen. (DV:104)

Em diversas entradas, Martius apresenta, após as versões em português e alemão, a tradução literal da expressão em LGP, como se pode observar nas entradas abaixo.

aceitar – *aboike-xi-pû-a*, empfangen, (deixo entrar no coração, ich lasse eingehen in's Herz). (DV:101)

cortejar – *ayoóque che xapeo* (port.), den Hof machen, grüssen, (*tirei meu chapeo*, ich habe gezogen meinen Hut). (DV:106)

enfardar – *eimannaa bae i sacco*, (port.) einpacken, (*embrulhar coizas sacco*, einwickeln Sachen in den Sack). (DV: 110)

Note que os vocábulos derivados do português são identificados por Martius com (port.). Encontramos, no DV, 6 entradas marcadas com essa anotação. Quando havia dúvidas em relação à origem do vocábulo, Martius acrescentou um ponto de interrogação ao lado da menção (port.).

esperar – *ôsarâ*, hoffen, (*oxalá* port. ?) (DV:106)

³⁰ *Gegenwärtige Liste verdanke ich meinen Freund, dem rühmlichst bekannten Literaten, Hrn. Ferd. Denis, Beaten an der Bibliothek de S. Geniève zu Paris, welchen sie von Hrn. Emile Adêt aus Brasilien mitgebracht worden ist* (MARTIUS, 1867:99).

Verbos. Zeitwörter.

Portuguez — Tupi-austral — Deutsch.

A.	
<p>abaixar — <i>ioboëü</i>, niederdrücken. abalar — <i>omongoë</i>, bewegen. abanar com abano — <i>vutuapô</i>, fächeln, abkühlen. abominar — <i>ndaroviar-neg</i>, ver- wünschen. aborrecer — <i>nboyarabo</i>, verab- scheuen. abraçar — <i>onhemamá</i>, umarmen. abrandar (id est bolir) — <i>onbocué</i>, nachlassen, lindern, wegrücken. absolver — <i>yóvacá</i>, lossprechen. abster — <i>tenhê</i>, zurückhalten. abuzar — <i>ndoxereroviai</i>, miss- brauchen. acabar — <i>amombá</i>, endigen. acabou-se — <i>opá (nda-coa-co- pape)</i>, es ist vorbei. acautellar — <i>ndequakôrupe</i>, Vor- sicht anwenden. — <i>naó passe porahi-pormedo</i> — <i>xemundui</i>, geh' nicht hierher aus Furcht. — <i>por vergonha</i> — <i>xeáxem</i>, geh' nicht hierher aus Schaam. accommodar-se — <i>okoerá</i>, sich fügen. accuzar — <i>amombeü</i>, anklagen. aceitar — <i>aboike-xi-pü-a</i>, em- pfangen, (<i>deixo entrar no cora- ção</i>, ich lasse eingehen in's Herz).</p>	<p>acertar no alvo — <i>ayapicua</i>, in's Weisse treffen (<i>atirar sei</i>, ich weiss zu treffen). achar — <i>aiacê</i>, finden. accometer o inimigo — <i>ambo-yeni</i>, den Feind angreifen, (<i>chego a outro vez</i>, ich komme zum andern Mal). acompanhar — <i>irûnamo oço</i>, be- gleiten. aconselhar — <i>ameem xe acanga</i>, rathen, (<i>dou minha cabeça</i>, ich gebe meinen Kopf). acrescentar — <i>ambo-guassû</i>, ver- mehren (<i>fez grande</i>, machte gross). acudir — <i>ayopuque</i>, beistehen. açular o cão (estumar) — <i>am- boyai-ya guâra</i>, den Hund hetzen, (<i>meti raiva o caxorro</i>, ich gab Wuth dem Hund). adiantar — <i>tenondê-recui</i>, fördern, (<i>para diante puxa</i>, nach vor- wärts stossen). adivinhar — <i>oieua mbae oye ju- raêno</i>, vorher sagen. administrar — <i>nhande-boycuâ-ra- ma</i>, verwalten, handhaben, (<i>nos acostumar para</i>, uns gewöh- nen daran).</p>

Figura 4 – Primeira página do *Diccionario de Verbos. Zeitwörter. Portuguez – Tupi-austral – Deutsch.*

Para Rodrigues (1996), o DV é, atualmente, a principal fonte sobre a LGP.

Infelizmente a documentação de que dispomos da LGP é muito escassa. [...] O documento principal até agora conhecido é um dicionário de verbos, não datado e de autor desconhecido, mas possivelmente do século XVIII, cujo manuscrito foi publicado por von Martius (RODRIGUES, 1996:8).

5.4 A Lista de Vocábulo do Rio das Pedras por Saint-Hilaire (1847)

Augustin François César de Saint Hilaire (1779-1853) foi um importante botânico e viajante francês. Ele veio ao Brasil em 1816 acompanhando a missão do Duque de Luxemburgo de tomar a posse da Guiana. Durante sua estada na América do Sul, de 1816 a 1822, percorreu os estados brasileiros do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A lista de vocábulos do dialeto do Rio das Pedras foi recolhida por Saint-Hilaire em 1819 em uma aldeia de índios bororo e negros na região do atual Triângulo Mineiro, nas proximidades da atual Araguari. O vocabulário consta de 48 vocábulos. As entradas são em língua portuguesa, seguidas pelas versões no dialeto do Rio das Pedras e, quando há correspondentes, seguidas, também, pelas versões do que ele chamou de ‘dicionário dos jesuítas’ e pelas versões do dialeto de São Pedro.

Vou dar aqui um curto vocabulário do idioma falado na Aldeia-do-Rio-das-Pedras e nas duas próximas, as da Estiva e de Boa-Vista, pondo lado a lado as palavras desse idioma com os da *língua geral*, tal como se encontra no dicionário dos jesuítas, e, além dessas, as do dialeto dessa última em uso entre os índios da sub-raça tupi, habitantes de São-Pedro, na província de Rio-de-Janeiro (SAINT-HILAIRE, 1937:255 – grifo do original).

A seguir, apresentamos, a título de ilustração, um quadro contendo as quatro primeiras entradas da lista de Saint-Hilaire. A lista completa se encontra no anexo xvii.

Quadro I: Reprodução Parcial da Lista de Vocábulos de Saint-Hilaire

Português	Dialeto da Aldeia -do-Rio-das-Pedras	Dicionário dos Jesuítas	Dialeto de São-Pedro
Deus	Nhandinhara	Tupana	Tupan
Sol	Araçu
Lua	Jaçu	Jacy	Jacy
Estrêlas	Jaçutata	Jacitata	Jacitata

Note que, assim como no *DV* e no *VLGIA*, verifica-se no *quadro I* a transformação do *y* presente nos vocabulários jesuíticos para *u* no dialeto do Rio das Pedras.

No texto que segue a lista, Saint-Hilaire tece algumas considerações acerca dos princípios adotados por ele para a grafia das palavras em língua indígena, explicando o valor dos grafemas utilizados.

Para a ortografia das palavras precedentes segui a que foi adotada pelos jesuítas ou, se quiserem, a da língua portuguesa [...]. Acrescentarei que, nas palavras Jaçu e Jacutata, a pronúncia do *ç* se aproxima da *th* inglês; que o *h* é geralmente aspirado; que o *r* participa do *l* (*r* brando); que a pronúncia do *ch* alemão se encontra em *chuhé*, e o *g* alemão em *ug*; que o termo *hubu* se pronuncia muito surdamente; que o som das palavras *chuhé* e *iuha* é surdo, e são muito difíceis de representar por letras; que, enfim, em *nambi* se escorrega levemente sobre o *b* e sobre o *a* em *ondigua* (SAINT-HILAIRE, 1937:255).

De acordo com Saint-Hilaire (1937:255), o dialeto falado na aldeia do Rio das Pedras, “salvo ligeiras diferenças”, é muito semelhante à “língua geral dos indígenas da costa”.

6. A Escassez de Registros

A primeira metade do século XVII, no Brasil, foi marcada pela escravização indígena, polêmica que envolvia colonos e jesuítas. Em São Paulo, no ano de 1640, os jesuítas foram forçados a deixar a região, retornando somente 13 anos mais tarde sob a condição de não se envolverem em questões relacionadas à ‘liberdade do gentio’. Assim, deixaram o trabalho missionário para envolverem-se mais com os colégios nas vilas. Para Preziosi (2010:104) “esta mudança de postura trouxe como consequência, uma diminuição da produção histórica e etnográfica na região”. O autor explica que o sertão era o objetivo da população masculina, de onde traziam o escravo e, posteriormente, o ouro.

Alcântara Machado (1929) explana que, nessa época, o sertão era “a escola por excelência” ([1929] 1965:234). Conforme Ellis Júnior (1948. Bol. FFCL, 96(8):82) “a pobreza, a alta dose de influência indígena, o ínfimo grau de influência lusitana, o descaso completo da metrópole, o insignificante intercâmbio comercial e cultural com as demais regiões” fizeram com que a cultura literária em São Paulo ficasse estagnada.

Somente no século XVIII, segundo Prezia (2010:105), com a descoberta das minas de ouro, a Vila de São Paulo volta a prosperar e com ela, também, a cultura escrita. Nesse período, “surge outra forma de produção documental constituída de relatos, práticas e notícias sobre as novas regiões auríferas” (PREZIA, 2010:105).

Prezia (2010:31) lamenta que – diferentemente de outros europeus que aqui estiveram e que participavam efetivamente do movimento renascentista (Alemanha, França, Inglaterra e Itália), “onde textos sobre povos nativos levavam a sonhar com uma sociedade ideal” – os portugueses não registravam as suas experiências. Para o autor, esse fato é devido à desvalorização desse tipo de literatura por parte dos portugueses. Ele explica que, na época, “Portugal e Espanha estavam mergulhados na Contra-Reforma, instaurando a inquisição e perseguindo hereges e cristãos-novos. Relatos que lembrassem paganismo ou naturismo eram censurados ou destruídos” (PREZIA, 2010:31).

Grande parte dos escritos missionários, cartas, obras históricas, biografias, relatos, gramáticas, vocabulários, obras literárias, sermões e obras catequéticas, se perderam durante a perseguição pombalina. Para Prezia (2010:47), além do extravio desses materiais, a perseguição pombalina inaugurou um “clima antijesuítico que perdurou por muito tempo, dificultando uma avaliação mais objetiva da obra produzida”.

Leite (1945) atribui a escassez de material existente no Brasil a inúmeros fatores como: os atentados sofridos pelas bibliotecas, a falta de cuidado dos próprios jesuítas, cupim, naufrágios, a invasão holandesa e, principalmente, a perseguição pombalina.

No Brasil, a preocupação com o estudo e a documentação das línguas indígenas, principalmente das línguas gerais, se deve, mormente, ao trabalho jesuítico de catequese. Para Prezia (2010:73), Anchieta foi e “continua sendo fonte documental indispensável para os que desejarem conhecer e confrontar a etnohistória e a etnolinguística das populações indígenas meridionais”.

Contribuindo com essa discussão, esta dissertação analisa um documento no qual se observaram indícios de que constitua um dos raros registros da LGP, ou ao menos, de seus

resquícios ainda encontrados no Estado de São Paulo em meados do século XIX. Trata-se do *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira (VELGB)*, publicado sob a autoria do militar e estadista José Joaquim Machado de Oliveira (1791-1867) na *Revista do Arquivo Municipal* da cidade de São Paulo em julho de 1936.

Os dados presentes no documento foram encontrados por José de Alcântara Machado, neto do autor do *VELGB*, em meio aos arquivos deixados por Machado de Oliveira. Alcântara Machado compilou os “apontamentos” de seu avô acerca da “língua geral brasílica” e os entregou à *Revista do Arquivo Municipal* juntamente com uma lista contendo 354 brasileirismos coletados e anotados por Machado de Oliveira.

A *Revista do Arquivo Municipal* publicou a lista de brasileirismos na edição de junho de 1936 sob o título *Brasileirismos* e, logo na edição seguinte, em julho de 1936, o *VELGB*. A versão do documento publicada pela revista é constituída por 1311 entradas. As entradas estão em língua geral seguidas pela sua tradução em língua portuguesa³¹. Na sequência, páginas 172 a 174, há uma lista de 73 entradas denominada *Vocabulario dos Índios Coroados*.

³¹ Mais adiante, descreveremos detalhadamente o conteúdo do *VELGB*.

CAPÍTULO II

DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, explicitaremos os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa. Primeiramente, com o objetivo de contextualizar a produção do *VELGB*, nosso objeto de estudo, discorreremos sobre a vida e a produção intelectual de seu autor, o Brigadeiro José Joaquim de Oliveira. Em seguida, apresentaremos uma descrição detalhada do *VELGB*, levantando hipóteses sobre a origem e local de coleta dos dados e sobre a escolha de seu título. Depois, discutiremos a seleção do material para a análise linguística. Por fim, descreveremos os procedimentos e parâmetros de análise adotados nesta dissertação.

1. O autor: José Joaquim Machado de Oliveira

*Os homens fazem a história, mas é a história que
consagra os homens.*
José Carlos de Macedo Soares

1.1 A trajetória militar, estadista, parlamentar e diplomática de Machado de Oliveira

José Joaquim Machado de Oliveira (1790 – 1867) natural da cidade de São Paulo, filho do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcelos e de D. Anna Esméria da Silva, pertencia a duas das mais tradicionais famílias paulistas, sendo, por parte de mãe, descendente de João Batista Say, o célebre autor francês dos tratados de economia.

Seguindo a tradição dos filhos de nobres e militares da época, consta que Machado de Oliveira foi inscrito na carreira militar com apenas 18 meses de vida, sendo “alistado” na “Legião dos Voluntários Reais”, depois denominada “Legião das Tropas

Ligeiras da Província de S. Paulo”, regimento instituído para atuar na fronteira meridional com a América espanhola³².

Dizem os biógrafos que, mesmo jovem, Machado de Oliveira destacou-se pela sua coragem e inteligência, servindo ao exército brasileiro nas campanhas cisplatinas contra Montevidéu e Buenos Aires: de 1811 a 1812, como tenente; de 1816 a 1827, como capitão, sargento-mor e tenente-coronel. Atuou nas batalhas de São Borja, Passos do Uruguai, Arapeí, Catalão, Taquarembó e Passo do Rosário. Em 1822, ainda no posto de major, foi eleito orador de uma manifestação que pedia a permanência do Príncipe Regente no Brasil.

Favorável à independência do Brasil, logo após o movimento emancipador, Machado de Oliveira dispôs-se a trabalhar pela consolidação administrativa e política do novo país. Participou do governo provisório do sul, de 12 de novembro de 1823 a 8 de março de 1824, onde foi eleito na primeira legislatura. Nesse período, começou a redigir as suas primeiras observações a respeito das populações indígenas do sul: o estudo da “Índole e do Caráter e Costumes dos Guaranis da Província do Rio Grande do Sul, quer como missioneiros ou habitantes das Sete Missões, quer como aldeados nas povoações do campo” e a descrição de “A Celebração da Paixão de Cristo entre os Guaranis” foram retirados de seus diários da “Campanha do Sul”.

Após a independência, foi nomeado presidente e comandante das armas das províncias de Sergipe (1830), Pará (1832), Alagoas (1834), Santa Catarina (1837) e Espírito Santo (1840). No Pará, ele ocupou a presidência da província no período da crise que sucedeu a abdicação de Dom Pedro I. De acordo com o seu biógrafo, Azevedo Marques (1980 [1876]), a pacificação da revolta conhecida como ‘mata lusitano’ deveu-se à “inteligência, tino e energia” de Machado de Oliveira³³.

³² Não era incomum, ao tempo da escravidão, que nas campanhas militares do Império um proprietário ou seus filhos fossem inscritos como “voluntários” de Sua Majestade, sendo porém que o dever de marchar ao conflito era transferido a um escravo da família. Durante a Guerra do Paraguai esse recurso foi muito corrente. Isso talvez explique o “engajamento” de Machado de Oliveira antes dos 2 anos de idade. Veja a respeito: SCARANO, Julita, **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII**, São Paulo, Ed. Nacional, 1978.

³³ Conforme Reis (1978:106-110), a atuação de Machado de Oliveira no Pará não foi tão eficaz quanto sugerem os seus biógrafos.

A atuação política de Machado de Oliveira não se restringe à política interna do país. Em 1843, ele foi nomeado encarregado de negócios e cônsul geral do Brasil nas Repúblicas do Peru e da Bolívia.

Em junho de 1844, ele recebeu a tarefa de compilar o mapa hidrográfico dos rios Paraná e Paraguai. No mês seguinte, por ordem do governo, inspecionou a fábrica de ferro de Ipanema (na região de Sorocaba, interior paulista) e escreveu uma memória sobre o seu estado e necessários melhoramentos. Neste mesmo ano, com mais de trinta e cinco anos de serviços, Machado reformou-se no posto de Brigadeiro

Após ser reformado, Machado de Oliveira tentou se afastar da atividade política, dedicando grande parte de seu tempo ao estudo das coisas de seu país e principalmente de sua cidade natal, São Paulo. Mas, segundo seus biógrafos, ele não conseguiu se habituar a esse novo estilo de vida e voltou à atividade, agora na vida política, administrativa e literária da província de São Paulo. De acordo, Macedo Soares, Machado de Oliveira “não se conformava em viver sem um objetivo definido, sem uma finalidade imediata” (SOARES, 1955:15).

Em dezembro de 1845, escreveu uma de suas mais importantes obras, a *Notícia Raciocinada sobre as Aldeias de Índios da Província de São Paulo desde seu começo até a atualidade*. Esta importante obra revela a postura favorável de Machado de Oliveira em relação aos direitos dos índios da província. Segundo o historiador John Monteiro, a *Notícia Raciocinada* constituiu “um instrumento importante para a promoção política do autor”, visto que no ano seguinte, ele assumiu o cargo de primeiro Diretor Geral dos Índios da Província de São Paulo (MONTEIRO, 2001:23).

Como Diretor Geral dos Índios, competia a Machado de Oliveira, conforme postulado no § 1º do artigo 1º do decreto 426 de 24 de julho de 1845, a tarefa de:

examinar o estado, em que se acham as aldeias atualmente estabelecidas; as ocupações habituais dos índios, que nelas se conservam; suas inclinações e propensões; seu desenvolvimento industrial; sua população, assim originária, como mestiça; e as causas, que têm influído em seus progressos, ou em sua decadência (Texto do “Regulamento acerca das Missões de Catequese e Civilização dos Índios”, Carneiro da Cunha, 1992:191).

Nesse cargo, Machado de Oliveira preocupou-se em investir no que se denominava “catequese e civilização” dos povos da terra. Em sua *Notícia Raciocinada*, ele apontou para a “necessidade de se promover e garantir a civilização e bem-estar dos indígenas”³⁴. Nesse período, segundo Alcântara Machado, Machado de Oliveira coletou grande parte dos dados sobre a LGP presentes no *VELGB*. Essa valiosa informação não parece encontrar-se em qualquer outro documento publicado, e é a única pista explícita sobre a origem do *Vocabulário Elementar* de que trata esta dissertação.

Em 1856, ele assumiu o cargo de Delegado do Diretor Geral das Terras Públicas e Colonização. Não há, em suas biografias, informações claras sobre a sua formação intelectual. Monteiro (2001:121) acredita que “pela qualidade e a quantidade de seus trabalhos sugere um aprendizado em engenharia militar que nada ficou devendo aos bacharéis de Coimbra, contemporâneos seus”.

Segundo Soares (1955), as ações de Machado de Oliveira em tudo refletiam o seu temperamento “irrequieto e instável.” Ele não conseguia “dedicar-se por muito tempo a determinada obra. Tinha necessidade de deixá-la por outra, mas enquanto isso não acontecia, tudo fazia, sem medir sacrifícios, para a realização do que tinha em mente” (SOARES, 1955:16). Porventura, esse seja um dos motivos de o *VELGB* ser uma obra inacabada, como será demonstrado mais adiante nesta dissertação.

1.2 José Joaquim Machado de Oliveira: cultor das ciências e das letras

Conhecido e respeitado por sua atuação como militar e estadista, Machado de Oliveira também se destacou por uma rica e vasta produção intelectual. Sócio ativo da *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, instituição na qual publicou grande parte de seus trabalhos, Machado de Oliveira deixou 36 trabalhos publicados e diversos manuscritos inéditos.

³⁴ OLIVEIRA, J. J. Machado de. Notícia Raciocinada sobre as aldeias de índios na província de São Paulo, desde o seu começo até a actualidade. In: **Revista do IHGB**, t. VIII, p. 250, 1846.

Além de legar ao IHGB a sua vasta produção intelectual, Machado de Oliveira, também, fez diversas doações a esse instituto. Consta, em 1846, o envio de uma coleção de cartas, plantas e esboços topográficos referentes à província do Mato Grosso, Rio Paraguaí e Rio Prata.

Os seus trabalhos publicados se referem a uma variedade de assuntos. Ao longo dos anos, ele dissertou sobre etnografia, criação do bicho da seda, estatística, recrutamento militar, imigração, colonização, geografia, além de biografias e relatos de viagens.

Merecem nossa especial atenção os trabalhos de etnografia escritos durante as viagens de Machado de Oliveira pelo Brasil:

- *Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil* (1842);
- *A celebração da Paixão de Cristo entre os Guaranis: episódio de um diário da campanha do sul* (1842);
- *Se todos os indígenas do Brasil, conhecido até hoje, tinham ideia de uma Divindade, ou se sua Religião apenas circunscrevia a uma mera supersticiosa adoração de “fetiches”; se acreditavam na immortalidade da alma, e se os seus dogmas religiosos variavam segundo as diversas nações e tribus? No caso da afirmativa, em que differçavam elles entre si?* (1844);
- *A emigração dos cayuaz: narração coordenada* (1855);
- *Notícia raciocinada das aldeias da província de S. Paulo desde seu começo até a atualidade* (1845);
- *Os Caiapós, sua origem, descobrimento, acometimentos pelos mamelucos, represália, meios empregados com violência e com a arma em punho para subtraí-los às matas, esses meios substituídos pela brandura* (1861).

Em *Notícia Raciocinada sobre as aldeias de índios na província de S. Paulo, desde o seu começo até a actualidade*, Machado de Oliveira nos apresenta um histórico da presença indígena e dos aldeamentos na província de São Paulo (que compreendia, então, também o atual estado do Paraná) até 1846. O autor acreditava no método de catequese dos jesuítas, mas criticava a ambição que prevalecia na administração dos aldeamentos durante o período colonial.

Na província de S. Paulo, como nas demais do Brasil, predominou nos conquistadores a idéia fixa de exterminar, trucidar e desolar homens e cousas que ahi deparassem, comtanto que sua ambição fosse satisfeita, seu domínio se estabelecesse, e suas idéas de exagerada crença religiosa prevalecesse, por qualquer modo que fosse, sobre os que ali existiam (OLIVEIRA, 1846:205).

Machado de Oliveira elogia, contudo, “o princípio de humanidade e bom senso dos paulistas”, pois, segundo ele, logo que puderam, os paulistas foram “estranhos ás sugestões de ignobil ambição e do fanatismo religioso” (OLIVEIRA, 1946:220).

A versão da *Notícia* editada e publicada na Revista do IHGB traz, em anexo, uma carta do Barão de Antonina³⁵, escrita em 2 de setembro de 1843 e dirigida ao governador da província, Sr. Coronel Joaquim José de Souza. Na carta, o Barão relata o aparecimento de indígenas em sua fazenda em Itapeva e fala sobre a necessidade de civilizá-los.

Ilmo. E Exmo. Sr. - appareceram hotem, [1/9/1843] voluntariamente n'esta fazenda nove indígenas d'ambos os sexos pertencentes a uma tribu, que se acha alojada na margem esquerda do rio Taquary, não muito longe da Faxina. [...] Esta tribu compõe-se actualmente de 200 indivíduos pouco mais ou menos, e achando-se alojada ha bastante anos no mencionado lugar, tem conseguido, pelo commercio com os moradores visinhos ao sertão, um tal qual polimento, que os coloca em um termo medio entre a civilização e a barbaria (MACHADO, [1843] 1846, pp. 250-254)³⁶.

Machado de Oliveira estabeleceu uma estreita relação com o referido Barão e, através dele, obteve diversos relatos sobre as expedições que abriram as entradas interligando a comarca de Curitiba a Cuiabá. Foi, também, através do Barão que o Brigadeiro recebeu a memória *A emigração dos Cayuás*, redigida por João Henrique Elliot, ex-marinheiro

³⁵ A respeito de João da Silva Machado, ver tópico 3, subtópico 3.2.2 deste capítulo.

³⁶ **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)**, t. VIII, pp. 250-254, 1846.

americano e empregado do Barão. Nessa memória, Elliot relata o assentamento em aldeia de um grupo indígena procedente da região das antigas missões do Guairá. *A emigração dos Cayuás* foi entregue ao IHGB por Machado de Oliveira e publicada pela *Revista* em 1898.

Em sua *Notícia Raciocinada*, ele declara ter contatado o Barão de Antonina para a obtenção de informações sobre os alojamentos de Itapeva, em 1843: “Dirigi-me ao mencionado Barão; e, accedendo este á minha exigência, teve a benignidade de satisfazer-me completamente de quanto dependia saber a tal respeito” (OLIVEIRA, 1846:248). As informações fornecidas pelo Barão foram incorporadas à *Notícia*.

Machado de Oliveira e o Barão de Antonina se correspondiam regularmente. Foi a partir dessa comunicação com o Barão que Machado de Oliveira, em 1846, o Brigadeiro envia ao IHGB vários objetos e cartas topográficas do Pará. Esses materiais foram obtidos em espólio do major d’Alincourt.

Ao descrever a paixão do avô pela língua indígena, Alcântara Machado menciona que o Brigadeiro projetava escrever um livro sobre a “língua brasileira”.

Entre as apostilas, que não teve o ensejo de aproveitar no livro projetado e não escrito, aparece esta que bem traduz o entusiasmo do autor, expendido no estilo então reinante: “o idioma guarani falado por uma mulher desta raça é tão suave como o murmúrio d’água ou como o ruído das palmas ou casuarinas meneadas por um zéfiro brando”. Há ainda esta frase inacabada: “no suave dialeto desprendido por entre risos...” (MACHADO, 1936:117-118).

Conforme reportado no capítulo anterior, além do *VELGB*, a *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* publica, em 1936, outro material inédito de J. J. Machado de Oliveira, uma lista de vocábulos e expressões intitulada *Brasileirismos*. De acordo com Alcântara Machado trata-se de um “rol de brasileirismos que Machado d’Oliveira foi apanhando no curso de suas peregrinações pelas várias regiões do país, desde o Pará até o Rio Grande” (MACHADO, 1936:118).

2. Material de Consulta

Conforme explicitado no tópico anterior, segundo informações disponibilizadas pelo compilador do *VELGB*, Machado de Oliveira consultou as obras de Figueira, Montoya e o manuscrito da segunda parte do *Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez* para a preparação de seu *Vocabulário*. Abaixo, discorreremos, brevemente, acerca de cada uma dessas obras.

2.1 A Arte da Língua Brasília de Luís Figueira

A *Arte da Língua Brasília* do padre Luís Figueira foi impressa, pela primeira vez, em 1621, em Lisboa. A *Arte* foi, provavelmente, composta por Figueira durante o longo período em que esteve em contato com falantes do Tupinambá no Maranhão. Figueira, ao chegar ao Brasil, em 1602, passou alguns anos nos centros coloniais da costa e, em 1607, foi para a região do Maranhão e Grão-Pará, onde permaneceu até 1620. Para Edelweiss (1947:71), o gramático deve ter sofrido influências “antes do Norte e, inicialmente, talvez mais dos mestiços e convertidos do que dos Índios em plena liberdade”.

2.2 A Arte, Tesoro, Vocabulário e Catecismo de António Ruiz Montoya

Entre os anos de 1639 e 1640, o jesuíta peruano António de Ruiz Montoya apresenta, na corte de Felipe IV, o seu conjunto de obras completo sobre a língua guarani: *Tesoro* (1639), *Arte*, *Vocabulario* y *Catecismo de la lengua guaraní* (1640). O *Tesoro de la lengua guaraní* foi publicado em Madri, em 1639, e constitui o primeiro grande dicionário da língua autóctone do Paraguai. A *Arte*, o *Vocabulario* e o *Catecismo de la lengua guaraní* foram publicados no ano seguinte, em 1640, também em Madri. As obras de Montoya fixam a variedade falada no século XVII na região do Guairá, interior sul do país, oeste do atual estado do Paraná.

2.3 O *Diccionario Brasileiro-Portuguez*

O *Diccionario Brasileiro-Portuguez*, segunda parte do *Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasileiro-Portuguez*, baseia-se em um manuscrito original do final do século XVIII da Biblioteca Nacional (BN), sem indicação de data e título. O manuscrito consta de 242 folhas, não numeradas. Cabral (1880:205) atribui a autoria do manuscrito a frei José Mariano da Conceição Velloso: “Manuscrito original da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Letra do p. fr. José Marianno da Conceição Velloso, seu autor”³⁷.

O *Diccionario Portuguez-Brasiliano (DPB)*, primeira parte, foi publicado em 1795 por frei José Mariano da Conceição Veloso, sem designação de autor, sob o título *Diccionario Portugues e Brasiliano, ou da Língua Geral do Brasil*. Conforme Martins (1949:122), a primeira parte do *DPB* foi “extraída de um manuscrito anônimo, datado de 1751”. O manuscrito original consta de 90 folhas, não numeradas, medindo 17 centímetros de altura por 12 de largura.

No prólogo da primeira edição do *DPB*, de 1795, Veloso afirma que “dentro em pouco tempo se te dará a 2ª parte ou reverso deste, com todas as ampliações que forem possíveis, o qual talvez nada te deixará que desejar ao assunto” (VELOSO *apud* AYROSA, 1934:23).

Em 1934, a *Revista do Museu Paulista* publicou a reedição da primeira parte do *Dicionário Portuguez-Brasiliano*, seguida de sua segunda parte, *Diccionario Brasileiro-Portuguez*, ordenada e prefaciada pelo professor Plínio M. da Silva Ayrosa. Nessa reedição do *DPB*, atribuiu-se a Frei Onofre a autoria da primeira parte do dicionário, *DPB*. De acordo com Ayrosa (1934), essa última edição do *DPB* saiu com diversos erros tipográficos. O autor declara, ainda, que, nos originais da 2ª parte, consta “a falta absoluta de accentuação das palavras, as repetições de termos em varios cadernos, a variação de grafia e a dispersão das notas” (AYROSA, 1934:128).

³⁷ CABRAL, Alfredo do Valle. *Bibliographia das obras tanto impressas como manuscriptas relativas á língua tupi ou guarani tambem chamada lingua geral do Brazil. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Volume VIII (1880-1881). Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. P.432.

De acordo com Edelweiss (1970:5), o *DBP* “reproduz o tupi deturpado dos mestiços do século XVIII”³⁸. Ainda segundo o autor, ao passo que “o *DPB* fixa exclusivamente o vocabulário e certas feições gramaticais da língua-geral do Maranhão e Amazonas”, em fins do século XVIII e início do século XIX, a segunda parte, o *DBP*, contém um “grande número de notas tiradas da gramática de Figueira” e uma extensa lista de adjetivos e verbos extraídos do *Vocabulário na Língua Brasileira* (EDELWEISS, 1969:131-132). Há, ainda, “termos de Marcgrave, Piso, Laet, Vasconcelos e até dos escravos aculturados de Santa Cruz (Rio de Janeiro); nomes do Amazonas e Santa Catarina, da Guanabara e de Cuiabá” (EDELWEISS, 1969:132). Assim, o *DBP* reúne expressões que datam dos séculos XVI ao XIX e que compreendem todo o território brasileiro.

Nesse sentido, Edelweiss (1969) acredita que o *DBP* recebe de alguns estudiosos da área um mérito que não lhe é merecido, salvo para estudos comparativos. Para o tupinólogo, a autoria da 2ª parte do *Dicionário Português-brasileiro e Brasileiro-Português* não pode ser atribuída a uma única pessoa. Segundo ele, não há um autor do *DBP*, existem “apenas compiladores de entradas de dois vocabulários heterogêneos, ainda que afins” (EDELWEISS, 1969: 133).

Para Martins (1949), o *DBP* é cópia em reverso do *Vocabulário na Língua Brasileira*. De acordo com a autora, a 2ª parte do *DPB* foi baseada em cópias de um manuscrito autêntico da BN que se encontram no Museu Paulista.

Conforme Alcântara Machado, o autor do *VELGB* teve acesso a esses originais, que segundo ele, estavam na Biblioteca Pública da Corte. Com base nessa declaração, supomos que Machado de Oliveira tenha tido acesso ao manuscrito de Veloso, aquele que foi, posteriormente, publicado por Ayrosa na Revista do Museu Paulista.

Confrontando o *VELGB* e o *DBP*, encontramos entre eles consideráveis similaridades que serão discutidas mais adiante nesta dissertação.

³⁸ In: SAMPAIO, Theodore. *O tupi na geografia nacional*. (5ª ed.) São Paulo, SP: EDUSP, 1987. p. 28.

3. O Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira (VELGB)

O *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira (VELGB)* de Machado de Oliveira foi publicado em julho de 1936, no volume XXV da *Revista do Arquivo Municipal*, 69 anos após a morte de seu autor. O documento foi entregue à revista pelo neto do Brigadeiro, José de Alcântara Machado.

Alcântara Machado (1936:117) afirma ter encontrado “no volumoso arquivo” deixado pelo avô e conservado pela família, “cousas que me parecem dignas de publicidade”. Dentre elas, o autor cita “alguns apontamentos” sobre a “língua geral brasileira” que ele também divulgará por intermédio da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*.

O *VELGB* possui 1311 entradas que ocupam as páginas 129 a 171 da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, e na sequência delas, encontramos uma lista de 73 entradas denominada *Vocabulário dos Índios Coroados*. As entradas do *VELGB* estão em língua geral, seguidas da tradução em português. As palavras indígenas aparecem sempre em caixa alta, como pode se observar na entrada abaixo, extraída como exemplo.

(1) ABATICUI – farinha de milho (VELGB:129)

Há casos em que um mesmo vocábulo serve como entrada para mais de uma expressão, o que se considerou como indicando pertencer a um mesma entrada. Nesse caso, o *VELGB* marca um traço, que indica repetição. Assim, o vocábulo *jagua'* ou *jaguára*, traduzido isoladamente como “cachorro” em português, foi registrado também acompanhado de *cunhan*, formando *jagua' cunhan*, correspondendo a “cadela” em português; e *kyiba* formando a expressão *jagua' kyiba*, traduzida como “pulga de cachorro”:

(2)

(2a) JAGUA' ou JAGUÁRA – cachorro – *cunhan*, cadela – *kyiba*, pulga de cachorro (VELGB:147)

(2b) JAGUARETÊ – onça – *puitan* – onça parda (VELGB:147)

(2c) MBAÊ – cousa. – *catu*, cousa real (VELGB:151)

Algumas entradas estão assinaladas por um ponto de interrogação, ora o ponto sucede o termo em língua geral, ora sucede a versão em português. Sobre isso, entendemos

que, em (3a), o anotador apresenta dúvidas em relação à representação exata do termo em língua geral, ao passo que, em (3b), a dúvida do anotador está relacionada à tradução em português.

(3)

(3a) **CHEREKEY** (?) – meu irmão mais velho (*VELGB*:139)

(3b) ***COYACUA**' – caldeira, chocolateira (?) (*VELGB*:140)

Encontramos, para algumas expressões em português, mais de uma entrada em língua geral:

(4)

(4a) **CHEVI** (?) – gato (v. Pixana) (*VELGB*:139)

(4b) **MARACAJA' MIRIM** – gato (B. de A.) (*VELGB*:151)

(4c) **PIXÁNA** – corruptela de bichano (v. Chevi ou cheby) (*VELGB*:163)

Como podemos observar nos exemplos acima, há três entradas para “gato”. Apenas uma dessas entradas, a (4b), vem acompanhada pela abreviação **B. de A.** As outras duas, (4a) e (4c), não trazem menção alguma, mas fazem referência uma à outra. Note que, em (4a), o anotador parece ter dúvidas em relação à notação do vocábulo *chevi*. Entretanto, em (4c), ele apresenta as formas *chevi* e *cheby* como variantes de *pixána*.

Encontramos, no *VELGB*, 95 entradas assinaladas com asterisco que, segundo nota da publicação, no original estavam acompanhadas da menção **t.g.** (cf. anexo 2); 16 entradas com a menção **B. de A.** (cf. anexo 3); 7 entradas com a menção **l.g.** (cf. anexo 4); 2 entradas acompanhadas por ambas menções **t.g.** e **l.g.** (cf. anexo 5) e 1 entrada acompanhada por ambas menções **B. de A.** e **t.g.** (cf. anexo 6).

Nesta pesquisa, trabalhamos com as hipóteses de que as abreviaturas **l.g.**, **t.g.**, **B. de A.** indicam respectivamente: *língua geral*, *tupi-guarani* e *Barão de Antonina*.

3.1 Informação Geográfica, Origem dos Dados e Local da Coleta

A versão do *VELGB* publicada na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* não traz indicação de data nem do local onde foram coletados os dados, ou da origem de seus

informantes. De acordo com Alcântara Machado (1936:117), neto do autor e compilador do vocabulário, Machado de Oliveira teria coletado, pessoalmente, grande parte dos dados no período em que ocupou o cargo de Diretor Geral dos Índios em São Paulo e durante o tempo em que serviu nas campanhas do sul.

Alcântara Machado (1936:116) explica que seu avô, “depois de reformado no posto de brigadeiro e afastado da atividade política, encheu as horas longas da aposentadoria com o estudo das cousas do Brasil e particularmente da província natal [São Paulo]”.

De acordo com o compilador do *VELGB*, Machado de Oliveira teria consultado para a construção do *Vocabulário* “as obras de Montoya e Figueira, a que faz referência; e também os originais do *Dicionario Brasiliano*, que só ultimamente [1934] foi publicado na *Revista do Museu Paulista*” (MACHADO, 1936:117).

Alcântara Machado aponta José Innocencio Alves Alvim e João da Silva Machado, o Barão de Antonina, como principais informantes de Machado de Oliveira. A respeito de José Innocencio, Alcântara Machado relata que ele enviava, por carta, a Machado de Oliveira, dados coletados na região de Iguape. Em relação às “memórias” do outro informante, o Barão de Antonina, ele afirma desconhecer se estão publicadas ou não.

3.2 Os informantes do *VELGB*

José Innocencio Alves Alvim e João Machado da Silva serviram, conforme Alcântara Machado (1936), como informantes a Machado de Oliveira para a composição do *VELGB*. A seguir, fornecemos um breve relato sobre esses informantes e sua relação com autor do *VELGB*.

3.2.1 José Innocencio Alves Alvim (1794 – 1865)

José Innocencio Alves Alvim nasceu na cidade de São Paulo a 28 de abril de 1794 e faleceu a 4 de julho de 1865 em Iguape. Filho do guarda-mor Manuel Alves Alvim e

de D. Catarina Angélica da Purificação Taques, Alves Alvim era neto do genealogista Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Na política, Alvim ocupou os cargos de vereador, deputado provincial nas primeiras legislaturas e administrador da Mesa de Rendas de Iguape. Foi convidado pelo governador imperial para os cargos de presidente de Goiás e inspetor da alfandega de Santos e do tesouro provincial, mas recusou os dois.

De acordo com seu biógrafo, Azevedo Marques (1980:58), Alves Alvim escreveu várias Memórias políticas e descritivas da província de Iguape, mas elas nunca chegaram a ser publicadas. Dessas memórias, encontra-se na Biblioteca Nacional, a *Memória estatística de Iguape*,³⁹ escrita por Alves Alvim em 1845 a pedido do então presidente da província de São Paulo, Manoel da Fonseca Lima e Silva. Trata-se de uma descrição dos aspectos fisiográficos, demográficos e econômicos do município.

O manuscrito original é composto de 23 folhas e mais duas dobráveis com a assinatura do autor. O documento foi doado à BN por D. Thereza Innocencia Alvim, viúva do autor.

De acordo com Alcântara Machado (1936:117), Machado de Oliveira havia se dirigido a Alves Alvim para a obtenção de dados sobre a língua geral. Alves Alvim, em carta datada de 1853, afirma ter consultado “alguns velhos moradores de fóra desta cidade, que ainda se recordão de vocabulos indigenas que ouvirão de seus antepassados”. Essa informação é de grande interesse para nós, pois indica que, nos arredores da cidade de Iguape, a LGP, embora não fosse mais falada pela população, ainda estava presente na lembrança dos mais velhos. Ela indica também que pelo menos parte dos dados presentes no *VELGB* são de primeira mão e não uma simples cópia de registros antigos.

³⁹ BIBLIOTECA NACIONAL, **Memória estatística do município de Iguape**, escrita por José Inocencio Alves Alvim por incumbência de Manoel da Fonseca Lima e Silva, então presidente da Província de São Paulo. Iguape, 21 fev. 1845. Ms, original, 45p., 26 x 21 cm. loc.: I-31,18,41.

3.2.2 João da Silva Machado – o Barão de Antonina (1782-1875)

Nascido em uma família humilde na província de São Pedro no Rio Grande do Sul em 1782⁴⁰, João da Silva Machado transformou-se, em meados do século XIX, em uma das personalidades mais respeitadas e influentes da região sul do Império. Inicialmente, Silva Machado atuou como comerciante de gados, realizando uma série de viagens de sua terra natal até Sorocaba e algumas para os estados do Maranhão e Bahia. Nesse período, o futuro Barão de Antonina adquiriu um vasto conhecimento da região meridional do Brasil e, também, de algumas regiões da América Espanhola. Graças a esse conhecimento, Silva Machado recebeu do governo central o encargo de construir e aperfeiçoar as estradas da região sul do império.

Em 1821, ele iniciou sua atuação no campo político e, alguns anos mais tarde, foi eleito Deputado Provincial na legislatura de 1835 a 1843 pelo partido liberal. Ao final desse período, setembro de 1843, devido à sua atuação na Revolta Liberal de Sorocaba de 1842 e por seu trabalho junto aos índios foi-lhe conferido por decreto imperial o título de Barão de Antonina.

A partir da década de 1840, Silva Machado inicia uma série de expedições de reconhecimento e exploração da região meridional do império. Para a realização dessas expedições, o Barão contratou os serviços de John Henry Elliot, agrimensor, topógrafo, desenhista e escritor norte-americano, e do sertanista Joaquim Francisco Lopes⁴¹. O principal objetivo dessas viagens era instituir uma via de comunicação fluvial entre as comarcas de Curitiba e Cuiabá.

Durante essas expedições, o grupo de desbravadores do Barão estabeleceu contato com diferentes grupos indígenas. Em 1844, nos arredores do rio Iguatemi, eles contataram um grupo de índios kaiowá. Esse episódio é relatado por Elliot e a história é

⁴⁰ Sobre a biografia de J. S. Machado veja: MACEDO, J. Manuel. Elogio Fúnebre de J. S. Machado, Barão de Antonina. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. t. XXXVIII, pp. 420-421, 1875.

⁴¹ Joaquim Francisco Lopes era irmão de José Francisco Lopes, o famoso “Guia Lopes”, da Retirada da Laguna (episódio da Guerra do Paraguai registrado por Taunay: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A retirada da Laguna**: episodio da guerra do Paraguai. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997).

publicada pela *Revista do IHGB*⁴². De acordo com os relatos de Elliot, esse grupo kaiowá descendia das missões jesuíticas do Guairá e estava estabelecido na região da fronteira do Mato Grosso com o Paraguai. Em 1847, o Barão fundou para esse grupo a aldeia de São João Batista.

Em relação ao Barão e aos kaiowá, cabe mencionar que, em 1898, na mesma edição da *Revista do IHGB* em que foi publicada a narração de Elliot sobre a emigração dos kaiowá, foi publicado também um vocabulário intitulado *Vocabulario dos índios cayuaz* sob a autoria de João da Silva Machado. Após uma breve análise da obra, constatamos que o *Vocabulário dos índios cayuaz* é uma cópia reduzida da primeira parte do *Diccionario Portuguez Brasileiro*. Tal constatação também é feita e apresentada por Ayrosa no prefácio da edição de 1934: “É cópia pessimamente feita, eivada de erros de toda sôrte, daquele *Diccionario*, e em ultima analyse, mais uma das reproduções dos trabalhos de Frei Onofre” (AYROSA, 1934:32).

O Barão de Antonina, assim como Machado de Oliveira, era sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e encaminhava, regularmente, ao instituto cartas contendo relatos de suas viagens de exploração e de contato com os indígenas. Muitas das narrativas do Barão e de seus empregados, especialmente de John Elliot, foram publicadas nos números da *Revista do IHGB*. O contato de Silva Machado com o Instituto era intensificado pela sua ligação com Machado de Oliveira.

3.3 O Título

O título, *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira*, não nos fornece informações sobre a origem de seus dados. Como não tivemos acesso ao manuscrito original, e sabendo que o *VELGB* foi organizado e publicado pelo neto de seu autor, José de Alcântara

⁴² OLIVEIRA, J. J. Machado. A emigração dos Cayuaz. Narração coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliot pelo socio effectivo o sr. Brigadeiro [...]. In: **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**. t. XIX, pp. 434-47. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1856.

Machado, em 1836, 69 anos após a morte de Machado de Oliveira, supomos que o título da obra foi dado pelo organizador do vocabulário.

Entretanto, é possível que Machado de Oliveira usasse o termo “Língua Geral Brasília”⁴³ para neutralizar as diferenças entre a LGP, LGA e Guarani. Em *O arquivo de Machado D’Oliveira*, Alcântara Machado relata que encontrou entre os diversos arquivos deixados pelo avô “alguns apontamentos [...] sobre a ‘língua geral brasílica’ [...]” (MACHADO, 1936:117). Nesse mesmo artigo, Alcântara Machado se refere à língua guarani como língua brasileira. “Foi no Rio Grande que ouviu pela primeira vez e aprendeu a amar a língua brasileira” (MACHADO, 1936:117).

O fato de Machado de Oliveira ter consultado, para a composição de seu *Vocabulário*, obras heterogêneas como as de Montoya (Guarani), a de Figueira (Tupinambá) e o *DBP* (uma coletânea de registros desde o século XVI até o XVIII e que abarca quase toda a extensão do território brasileiro) também corrobora a hipótese de a expressão “Língua Geral Brasília” ter sido usada no *VELGB* como um termo genérico, neutralizando, assim, as diferenças entre as línguas ali registradas.

3.4 Os Registros

3.4.1 Os Grafemas

Não há, no *VELGB* regularidade na notação dos dados. Para o marcador de primeira pessoa, por exemplo, ora o transcritor utiliza *xe*, ora faz uso do dígrafo *che*.

(5)

(5a) **IXÊ OU XÊ’** – eu – etê – eu mesmo (*VELGB*:147)

(5b) **IXÊBO** – a mim (*VELGB*:147)

(5c) **CHERU** – meu pai (*VELGB*:139)

(5d) **CHEREKEY (?)** – meu irmão mais velho (*VELGB*:139)

⁴³ “Língua Brasília”, “Língua do Brasil”, “Língua da Terra” ou “Língua Mais Usada na Costa do Brasil” eram algumas das denominações usadas pelos primeiros jesuítas para se referirem a língua tupi falada por toda a costa brasileira.

A escolha pelo uso do dígrafo *ch*, em “*che*”, para o marcador de primeira pessoa em algumas das entradas do *VELGB* poderia indicar uma maior influência do Guarani e de sua literatura. Vale-nos lembrar, aqui, que tanto Martius (1869) quanto Montoya (2011[1940]) representam esse marcador como *che*. Os usos distintos (ora *x*, ora *ch*) podem indicar, também, ao menos uma fonte escrita, ou mesmo mais de uma.

Observe que, em (5c), não ocorre uma sílaba final, terminada em *a* (*cheruba*), como ocorreria em Tupinambá ou Tupiniquim. Conforme Rodrigues & Cabral (2002:329), o Guarani perdeu as consoantes finais da raiz, presentes no Proto-Tupi e registradas também no Tupinambá. Em (5d), a forma *cherekey* é traduzida para o português como “meu irmão mais velho”. Lemos Barbosa (1970:123) traz, para essa expressão, as formas *yquyyra*, *yqueyra* e *equyyra*. No *VLGIA*, é *quevuira*. Em Montoya (2002[1640]:223) temos *che ryke’y*. Aqui, também notamos uma maior proximidade ao Guarani.

Repetidas vezes, encontramos, em uma mesma entrada, mais de uma variante em LGP para um mesmo vocábulo em português. Entretanto, a origem dessas variantes não fica clara na notação dos dados.

(6)

(6a) **COLOMI, CORUMI, CONUMI, CONOMI ou CORUMIM** - rapaz, menino (*VELGB*:140)

(6b) **CUNHATÉM ou CUNHÁ-TAHIM** – rapariga (*VELGB*:141)

(6c) **ETA’ ou HETA’** – muito, muitos (*VELGB*:143)

Há, no *VELGB*, diversos vocábulos com vogais acompanhadas do grafema <h>. Possivelmente, o anotador utiliza esse grafema para marcar aspiração. Em (6c), o editor nos apresenta *heta’* como uma variante de *eta’*. Aqui, certamente, ele atribui algum valor a <h>. Essa é uma indicação bastante clara de que ele reúne dados de fontes diferentes, que nesse caso pode ser de Guarani e, talvez, LGP, mas não Tupi, pois nessa última seria *setá*. De fato, em Guarani Paraguaio o termo é *heta* (cf. GUASCH & ORTIZ 1996:560).

Para os vocábulos iniciados por , o editor traz a seguinte nota: “a maior parte dos vocábulos que começam por **b** têm a pronúncia de **mb**” (*VELGB*:133).

3.4.2 O Uso de Diacríticos

Os diacríticos utilizados no *VELGB* são (^), (´) e (´). Tanto no *VELGB* como no *DV* o uso de diacríticos não se restringe a um por vocábulo.

(7)

(7a) **JAGUARÉ[^]TÚ[^]N** – onça preta (*VELGB*:147)

(7b) **MEJEMOMBEÚÇÁ[^]RA** – confessor (*VELGB*:154)

(7c) **MOMBERÊÊ** – longe (*VELGB*:155)

(7d) **OMBOYÊCÚÁ CUÊ MAÊ RAMA** – destinar (*DV*:108)

(7e) **BOYÔÓC** – distribuir (*DV*:109)

(7f) **ÔPÚTÁ** – ficar (*DV*:111)

Grande parte dos vocábulos em língua geral, no *VELGB*, foi marcada, na última sílaba, pelo diacrítico (´). Embora, na tradição, o uso desse diacrítico marque uma supressão ou oclusão glotal, nos casos analisados, o uso desse sinal parece se tratar apenas de uma característica pessoal da escrita do autor. Conhecendo-se alguns dos termos em outras línguas Tupi, é plausível sugerir que, em muitos desses casos, senão todos, o autor utilize (´) para marcar tonicidade.

(8)

(8a) **ACARU' POTA'** – quero comer (*VELGB*:130)

(8b) **BURICA'** – (corruptela de burrico) mula (*VELGB*: 134)

(8c) **COCAYCUA'** – caldeira, chocolateira (*VELGB*:140)

(8d) **ÇUMARE'** – fruta (*VELGB*:141)

3.4.3 As Vogais

3.4.3.1 As Vogais Orais

Para a representação das vogais orais da língua geral, o autor do *VELGB* utilizou os grafemas <a>, <e>, <i>, <o>, <u> e <y>. Todos aparecem em posição de núcleo silábico.

(9)

(9a) ÇAPY – cauterizar (VELGB:137)

(9b) ÇOCA’ – lagarto (VELGB:140)

(9c) ÇUMARE’ – fruta (VELGB:141)

3.4.3.2 As Vogais Nasais

Não há uma representação clara das vogais nasais no *VELGB*. O autor ora usa o diacrítico (~), ora acresce uma consoante nasal após a vogal.

(10)

(10a) CANÃ – coisa que se meche (VELGB:136)

(10b) CUNHÃ-TAHI-PORAN – mulher bonita (VELGB:142)

(10c) JEMÓKYÃ – sujar-se (VELGB: 149)

(10d) JEMOTOGOÃ – fazer amarelar a fruta (VELGB: 149)

(11)

(11a) CUNHAN – mulher (VELGB:141)

(11b) CUNHAN PORAN – mulher bonita (VELGB:141)

(11c) TUPAN-BAE’ – folgado em louvor de Deus (VELGB:169)

Observe que há variação de notação em uma mesma expressão (10b) e, também, para um mesmo vocábulo (10b, 11a e 11b).

4. A seleção do Material para a Análise

Dado o objetivo de determinar a provável origem dos dados do *VELGB* e, sobretudo, averiguar se, no todo ou em parte, ele pode ser considerado uma fonte da LGP falada em meados do século XIX, os dados contidos no vocabulário foram analisados e confrontados com outros documentos de registros das três línguas gerais que se desenvolveram no atual território brasileiro⁴⁴, com especial atenção aos raros registros da LGP.

⁴⁴ Incluímos, aqui, também, o Guarani, que se desenvolveu sob o domínio espanhol na atual região sul do Brasil.

Destarte, o material de análise da presente pesquisa constitui-se de todas as gramáticas e dicionários que foram indicados por Alcântara Machado como materiais de consulta de José Joaquim Machado de Oliveira e de todos os documentos de registro da LGP conhecidos atualmente.

Alcântara Machado aponta, em *O Arquivo de Machado d'Oliveira*, as seguintes obras de referência usadas pelo autor do *VELGB*:

- *Arte de grammatica da língua brasílica* – Pe. Luis Figueira, [1687] 1878;
- *Diccionario Brasiliano-Portuguez e Portuguez-Braziliano* – reimpressão de 1934, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa, na *Revista do Museu Paulista*, tomo XVIII;
- *Arte de la lengua Guarani: o mas bien Tupi* – Antonio Ruiz Montoya, [1724] 1876;
- *Tesoro de La lengua guaraní* – Pe. Antonio Ruiz de Montoya, [1639] 2010;
- *Vocabulario de la lengua guaraní* – Pe. Antonio Ruiz de Montoya, [1640] 2002.

De acordo com Monserrat (2003:187-188), existem três documentos que são referidos como *Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português*, a saber: i) *Diccionario português e brasiliano* (1ª parte), edição de 1795, de Velloso, com reimpressão de Plínio Ayrosa em 1934; ii) *Vocabullario da língua brasílica*, manuscrito da BN (ms. I-1, 1, 14), 1751; iii) manuscrito da Universidade de Coimbra, 1750.

Nesta pesquisa, optamos por utilizar, com algumas reservas, a versão ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa e publicada na *Revista do Museu Paulista*, tomo XVIII. Nossa escolha foi pautada na asserção feita por Alcântara Machado em *O arquivo de Machado D'Oliveira*. Na referida asserção, Alcântara Machado afirma que Machado de Oliveira teria consultado os originais da segunda parte do *Dicionário português-brasiliano e*

brasiliano-português. Segundo ele, esses originais corresponderiam à versão publicada na *Revista do Museu Paulista*. Entendemos, entretanto, e consideraremos em nossa análise, que a versão publicada em 1934 apresenta diversas deficiências em relação ao conteúdo exposto e à grafia dos vocábulos.

Em relação aos documentos de registro da LGP, optamos, nesse trabalho, por utilizar todas as fontes sobre a língua disponíveis até o presente. Demos, no entanto, maior ênfase ao *DV* de Martius, visto que ele constitui, o documento mais substancial acerca da LGP até hoje conhecido. Desse modo, focalizamos os seguintes materiais sobre a LGP:

- *Diccionario de Verbos: portuguez tupi-austral e alemão* – Carl Friedrich Philipp von Martius [1863]1969;
- *Vocabulário do idioma falado na Aldeia-do-Rio-das-Pedras* – Auguste de Saint-Hilaire, [1847] 1937:254-255;
- *Vocabulário da Língua Geral (Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]*, manuscrito 10,1,10 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN), provavelmente do século XVIII intitulado *Língua geral dos índios das américas: Pernanbúque, Parâ, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paullo e Minas Gera[is]*;

Além desse material linguístico, esta pesquisa também investigou outros textos sobre etnografia redigidos por José Joaquim Machado de Oliveira e publicados pela *Revista do IHGB*. Utilizou-se também de informações contidas no vocabulário intitulado *Brasileirismos* publicado sob a autoria de Machado de Oliveira na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*.

5. A Análise do Material

Nosso primeiro passo foi confrontar o material presente no *VELGB* com os dados dos materiais de consulta de Machado de Oliveira. Esse procedimento foi realizado no intuito de verificar se Machado de Oliveira havia reproduzido no *VELGB* parte do material presente em outras fontes. Para isso, foram criados quadros com amostras das gramáticas e dos vocabulários que serviram de referência a Machado de Oliveira para redigir seus apontamentos acerca da língua geral. As formas encontradas nos dicionários não eram, necessariamente, cognatas.

Após a constatação da originalidade de grande parte do material apresentado por Machado de Oliveira no *VELGB*, iniciamos o segundo passo de nossa análise. Nesse estágio, confrontamos, ainda com o auxílio de quadros comparativos, os dados do *VELGB* com os dados presentes nas fontes de registro da LGP disponíveis atualmente, com atenção particular ao *DV* compilado e publicado por Martius.

Devido à natureza diversificada dos materiais sobre a LGP (um vocabulário, uma lista de palavras e um dicionário de verbos) procurou-se, aqui, uniformizar a natureza e a quantidade dos dados a serem comparados. Para isso, tomamos o *DV* de Martius como parâmetro de comparação dos materiais sobre a LGP.

Visto que o *DV* é constituído apenas por vocábulos registrados como verbos, nesta etapa de nossa análise, focalizamos apenas os vocábulos apresentados pelos autores como verbos. A lista de vocábulos apresentada por Saint Hilaire, assim como os exemplos trazidos por Couto de Magalhães, foi excluída desta etapa da análise por não conter vocábulos compreendidos como verbos. Aqui, também, as formas encontradas no *VELGB*, no *VLGIA* e no *DV* não eram, necessariamente, cognatas.

Quadro II: Exemplo de Quadro Comparativo

	<i>VELGB</i>	Português	<i>DV</i>	Português	<i>VLGIA</i>	Português
1	AKUÊ	dormir	QUERÁ	dormir	PESUYA	dormir
2	AMÁNAOKIR	chover	OKÛ, ACÓY	chover	AMANA	chuva
3	ANHENÔ	deitar-se	NHEE NÓ	deitar-se	NHENOM	deitar
4	MONDÓC	cortar	MONDÓCA	cortar	MONDÓQUE	cortar
5	NHÁNE	correr	UNHAN ETE	correr muito	ONHAME	correr
6	NHEENGÁR	cantar	NHEENGÁ	cantar	NHEENGÂ	cantar
7	JACEM ou JASSON	chorar	YACIOI	chorar	YAÇAÔ	chorar
8	MEÉNG	dar-se	MEEN	dar	MEEM	dar, dai
9	ANHENÔ	deitar-se	NHEE NÓ	deitar-se	NHENOM	deitar
10	JOMINE	esconder	JOHOMI (JOMINE)	esconder	NHAMIM	esconder
11	NHEÉNG	falar	NHÊÉN	falar	NHE EMGUA	falar
12	ÇO'	ir	CÔ, ACÔ	ir	SOMA	ir
13	OMANO'	morrer	MANÓ	morrer	MANONVA	morrer
14	PUCÃ	rir	PÚCÁ	rir	PUCÂ	rir
15	PORE'	saltar	OPÔ	saltar	OPÔ	saltar
16	RECO'	ter	BOÇÁPÚ	ter	ORECÔ	ter
17	ERU'	trazer	ERURÊ	trazer	ERÛ	trazer
18	RYRY	tremer	RYRY	tremer	ORURUS	tremer
19	CEPIACA	ver	CEÇÁ, CEPIJACA	ver	MAEM	ver

Foram investigadas, também, as possíveis significações das menções **B. de A.**, **l.g.** e **t.g.** apresentadas por Machado de Oliveira no *VELGB*. Em um primeiro momento, os vocábulos acompanhados pelas referidas menções foram analisados separadamente. O objetivo desse procedimento foi verificar se as menções nos vocábulos indicavam fontes diversas. Nossa hipótese inicial era que as menções supracitadas referiam-se, respectivamente, a Barão de Antonina, língua geral e Tupi-Guarani.

5.1 Parâmetros para Análise

Devido à escassez de documentação sobre a LGP, para a análise comparativa dos dados, foram utilizados critérios fonológicos e morfológicos. A insuficiência de

documentação não nos permitiu a utilização de critérios gramaticais em nossa análise. Analisamos, ainda, as diferenças semânticas existentes entre o léxico tupi e o guarani.

No âmbito morfológico, foram observadas as seguintes propriedades: i) o emprego dos sufixos do pretérito *kuera* e *suera* e suas variações eufônicas; ii) o uso do sufixo *suara* e de suas variações eufônicas; iii) o uso do índice absoluto *t* como índice de classe superior (humano); iv) o uso do *s*, adjetivo possessivo “dele”, como índice de classe inferior (animal, vegetal e material).

Quanto às propriedades fonético-fonológicas, observamos: i) a conservação ou deslocamento do acento; ii) a perda ou conservação (total ou parcial) das consoantes finais; iii) a conservação do fonema *s* ou sua mudança para *h*; iv) a conservação do fonema *k* ou sua mudança para *g*; v) a palatalização do fonema *s* quando anteposto a *i* ou *j*; vi) a nasalização da palatal *j* na nasal palatal *ɲ*.

De acordo com Lemos Barbosa (1967:8), “dentro do domínio do dialeto tupi, havia ligeiros matizes regionais, sobretudo no campo da fonologia”. Para ele, os tupi de São Vicente “distanciavam-se um tanto dos tupinambás, temiminós, tupiniquins, potiguaras, etc., colocando-se num meio termo linguístico (e geográfico) entre essas tribos e os guaranis ou carijós”.

Buscando esse “meio termo linguístico”, procuramos nos dados propriedades que indicassem a língua ou dialeto de origem do vocábulo – LGP ou Guarani – considerando, sempre, as influências do Guarani e das línguas europeias sofridas pela LGP ao longo das décadas.

Nesse sentido, as diferenças semânticas existentes entre os léxicos guarani e tupi também foram observadas. Aqui, atentamo-nos, sobretudo, aos vocábulos relacionados aos reinos animal e vegetal. Lembrando que, por influência do meio, étnico e geográfico, existem conceitos que são só encontrados no Tupi e outros no Guarani. A esse respeito, Edelweiss (1947:162) cita os termos tupi relacionados à orla marítima, desconhecidos pelos guarani,

habitantes do interior⁴⁵. O tupinólogo explica ainda que, em um primeiro momento, essas diferenças semiológicas provieram do longo período de separação entre esses grupos e, mais tarde, do meio e das influências do colonizador europeu. Assim, os neologismos e os estrangeirismos dificilmente corresponderão nessas duas línguas.

Para Edelweiss (1947:162), “ao lado das divergências fonéticas o fator mais importante no distanciamento entre o Tupi e o Guarani foram os neologismos” (EDELWEISS, 1947:162). Desse modo, analisamos, igualmente, a incorporação de estrangeirismos e a formação de neologismos registrados no *VELGB*. Abaixo, a título de ilustração, listamos os principais lusismos e hispanismos tal qual como registrados no referido documento:

Quadro III: Relação de Empréstimos

	Estrangeirismo	Português
1	ACHA'	corruptela de machado
2	BUCA	(corruptela de boca), boca; furo
3	BURICA'	(corruptela de burico) mula
4	CABAJU' ou CARAJU ou CABURU'	corruptela de cavalo
5	CABARA'	corruptela de cabra (v. Çuassumê)
6	CAMARARA	corruptela de camarada
7	CARAPINA	corruptela de carpinteiro
8	CEARÁMA	corruptela de ceia
9	CHABI	corruptela de chave
10	CHABURO'	corruptela de burro
11	CHIPAN	corruptela de pão
12	CORA'	corruptela de curral
13	CURUSSA' ou CURUSSU	corruptela de cruz; – <i>coatiá</i> , cruz escrita
14	CUXA'	corruptela de colher
15	INHÔ	corruptela de senhor
16	KI	corruptela de aqui (v. Iké)
17	MISSA'	corruptela de missa
18	MÓÇU	corruptela de moço
19	PAÊ ou PAY ou PAHY	corruptela de padre. – <i>kyci</i> , carrasco (v. avaré)
20	PENGANANE	corruptela de engano
21	PIXÁNA	corruptela de bichano (v. chevi ou cheby)
22	PUCURU ou PYCURIR	corruptela de púcaro
23	REYA	corruptela de el-rei
24	VACARU ou VACARIO'	corruptela de vaca
25	VACARUARA'	(corruptela de vaca), touro
26	VASSÔ	corruptela de vaso, copo

⁴⁵ Cabe ressaltar que Edelweiss não considera aqui o primeiro século e meio da colonização, em que os Carijós, de fala Guarani, ocupavam todo o litoral ao Sul de Cananéia.

Lembramos que os estrangeirismos são, com frequência, marcados fonológica ou morfologicamente. Conforme Campbell (1999:58), o empréstimo linguístico não se restringe apenas à assimilação de itens lexicais, posto que todo e qualquer material linguístico (sons, regras fonológicas, morfemas gramaticais, padrões sintáticos, associações semânticas, estratégias discursivas) que tem sua origem em uma língua estrangeira pode ser emprestado.

Em (5), por exemplo, comparando a forma em LGP, *cabara'*, com a forma correspondente em português, “cabra”, verifica-se que uma vogal *a* foi inserida entre as duas consoantes para adaptar o vocábulo ao padrão silábico da língua indígena receptora. Esse termo tem sua origem, provavelmente, na região sul do país visto que, em Guarani, temos *kavará*, por empréstimo ao espanhol. O *DPB* registra, para o Tupi, a forma *çuaçumê*

Esse termo tem sua origem, provavelmente, na região sul do país visto que, em Guarani, temos o empréstimo do espanhol *kabará*. O *DPB* registra, para o Tupi, a forma *çuaçumê*.

Nos dados em (1), (3), (4)⁴⁶, (9), (10), (12), (13) e (25), pode-se verificar a influência linguística do espanhol junto à língua registrada. Em (4), temos três formas para “cavalo”, a primeira, *cabaju*, ilustra essa influência e o contato com falantes da língua guarani; nessa língua, a palavra para “cavalo” é *cabaju*. A última, *cabaru'*, é aquela que encontramos em Tupi.

De acordo com Edelweiss (1947:162), “o tupí traduziu mais e [...] os hispanismos eram mais numerosos no guarani antigo do que os lusitanismos no tupi”.

Em relação às diferenças lexicais entre o Tupinambá, a LGA e a LGP, Rodrigues afirma que elas não são abundantes. De acordo com o autor, tais diferenças estão relacionadas, principalmente, a “coisas e conceitos estranhos às culturas indígenas”, ou à “substituição de palavras nativas por palavras portuguesas na situação de bilinguismo (“pai”,

⁴⁶ Na variante *cabaju*.

“mãe”), ou, ainda,” à “reelaboração de construções nativas devido a mudanças estruturais e à ampliação ou restrição no significado de certas palavras (RODRIGUES, 1996:104).

Além desse material linguístico, esta pesquisa também investigou outros textos sobre etnografia redigidos por José Joaquim Machado de Oliveira, com especial atenção para: *A celebração da paixão de Jesus Cristo entre os guaraníes. (Episódio de m Diário das campanhas do Sul)* (1842); *Notícia raciocinada das aldeias da província de S. Paulo desde seu começo até a atualidade* (1846) e *Os Caiapós* (1861).

6. Normas de Notação

A seguir, apresentamos as convenções adotadas na estruturação desta dissertação:

- As formas em língua indígena foram grafadas em caixa alta (exceto quando no corpo do texto) e em itálico, respeitando sempre a grafia do original;
- As traduções em português dos vocábulos são exatamente as das obras analisadas, a grafia dos originais foi, aqui, igualmente respeitada;
- As traduções foram grafadas em fonte simples, caixa baixa e aspas duplas (quando no corpo do texto);
- Para facilitar a compreensão da leitura, todas as abreviaturas e siglas utilizadas neste trabalho foram organizadas em ordem alfabética e com seu respectivo significado na lista de Abreviaturas e Convenções, localizadas nas primeiras páginas desta dissertação;
- A numeração dos exemplos está organizada por capítulo.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO MATERIAL

Neste capítulo, iniciaremos a análise dos dados, cotejando o material contido no *VELGB* com outros documentos de registro da LGP, da LGA e do Guarani. Para a análise, utilizaremos, também, os materiais indicados por Alcântara Machado como obras de referência para a confecção do *VELGB*. São elas: as obras de Montoya e de Figueira e o *Dicionario Brasileiro*.

1. O Material

O *VELGB* publicado na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, em 1936, constitui uma obra póstuma e, como demonstraremos a seguir, inacabada do Brigadeiro José Joaquim de Oliveira. A versão do *Vocabulário* publicada pela *Revista* foi organizada por Alcântara Machado, que reconhecia não ter conhecimento algum sobre o assunto: “Não sei (reconheço em publico e razo a mais absoluta incompetencia na materia) se eles têm, de fato, o valor que a minha ignorância lhes atribue” (MACHADO, 1936:117).

Alcântara Machado estava certo quanto ao valor dos apontamentos de Machado de Oliveira acerca da língua geral. Contudo, o modesto, mas bem intencionado, editor reuniu em um único documento dados de línguas e dialetos distintos, sem nenhuma menção especial (salvo as abreviações constantes no original: **B. de A.**, **l.g.** e **t.g.**, cujo significado ele desconhecia)⁴⁷.

⁴⁷ Efetivamente, Alcântara Machado afirma apenas desconhecer o significado da abreviação **t.g.** Quanto às menções **l.g.** e **B. de A.**, o editor não faz nenhuma declaração. Desse modo, pensamos que ele, provavelmente, conhecesse o significado dessas abreviações, mas não as explicitou na edição do *VELGB*.

VOCABULARIO ELEMENTAR DA LINGUA GERAL BRASÍLICA

J. J. MACHADO D'OLIVEIRA

(INÉDITO)

A

Ã — vara (v. Imirá)

* AANGUEJAA' — hoje mesmo

ÁBA ou ÁVA — cabelo

ABA' — criatura, homem, ser., alguém, família livre, pessoa,
gente; valente, poderoso.

ABAETÊ — homem honrado, respeitável

ABATI ou ABATY — milho

ABATIAPÊ ou ABATI — arroz

ABATICUI — farinha de milho

ABÊ (CONJ.) — e

ABI — agulha

ACA — corno, galho, penacho

ACAÍ! — ai! (interj. de dor usada pelas mulheres)

ACAIGOÊ — ai!

ACAJU' — ano; cajú, fruta.

ACÁNGA — cabeça

* As palavras assinaladas com asterisco são as acompanhadas, no original, da menção t. g., que não sabemos o que significa.

Figura 5 – A primeira página do *Vocabulário Elementar de Língua Geral Brasileira*.

- UR — vir, chegar (v. Cyca)
ÚRA — berne
ÚRPE — debaixo de alguma coisa, sotoposto
URU' — ave, galinha (v. Çapucaia)
URUBU' — ave carnívora
URUCA' — instrumento de musica
URUCU' — planta de tinturaria
URUCURIBA — palmeira
URU-MAÇÃ — linguado
URUPÉMA — crivo, peneira (v. Urupembua)
URURAU — jacaré
URURUQUAY — rabo de galinha
URUTAGUA' — ave noturna agoureira
URUTU' — cobra muito venenosa. Bagre
ÚTUGI — rir (C.)
UU' — comer, beber. Catarro

V

- VACARU, ou VACARIO' — corruptelas de vaca
VACARUARA' — (corruptela de vaca), touro
VASSÔ — corruptela de vaso, copo

Figura 6 – A última página do *Vocabulário Elementar de Língua Geral Brasileira*.
Segue-se um vocabulário intitulado *Vocabulário dos Índios Coroados*.

Machado de Oliveira esboçou, ao longo dos anos, apontamentos acerca da língua que ele chamou de “Língua Geral Brasileira”. Aqui, é mister compreender qual era o sentido que o autor atribuía a essa denominação. Ao que nos parece, para ele, sob o nome “Língua Geral Brasileira” se neutralizavam todas as diferenças entre as línguas “gerais” faladas no território nacional (LGA, LGP e Guarani). Assim, encontram-se registrados em seus apontamentos vocábulos de diferentes línguas e dialetos de diferentes localidades do Brasil.

O autor apontou, nos originais, algumas dessas diferenças com o uso das abreviações **B. de A.**, **l.g.**, e **t.g.**, que foram cuidadosamente reproduzidas na versão publicada em 1936. A maior parte dos dados, entretanto, não traz menção alguma, o que dificulta a sua análise.

O interesse de Machado de Oliveira e o seu hábito de registrar constantemente diferentes falares são percebidos também em outra obra póstuma desse autor. Em *Brasileirismos*, encontramos registros de expressões coletadas em uma vasta extensão territorial, desde o Maranhão até o Paraguai. Nessa obra, Machado de Oliveira, muitas vezes, indica o local onde a palavra ou expressão era utilizada.

(1)

(1a) **CAIPIRA** ou **PIRACOARA** – homem da roça. (S. Paulo) (*Bras.*:121)

(1b) **CATACEREBO** – homem da roça (Alagoas) (*Bras.*:122)

(1c) **CATATUA'** – roceiro (R. G. do S.) (*Bras.*:122)

(1d) **CURIXA** – o mesmo que igarapé; propriamente falando, sangradouro do campo (será palavra guaicuru?) (M. Grosso) (*Bras.*:123)

(1e) **MANDIS** – mandioca (no Paraguai) (*Bras.*:126)

(1f) **PIRAJA'** – aguaceiro (Baía) (*Bras.*:128)

(1g) **PUÇA** – português (Maranhão, Piauí) (*Bras.*:128)

(1h) **XERIMBABO** – criação doméstica. Tratar como –, tratar sem pena ou contemplação (Pará) (*Bras.*:130)

Conforme mencionamos, anteriormente (ver Cap. 2), o *VELGB* constitui uma obra póstuma e inacabada de Machado de Oliveira. Um indicador de sua incompletude são as suas 13 entradas sem tradução. É possível, contudo, inferir o significado dos vocábulos presente em quase todas essas entradas, visto que, na grande maioria dos casos, o editor nos remete a outra entrada do mesmo vocabulário.

(2)

- (2a) **AHIVA** ou **AYVA** – (VELGB:130)
- (2b) **APYÁBA** – (v. Abá) (VELGB: 131)
- (2c) **CANHUIM** – (v. cauim) (VELGB: 136)
- (2d) **CAPIXABA** – (v. Copixaba) (VELGB: 137)
- (2e) **CARA'** – (v. Acará) (VELGB: 137)
- (2f) **CARYBA** – (v. Carahy) (VELGB: 137)
- (2g) **EPEBA** – (v. Apéba, Péba) (VELGB: 143)
- (2h) **GEAYRON** – (v. Tearon) (VELGB: 143)
- (2i) **JÁRA** – (v. Iara) (VELGB: 148)
- (2j) **MANG** – (VELGB: 154)
- (2k) **MARARACA'** – (v. Moçurana) (VELGB: 154)
- (2l) **RAÇAPÁBA** – ? (VELGB: 165)
- (2m) **TOPOROCA** – (v. Torobô) (VELGB: 169)

As entradas remetidas em (2k) e (2m) não constam no *VELGB*. Os vocábulos *mararaca'* e *moçurana*, em (2k), são, possivelmente, uma referência a duas espécies de cobra, a “jararaca” e a “muçurana”, respectivamente. De acordo com Sampaio (1987:250), o termo *moçurana* também era usado pelos índios para indicar a corda com a qual matavam os prisioneiros de guerra no terreiro. Em (2a), (2j) e (2l) não há referência a outras entradas. O dado em (2a), contudo, é encontrado em *Brasileirismos*.

AHIVA – mau, mal. **Usado ainda hoje na província de S. Paulo:** homem ahiva, comida ahiva (Na Curitiba, perguntando eu a um pobre homem como passava de saúde, respondeu-me: às vezes bem, às vezes ahiva). Também se emprega para designar uma coisa sobrenatural: uma coisa ahiva, um fantasma (OLIVEIRA, 1936a:117 – grifo nosso).

A declaração acima não deixa dúvidas de que o vocábulo *ahiva* é, verdadeiramente, um representante da LGP do século XIX, sendo usado, ainda, nessa época, em São Paulo e em Curitiba.

Além de *ahiva*, há outros vocábulos do *VELGB* que se repetem em *Brasileirismos*. Listamos, no quadro abaixo, alguns dos vocábulos presentes nas duas obras e com indicação do local de coleta em *Brasileirismos*. Note que, embora os termos correspondam nos dois vocabulários, a forma de notação e a definição nem sempre coincidem:

Quadro IV: Vocábulos Presentes no VELGB e em *Brasileirismos*

<i>VELGB</i>	Tradução	<i>Brasileirismos</i>	Tradução
1 COPE	costas; quinta; chácara (v. Cupê)	COPE'	rancho de palha com uma entrada só. – de china, lupanar, casa de meretrício (R. G. do S.)
2 CUNHAN	mulher. - embira, filha do inimigo prisioneiro com a mulher que o trata; - - piru, mulher magra; - poran, bonita; - guassu, - mulher gorda; - japuá, mulher baixa; - puna, mulher alta; - beba, mulher má	CUNHÃ	bugra (Piauí)
3 CURURU'	sapo	CURURU	sapo (na língua geral). Em Piauí, espécie desse batráquio. Em Cuiabá dança da gentalha.
4 TEJU' ou TIU' ou TUYU	lagarto	TIJU' ou TEJU'	lagarto (Piauí)
5 TIPYÓCA	polvilho	TIPIOCA ou TAPIOCA	seiva da raiz da mandioca, a qual, depois de seca é pulverenta como a farinha de trigo (S. Paulo) o mesmo que na Baía se chama goma e no Rio de Janeiro se chama polvilho. No Rio, certa maneira de preparar a seiva da raiz da mandioca que a torna semelhante ao sagu.

Tanto no *VELGB* como em *Brasileirismos*, o autor tece algumas considerações a respeito da composição de diversas das expressões contidas nessas obras:

(3)

(3a) **BOCÓ** – (de bó, vaso e co ou coo, conduzir, carregar) vaso de carregar (*Bras.:*120)

(3b) **CÃHIVA** – (de cãa, mato e ahiva, mau) – mato ruim. (*Bras.:*121)

(3c) **CAMBUQUIRA** - (talvez de caonkira, talo ou olho de vegetal) grelo da aboboreira que se come guisado (S. Paulo) (*Bras.:*121)

(3d) **CARPIR** – (de caa, mato, e pyir, limpar) diz-se em S. Paulo e M. Gerais do mesmo que no Rio se chama capinar. (*Bras.:*122)

(3e) **JAGUAPEVA** – de jaguara, cão, e apeba, chato, nome de cães domésticos de pequeno tamanho (S. Paulo) (*Bras.:*125)

(3f) **URUPEVA** – (de uru, galinha e peva, pequena, ruim) galinha ruim (*Bras.:*130)

(4)

(4a) **ÇÁBA** – voz que converte o verbo em substantivo, v.g., mondá. pilhar; madaçaba, pilhagem (*VELGB*: 134)

(4b) **ÇU** – partícula aumentativa. Também é a abreviatura de guassú (v. Assu) (*VELGB*:141)

(4c) **OJÊ** – se (variação pronominal?) (*VELGB*:139)

(4d) **RÁBA ou ÁBA** – sufixo que personifica a palavra (*VELGB*:165)

(4e) **RO** – partícula de composição (*VELGB*:166)

(4f) **TÁRA ou ÁRA** – voz que dá ação ao substantivo (*VELGB*:167)

Lembramos, aqui, que, de acordo com o editor do *VELGB*, Alcântara Machado (1936:117), Machado de Oliveira teria estudado e consultado as *Artes* de Figueira e de Montoya, “a que faz referência”, para a composição de seu *Vocabulário*.

Mais uma vez sobre a diversidade do material linguístico apresentado no *VELGB*, verificamos que, nele, há expressões características da LGP, da LGA, do Guarani e, ainda, de línguas não tupi. Analisaremos, agora, alguns exemplos:

(5) **ACAJU’** – ano; caju, fruta (*VELGB*:129)

Acerca do dado em (5), cabe lembrar que o conceito de “ano” não é nativo. Sobre isso, Barbosa (1956:439) explica que os jesuítas utilizaram “conceitos conexos” para designar o “ano”. Entre os nativos, a noção de “ano” era, obrigatoriamente, marcada por algum acontecimento com determinada atuação na vida social do grupo. Eventos como a mudança das estações ou o período do plantio foram usados pelos jesuítas para delimitar o tempo. Devido à diversidade natural ocasionada pela grande extensão da área de ocupação dos tupi, encontramos diferentes designações para o nosso “ano”. Assim, ao sul, encontramos para ano a expressão *roy* (frio, inverno) e, ao norte, *seixu*, as Plêiades. A esse respeito, Edelweiss (1969:210) nos chama a atenção para

a coincidência entre a maturação dos cajus e o nascimento ocidental das Plêiades e, por outro lado, entre o começo do frio na região meridional, ocupada pelos tupis, com o reaparecimento das Plêides no horizonte oriental anunciadoras das chuvas inverniais mais ao norte.

No *VLGIA*, manuscrito 10,1,10 da BN, aparece *nhepeim roû* para “ano”. O *DBP* traz as expressões *acaju* e *acaju-royg*. Essa última, certamente, deveria ser *acajú* ou *royg*.

Assim, parece-nos razoável concluir que o vocábulo *acaju*’ registrado por Machado de Oliveira tem sua origem na LGA, falada mais ao norte do país.

Para “homem branco”, o *VELGB* traz *carahy* ou *caryba*, como se pode observar em (6), a seguir. Segundo Edelweiss (1969:213), a síncope de *karaíba* para *kariba* só ocorreu no norte e tardiamente. A forma, *carahy* é, entretanto, encontrada também em Guaraní Mbyá⁴⁸.

- (6) **CARAHY ou CARYBA** – homem branco; feiticeiro. – tuja, branco velho (*VELGB*:137)

Em (7), abaixo, verificamos a distinção entre nós exclusivo e inclusivo:

- (7)
(7a) **ORÉBO** – a nós (exclusivamente) (*VELGB*:160)
(7b) **JANDÉBO** – a nós todos (*VELGB*:147)

Sobre isso, lembramos que, embora, a forma exclusiva *ore* tenha desaparecido no Nheengatu, ela permaneceu nos dialetos do Guaraní.

A expressão *anhonhêcanhuva* ou *anhocanhém huva*, em (8), vem acompanhada pela tradução “água que some: sumidouro”. Note que o editor demonstra dúvida quanto à grafia dessa expressão. *Anhonhêcanhuva* é o nome de um rio explorado por Dias Paes e Furtado de Mendonça em 1673 quando buscavam a Serra das Esmeraldas no estado de Minas Gerais. Em Martius (1867:490), encontramos: “*anhonhecanhuva* (Minas, Rio, que se some debaixo da terra, por isso, *Sumidouro*) – *anoi* de outra banda, *canhame* desaparecer, *yby* terra: *fluvius in terra disprens, evanescens*”⁴⁹.

- (8) **ANHONHÊCANHUVA (ANHOCANHÉM HUVA?)** – agua que some: sumidouro (*VELGB*:131)

⁴⁸ Os exemplos em Guaraní Mbyá, exceto quando indicado outra fonte, foram retirados de: DOOLEY, R. A. **Léxico Guaraní, dialeto Mbyá: versão para fins acadêmicos; com acréscimos do dialto nhandéva e outros subfalares do sul do Brasil** (rev. de nov. de 1998). Porto Velho: Soc. Internacional de Linguística.

⁴⁹ MARTIUS, Carl Friedrich P. v. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. II Glossaria linguarum Brasiliensium*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867. p. 490.

Os vocábulos *gupiára* e *guapiára* aparecem no *VELGB* acompanhados pela vaga definição: “termo de mineração”.

(9) GUIPIÁRA ou GUAPIÁRA – termo de mineração (*VELGB*:144)

Sampaio (1987:234) traz o vocábulo *grupiára* quem, de acordo ele, é corruptela de *curú-piara* e quer dizer “o que jaz ou fica entre seixos; jazida em cascalhos. Minas Gerais”. Conforme apontado por Sampaio, os vocábulos em (9) podem constituir uma referência às Minas Gerais. Registre-se, no entanto, que **GUAPIÁRA** é denominação de uma localidade no sul do Estado de São Paulo, praticamente no caminho das tropas dos séculos XVIII e XIX. Segundo Sampaio (1987:237), *Guapiarã* significa “*no fundo do vale, ou da baixada*”.

O *VELGB* traz, ainda, expressões incomuns de “galanteio que se faz a uma *cunhã-tahi-poran*, isto é, moça bonita” que não são encontradas nem na literatura tupi nem na literatura guarani

(10)

(10a) DÊ PYGUIPE CAJUI PÊTCHA – debaixo de teus pés qual o capim (*VELGB*:142)

(10b) DÊ PPE ROSA POTETCHA – em tuas mãos como folha de rosa (*VELGB*:142)

Bastam esses poucos exemplos para perceber a heterogeneidade linguística presente no *VELGB*. Discorreremos a seguir acerca de alguns problemas que foram identificados na notação dos dados na versão do *Vocabulário* de Machado de Oliveira publicada em 1936. Verificaremos que a diversidade presente no conjunto de dados do *Vocabulário* confirma a hipótese de Machado de Oliveira ter reunido nesse documento diferentes variedades da língua que ele chamou “geral brasílica”. Nesse sentido, encontramos expressões da LGA, da LGP, do Guarani e, até mesmo, da língua Kaingang.

2. Problemas de Notação Encontrados no *VELGB*

Trabalhamos nesta pesquisa com a edição do *VELGB* publicada em 1936 pela *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. Buscamos, ao longo de toda a pesquisa, localizar o manuscrito original do *Vocabulário* composto por Machado de Oliveira⁵⁰, contudo, após longa procura, concluímos que, depois da publicação do *VELGB* em 1936, seus originais devem ter se perdido em meio aos arquivos do Brigadeiro conservados pela família por mais de um século.

Encontramos, no *Vocabulário* compilado por Alcântara, diversos erros de cópia. Em *jurutu'*, por exemplo, ele nos remete a outra entrada, *çacapira*, “ponta, extremidade”. Aqui, possivelmente, estamos diante de um erro de cópia ou de interpretação do editor, ao traduzir *jurutu'* como “ponta”. No *DBP*, encontramos *juruty*, “rôla (ave), pomba”.

Em *moirób*, “tomar amargo”, há, também, erro de transcrição, onde se devia ler: “tornar amargo” (*mo + yrob*). Em Martius, temos *xeyrôb*, “amargar”. Em *mopiratan*, “alentar, amimar, confortar”, há erro em “amimar”, onde se deve ler “animar”. A tradução difere daquela apresentada no *DBP*, onde se lê: *mopirantan*, “esforçar”. Martius traz *boanguévû*, animar. Em *jepymóng*, “começar”, temos outro erro de cópia. No *DBP*, é *jepyrón*, “principiar, começar, iniciar, urdir, preparar”.

Para “peixe-lama”, o *VELGB* traz *aimonê*, quando o esperado seria *aimorê*⁵¹. A forma *caakene*, provavelmente devido a um erro de digitação, aparece traduzida no *VELGB* como “centro”. No *DBP*, encontramos esta mesma forma traduzida como “coentro”.

O vocábulo *retama* é traduzido como “arbusto amarelo”. Entretanto, não há registros dessa planta no Brasil, apenas em Portugal, na Espanha e nas regiões áridas da Europa e norte da África. Pensamos que, aqui, o vocábulo seja *etama*, “terra” e que tenha sido traduzido pelo editor, com alguma incerteza, haja vista o ponto de interrogação que segue a tradução do vocábulo.

⁵⁰ Procuramos no Arquivo Nacional, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, no Arquivo Municipal de São Paulo e em suas respectivas bibliotecas e na Biblioteca Nacional.

⁵¹ Cf. SOUSA, Gabriel Soares de et al. **Notícia do Brasil**. São Paulo, SP: E. de Cerqueira, p. 213, [1587] 1974.

Há, também, erro na tradução da expressão dubitativa masculina *rea*’, “deve ser”, “há de ser”; ela é traduzida como “não” pelo editor.

O editor inclui, equivocadamente, no *VELGB*, a palavra *piroga*, “canoa”, como uma palavra da língua geral. Esse vocábulo tem sua origem em uma língua caribe e é utilizada para denominar uma embarcação a remo feita de um só tronco. O vocábulo kaingang *iongjo* também foi inserido erroneamente no *VELGB* como um vocábulo da língua geral⁵².

A palavra *tacurúba* pode ter sido incorretamente traduzida como “panela velha”. O transcritor demonstra ter dúvidas quanto ao significado dessa entrada ao acrescentar o sinal (?) depois da tradução em português. Entretanto, de acordo Seki, *itakuruip* é “panela” em Kamaiurá, uma língua Tupi-Guarani⁵³. Curiosamente, esse mesmo termo, *tacuruba*, aparece em *Brasileirismos* sem tradução.

No *VELGB*, o vocábulo *taracu*’ é reproduzido em português como “estado”. Entretanto, na literatura tupi, esse termo aparece como denominação de uma espécie de formiga. Para “povoação, arraial”, temos *caiçara* no *VELGB*. Esta mesma forma é encontrada em *Brasileirismos* como “trincheira, cercado, cercado a borda do mar para apanhar peixe”.

A forma *çaba* é interpretada pelo editor como “corruptela de sebo”. Contudo, mais uma vez, verifica-se a dúvida do editor em relação à interpretação apresentada pelo acréscimo do sinal (?). O vocábulo em questão é, certamente, *caba* e não *çaba*. Contrastando o *VELGB* e o *DBP*, observamos, em diversos vocábulos, a troca de *c* por *ç*. Para “cavar”, por exemplo, encontramos *cabiron* no *VELGB* e *çabicon* no *DBP*.

⁵² Acerca do vocábulo *iongjo* veja: tópico 13 deste capítulo.

⁵³ Em comunicação pessoal.

3. Coincidências e Divergências entre o *VELGB* e o *DBP*

Para 696 dos 1312 vocábulos e expressões contidos no *VELGB* encontramos correspondentes semelhantes no *DBP*. Observem, no quadro abaixo, algumas das entradas que figuram em ambas as obras.

Quadro V: Quadro Comparativo entre o VELGB e o DBP

<i>VELG (XIX)</i>			<i>DBP (XVII)</i>		
LGB	Português	pg.	LGB	Português	pg.
1 ACÊ	homem, pessoa, gente	130	ACÊ	a gente, a pessoa. É uma partícula que faz o papel de pronome. (N. Corresponde ao <i>on</i> francez e ao <i>man</i> alemão).	167
2 AIRI-TUCUM	linha da palmeira airi	130	AIRI	árvore, palmeira	199
3 AJUBETÊ	ainda que; não importa; ao menos	130	AJUBÉTE	ainda que, não importa, ao menos, embora, muito embora, siquer, seja embora	201
4 AJUREPI	cachaço	130	AJUREPY	cachaço; gasnete	201
5 ANHIMA	gralha grande	131	ANHIMA	certa ave	208
6 ANI; ANI DAQUAAI	não; não sei	131	ANI	certa ave. Também dizem <i>anú</i> e <i>anúm</i> . Pode significar ainda: não.	208
7 APÉBA	plano, chato, rasteiro (v. Péba, Epéba)	131	APÉBA	chato, plano, de pequena espessura, fino, achatado, comprimido	209
8 ARABERI	sardinha	132	ARAVARI	sardinha (peixe).	210
9 AUJÊ	basta	132	AUGÊ	basta (do verbo bastar)	211
10 AUKI	bolir com alguém	132	AUKY	bolir com alguém, inquietar	212
11 BOGERE'	virar	133	MOGERÊ	virar. Também <i>Mojerê</i> .	256
12 CAARIMÃ	bolo de mandioca puba	134	CAÁRYMÃ	espécie de farinha de mandioca, farinha semelhante a do trigo	214
13 ÇABIRON	cavar	135	ÇABICON	cavar, excavar, fazer cavas. Também se encontra <i>Çabecon Çabecóne</i>	214

14	CAUIM		bebida embriagante feita de milho	138	CAUIM	vinho, bebida, licor fermentado	219
15	ÇAOAÇU ÇUAÇU	ou	veado. – puitan, veado pardo. – tim, veado branco. – pacu, cervo grande.	136	ÇUAÇÛ	veado	226
16	ÇUGUE'		azul	141	ÇUGUI	azul	226
17	CURUSSA' CURUSSU	ou	corruptela de cruz; - coatiá, cruz escrita	141	CURUÇÁ	a cruz	227
18	GIRUCÓA JURARA JERICA'	ou ou	tartaruga	144	JURARÂ	tágado, tartarúga	247
19	GUÂ		obra de abobada, ou arco	144	GUÂ	Sacco, seio do mar. Tambem ocorre Goâ.	231
20	*GUASSU'		veado	144	ÇUAÇÛ	veado	226
21	GURUPEMBA GURUPEMA JURUPEMA ARUPEMA	ou ou ou	peneira, coador (v. Moguapaba)	145	GURUPÉMA	peneira	231
22	IGAPO'		braço de rio	144	YGAPÔ	alagadiço	317
23	IRAITÊ, IRAITI IRAITIM	ou	cêra, mel solidificado	147	IRAITIM	cêra, mel solidificado	237
24	JIMBOE'		aprender	150	JIMBOÊ	ensinar, estudar, doutrinar	rezar, aprender, 245
25	*JUKÊ-Ê JUKIRA	ou	(?) sal	150	JUKYRA	sal	247
26	PARANÃ		manchado; rio	160	PARANÂ	mar	273
27	PETIMA, PETÚME, PETÚM ou PITYMA		fumo verde, tabaco	161	PYTYMA	tabaco, fumo	281
28	PÚBA		podre, mole	164	PÚBA	brandura, moleza, doçura	278
29	TAREIRA'		peixe-enxada	167			
30	TIMUÇU		peixe agulha	169	TIM OÇÛ	narigudo, focinhudo	
31	TOROTÔ		vesgo	169	TOROTÔ	vesgo, olho torto	288
32	TUNGA'		bicho dos pés	170	TUMBYRA	bicho de pés	288
33	TURUSSU'		capitão-grande, governador geral	170	TURUÇÛ	grande	289
34	TUY		horripilação, calafrio, frio	170	TUY	arrepimento antes da febre, frio	289
35	TY		cume	170	TY	Summo, licor, molho, succo	liquido, 289

Após confronto sistemático entre as obras, verificamos que, embora em algumas entradas as divergências entre o *VELGB* e o *DBP* limitem-se à acentuação dos termos e, à primeira vista, a pequenas falhas de cópia, essas coincidências só devem ser atribuídas à origem comum das línguas registradas, seja no *DBP* seja no *VELGB*; isto é, ao fato de que a língua registrada no *DBP* tem origem em uma língua tupi do norte, que por sua vez provém de um Proto-Tupi-Guarani, enquanto o *VELGB* de Machado de Oliveira, na parte em que for original registro de uma língua geral do sul, registra uma língua originada de uma língua tupi do sul, que por sua vez também provém de um Proto-Tupi-Guarani.

Observe, a respeito, que o termo *anhima*, em (3), tem no *DBP* uma tradução imprecisa (“certa ave”) contra uma identificação clara no *VELGB* (“gralha grande”). A forma *tareira*, também, possui uma tradução imprecisa (“certo peixe”) no *DBP*, enquanto, no *VELGB*, essa forma é acompanhada de uma identificação exata (“peixe-enxada”). Esses dados atestam a não cópia do *DBP*, visto que as traduções encontradas no *VELGB* são mais exatas que aquelas apresentadas no *DBP*.

Outro exemplo que atesta que o *VELGB* não é uma contrafação do *DBP* é a presença de expressões como *airi-tucum* (“linha da palmeira airi”) e *ani daaquai* (“não sei”). Essas expressões não são encontradas no *DBP*, ali, encontramos somente *airi* (“palmeira”), e *ani* (“não”).

Acerca do dado em (12) é válido observar que, embora a edição de 1934 do *DBP* traga a forma *curuçâ*, encontra-se, em seu manuscrito, *cruçá*, forma idêntica àquela registrada na primeira parte do dicionário, *DPB*. Em Montoya (2002[1640]: 120), temos *kurusu*, *yvyra joasa*. Note, ainda, que, na expressão *curussá coatia* ou *curussu coatia*, houve a supressão da sílaba final em *coatiara*, “escrita”. O *VELGB* traz as formas *nhorón* e *nhoronçaba*, bravo e braveza, respectivamente. No *DBP*, há unicamente a forma *nhoronçaba*.

A divergência na tradução de algumas entradas também indica a originalidade do documento. A forma *guâ* é traduzida por Machado de Oliveira como “obra de abobada, ou arco”. O *DBP* a traduz como “sacco, seio de mar”. A tradução apresentada por Machado de

Oliveira se assemelha a forma guarani encontrada no *Tesoro* de Montoya, “*cosa redonda*”. Machado traduz *paranã* como “manchado, rio”, ao passo que no *DBP*, é “mar”. *Púba* tem a acepção de “podre, mole”, no *VELGB*; no *DBP*, “brandura, doçura, moleza”. A forma *timuçú*, “peixe-agulha” no *VELGB*, é apresentada com a sua tradução literal no *DBP*: *tim + oçu* > “focinhudo, narigudo”.

Machado de Oliveira, repetidas vezes, apresenta mais de uma variação dialetal para um mesmo vocábulo em língua geral. Para “tartaruga”, encontramos *girucóa*, *jurara* e *jerica*. No *DBP*, temos apenas *jurará*. Há, no *VELGB*, três variantes para “cera, mel solidificado”, *iraitê*, *iraiti* ou *iraitim*. O *DBP* apresenta apenas *iraitim*. Para “sal”, o *DBP* traz a forma *jukyra*; o *VELGB*, por sua vez, apresenta as formas *jukê-ê* e *jukira*. No *DBP*, encontramos a forma *gurupéma* para “peneira”. O *VELGB* traz *gurupemba*, *gurupema*, *jurupema* e *arupemba* e, ainda, nos remete a outra entrada *moguapaba*, “coador”. Para “tabaco, fumo verde”, existem, no *VELGB*, quatro formas *petíma*, *petúme*, *petúm* e *pityma*. Apenas a última está presente no *DBP*.

Vale acrescentar, acerca da originalidade do *VELGB*, a existência de várias divergências entre os dados contidos nele e no *DBP*. Para “bicho de pé”, temos *tumbyra* no *DBP* e *tunga* no *VELGB*⁵⁴. Conforme sugerido por Edelweiss, o termo presente no *DBP* pode ser a combinação de *tunga*, “bicho”, com *ura*, “berne”. No *VLGIA*, encontramos apenas *tum*, “bicho”.

Para *turussu*, o *VELGB* apresenta uma acepção diferente daquela encontrada no *DBP*. Neste último, o termo *turussu*, ou *turuçu* como é grafado na edição de 1934, aparece como “grande” e, no *VELGB*, como “capitão-grande, governador geral”. A forma *ty* também possui acepções diferentes nos dois documentos. No *VELGB*, *ty* corresponde a “cume”, no português e, no *DBP*, a “summo, liquido, licor, molho, succo”. A forma *igapo*, em Machado de Oliveira, é traduzida como “braço de rio”. No *DBP*, encontramos *ygapô*, “alagadiço”.

⁵⁴ Saint-Hilaire traz também a forma *tunga* para o dialeto do Rio das Pedras.

Não podemos, no entanto, deixar de mencionar as diversas coincidências entre as duas obras. A forma *torotô*, alteração da palavra portuguesa “torto”, é traduzida no *VELGB* e, também, no *DBP* como “vesgo”. Entretanto, encontramos no *VELGB*, a forma *çacoape*, “torto dos olhos”, e no *DBP*, *ceçâ iapára*, “olhos vesgos, olhos tortos, torto dos olhos”.

Para a ideia de “plano, chato, raso, rasteiro”, o *VELGB* apresenta as formas *apéba*, *epéva*, *péba* e *péva*. No *DBP*, temos para a mesma acepção as variantes *apéva*, *péba*, *péva* e *pé*. Contudo, a tradução da forma *epéba*, no *DBP*, difere daquela apresentada pelo *VELGB*, ali, encontramos “pus, materia ou ha nas inflamações ou feridas”.

Outra coincidência é a forma apresentada pelo *VELGB* e pelo *DBP* para a palavra “azul”. O *VELGB* traz a forma *çugue* e o *DBP*, *çugui*. Conforme Edelweiss (1969:212), a forma *çugue*, *çugui* ou *sugûy* é uma mutação da 3ª pessoa (*s-oby*, “ele [é] azul”, passando por *soûy*>*sogûy*>*sugûy*). Ele explica que a transcrição na terceira pessoa passou a ter sentido absoluto no Brasileiro. Para “azul”, encontramos, no *VLGIA*, *sóvuva* (decompondo: *s* + *ovu* + *va*). Martius traz *ovú*. Note que, tanto em Martius como no *VLGIA*, o “b” transformou-se em “v”.

A forma *tuy* para “frio” aparece também no *DBP*. Aqui, temos a troca de *r* para *t* (*roy* >*tuy*). Conforme Edelweiss (1969:220), a alteração de *r* para *t* ocorre também em diversos documentos de registro da “língua brasileira”, como o dicionário da *Poranduba Maranhense*, o *Caderno da Língua* e outros vocabulários dessa língua.

O *VELGB* traz *jimboe* para “aprender”. No *DBP*, encontramos a mesma expressão traduzida como “aprender, ensinar, rezar”. Sobre isso, é interessante observar que no *DBP* há uma confusão entre *jimboé* e *mboé* que é efetivamente “ensinar”. Em Martius, temos *poromboe*, “ensinar” (lit.: “instruir gente”), e *amboi que acanga*, “aprender” (lit.: “meto aquele na cabeça”).

Em relação à palavra *acê*, “gente”, observou-se que, embora ela esteja presente no reverso do *DPB-DBP* publicado na *Revista do Museu Paulista*, ela não é encontrada em

sua primeira parte, *DPB*. A forma *asé* (ou *acê*, como é grafada no *VELGB*) é encontrada tanto no Tupi quanto no Guarani.

Em (15) e (20), temos formas distintas para “veado”. O *DBP* traz apenas as formas *çuaçû*, “veado”, e *çuaçupára*, “veado de córnos”. Note que, embora a forma *çuaçu* coincida nos dois documentos, o *VELGB* traz para a palavra “veado” complementos que não estão presentes no *DBP*. Em relação ao termo *guasu* que, no *VELGB*, vem acompanhado pela menção **t.g.**, Edelweiss (1971:32) esclarece que determinadas “**afinidades dialetais do Sul encontradas no linguajar tupinambá do Maranhão** autorizam-nos a ver nesse *guasû*, tão chocante à primeira vista, o sentido de veado” (grifo nosso)⁵⁵.

Com base nesses elementos, é possível afirmar, com segurança, que não se trata de uma simples cópia ou anotação a partir do *DBP*, ou não se justificariam tais discrepâncias. Somos levados a assumir a hipótese de que, nesses casos, o registro de Machado de Oliveira é legitimamente de primeira mão, da língua falada na região sul, cujo léxico tem em comum com quase todas as outras línguas tupi, por terem uma origem comum, mesmo que muito no passado.

O que, certamente, terá ocorrido aqui é que Machado de Oliveira terá acrescentado, às suas anotações próprias, dados de outras fontes (Montoya, Figueira e *Dicionário Brasileiro-Português e Brasilano-Português*). Nesse sentido, ele agiu como todos os lexicógrafos, aproveitando-se do que lhe parecia adequado, sem menção especial, acrescentando ao documento suas anotações pessoais. Estas, ele deve ter colhido parte substancial entre os mestiços da província de São Paulo durante o período em que foi Diretor Geral dos Índios da Província.

⁵⁵ Para um estudo mais detalhado sobre termo *suassu*, veja: EDELWEISS, Frederico. *Guasu e Usu na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.78, pp. 51-64, São Paulo: USP, 1969.

4. Diferentes Entradas em Língua Geral para um Mesmo Vocábulo em Português

Ao iniciar a análise do material, notamos que existem casos em que há mais de um vocábulo ou expressão em língua geral para um mesmo vocábulo ou expressão em português. Esses casos, a irregularidade na notação dos dados e a presença das menções **B. de A.**, **l.g.** e **t.g.** apontam para o uso de fontes de coleta distintas.

Para “madeira, pau, árvore” temos as seguintes entradas no *VELGB*:

(11)

(11a) **Â** – vara (v. Imirá) (*VELGB*:129)

(11b) **EVIRA API'** – pau seco (*VELGB*:143)

(11c) **IMIRA'** – árvore, pau (*VELGB*:146)

(11d) **TAPINHOAN** – madeira (*VELGB*:167)

(11e) **UBIRA'** – madeira (v. Ibirá) (*VELGB*:170)

Em (11d), o termo *tapinhoan* certamente se trata do nome de uma árvore, o “tapinhoã”; de madeira boa para construções, foi uma das preferidas pelos portugueses, principal razão de sua extinção. A seu respeito, é interessante observar que a sua região de ocorrência é próxima ao litoral, da Bahia a São Paulo, colocando-a no mesmo lugar de origem da LGP. Em Tupi, o termo é o mesmo: *tapinho'ã*. O vocábulo em (11e) traz *u* em lugar do *y*, vimos que essa mesma variação ocorre em outros documentos de registro da LGP. O *VLGIA* traz, para “pau”, a forma *vurâ*. Em guarani mbyá, temos *yvyra*. No *DBP*, temos *imyrá e yba* e, em Martius, *vurá*.

Abaixo, encontram-se duas entradas para a expressão “estou bom”:

(12)

(12a) **CHERESSAIN** – estou bom (*VELGB*:139)

(12b) ***NERESSAIN** – estou bom (*VELGB*:157)

Note que a expressão em (12b) vem acompanhada pelo asterisco, o que indica que no original ela era marcada pela menção **t.g.** Existe outra expressão, também assinalada pela menção **t.g.**, que acreditamos se tratar apenas de uma variação de grafia do vocábulo em (12b):

(12c) *NDEREÇAIM – como está? (VELGB:157)

Desse modo, a diferença semântica atribuída a essas entradas pode ser considerada como um mero equívoco do dicionarista. Ainda a respeito de (12b) e (12c), a traduções apresentadas para essas expressões estão, provavelmente, incorretas. Ali, temos: *nde* (2sg) + (*r*) *essãia* (alegre), “tu estás alegre”.

Há quatro entradas para “diabo”:

(13)

(13a) ANHÁNGA – gênio do mal; fantasma, visão, o demônio. v. Macachera (VELGB:131)

(13b) CURU-PIRA’ – diabo (VELGB:141)

(13c) JURUPARI – anjo mal, diabo (VELGB:151)

(13d) TAGUA’-IBA – demônio (l.g.) (VELGB:141)

As três primeiras formas constam também no *DBP*. De acordo com Edelweiss (1969:217) e Lemos Barbosa (1970:80), os grupos do sul desconheciam a forma *jurupari*, originada na região amazônica, mais precisamente na região do rio Uaupés, habitada, mormente, por índios pano e aruak. A forma *anhanga*, por sua vez, é conhecida pelos grupos meridionais e setentrionais. Observe que Machado de Oliveira, após apresentar a tradução de *anhánga*, faz menção de outro termo para “diabo”, *macachera*. Este último, no entanto, não consta no *VELGB*. Encontramo-lo em *Brasileirismos*. As formas *curu-pira’* e *tagua’-iba* também são encontradas em *Brasileirismos*.

(13e) CURURUPIRA’ – demonio (Bras.: 123)

(13f) MACACHERA’ – demônio. (Bras.: 125)

(13g) TAGUAIBA’ – demonio (Bras.: 129)

Para a palavra portuguesa “amarelo”, há três correspondentes no *VELGB*:

(14)

(14a) JÚBA – amarelo (VELGB:150)

(14b) TAGOA’ – amarelo (v. tauá) (VELGB:166)

(14c) TAUA’ ou TAGOA’ – barro amarelo (VELGB:167)

Segundo Edelweiss (1969:209), no Tupi Antigo, o termo *îuba* era usado sem distinção para pessoas e coisas. Contudo, explica o tupinólogo, para “barro amarelo”, havia um termo específico, *tagûá*. Em Montoya (2011[1639]:217), encontramos *ju*, “amarillo”. O *VLGIA* traz *iju*. Em Martius, temos *boyjú*, “dourar”, isto é, *boy* + *ju* “fazer amarelo”. Em *Brasileirismos*, Machado de Oliveira apresenta a seguinte definição para o vocábulo *tagua*’:

(14d) TAGUA’ – nome que os indígenas davam, e que ainda hoje conservamos, aos peróxidos e protóxidos de ferro (*Bras.:* 129)

Para “chave” temos:

(15)

(15a) CHABI – corruptela de chave (*VELGB:* 139)

(15b) OKEN BOTI – chave (*VELGB:* 159)

O *DBP* traz *xabi*. Para (15b), temos em Guaraní Mbyá, *okẽ* (“porta”) e *mboty* (“fechar”). Em Tupi, a forma para “porta” é *okena*.

Observe, a seguir, as diferentes grafias e vocábulos encontrados no *VELGB* para a palavra “grande”.

(16)

(16a) AÇU’ – grande (*VELGB:*130)

(16b) ASSU’ – grande (v. Oçu, Guaçu e Çu) (*VELGB:*132)

(16c) OÇU’ – grande (v. Assu, Guaçu, Çu) (*VELGB:*158)

(16d) PURU’ ou PUÇU’ – grande, grosso (*VELGB:*164)

Em (16a) e (16b), temos apenas variações de grafia de um mesmo vocábulo, não há diferença semântica entre as formas. Tais variações, além de indicarem inconsistência nos critérios de representação, corroboram a hipótese de o autor do *VELGB* ter utilizado mais de uma fonte escrita para a redação de seu vocabulário. O *VLGIA* traz *turusû*, “grande” e *quirâ*, “grosso”. Em Martius, temos também diferentes grafias e vocábulos para “grande”: *açú*, “grande”; *boasû*, “engrandecer” (*bo* + *asû*, lit.: tornar grande); *boturusû*, “engrossar” (*bo-* + *turusû*, lit.: tornar grande e grosso); *uaçú*, “grande” etc.

Listamos abaixo as quatro formas encontradas para “papagaio” no *VELGB*:

(17)

(17a) **AGERU'** – papagaio (*VELGB*:130)

(17b) ***IONGJO** – papagaio (*VELGB*:146)

(17c) **JURU'** – boca. Espécie de papagaio (*VELGB*:151)

(17d) **PARAGUA'** – papagaio (*VELGB*:160)

As formas em (17a), (17c) e (17d) constam, também, no *DBP*. Já o vocábulo em (17b), conforme será explicitado posteriormente nesse estudo, foi equivocadamente acrescentado ao *VELGB*, visto que é uma expressão da língua kaingang.

O verbo “levantar” aparece acompanhado das formas *apuan* e *puan*. Nesse caso, temos em *apuan*, o verbo *puan* conjugado na primeira pessoa do singular (*a+puan*, “eu levanto”), mas traduzido por engano do autor no infinitivo, “levantar”. No *DV* de Martius, muitos dos verbos que estão, em *LGP*, conjugados em 1p ou 3p aparecem traduzidos no infinitivo em português.

agulhar — *aicutuque*, stechen, antreiben (*DV*:102) > *a-î-kutuk* “eu o espeto”

assistir (morar) — *oicovê*, wohnen. (*DV*:103) > *o-îkobé* “ele vive”

Para “cortado”, temos *apaba* e *teitê*. A primeira é encontrada na expressão *ibý apába*, “terra talhada”, presente no *Dicionário Tupi* de Martius. A segunda é idêntica à forma encontrada no *DBP*.

A seguir, relacionamos as três entradas para “gato”.

(18)

(18a) **CHEVI (?)** – gato (v. Pixana) (*VELGB*:139)

(18b) **MARACAJA' MIRIM** – gato (B. de A.) (*VELGB*:151)

(18c) **PIXÁNA** – corruptela de bichano (v. Chevi ou cheby) (*VELGB*:163)

A respeito dos dados em (18a), (18b) e (18c), cabe observar que a forma *chevi*, em (18a), não se encontra no Guaraní Paraguaio, nem em Montoya, nem no Tupi, mas no Guaraní Mbyá atual o termo para “onça” é *xivi*, e para “gato” é *xivi’i*⁵⁶.

De acordo com Eckart (*apud* Edelweiss, 1969:221), devido ao contato constante com falantes de português, o termo *pixána* foi adotado por falantes da língua geral para distinguir o gato doméstico dos selvagens, *marakaja*’.

A entrada em (18b) é seguido no *VELGB* pelo vocábulo *maracaja’ guassu*, “jaguatirica”. O *VLGIA* traz *bracaÿã* para “gato”. Em Montoya (2002[1640]: 206) temos *mbarakaja*. E no *VLB*, encontramos *marakaia*.

Os exemplos abaixo trazem as duas formas para “arco” encontradas no *VELGB*. A primeira, *cuang*, não é encontrada em nenhum outro documento de registro das línguas gerais. Quanto à segunda, *uiba*, trata-se, possivelmente, de “flecha” ou “arco da flecha”, visto que a palavra tupi para flecha é *uúba*. Em kaiowá, temos *uirapá* para arco e *ui* para flecha.

(19)

(19a) CUANG – “arco” (*VELGB*:141)

(19b) UIBA – “arco” (*VELGB*:136)

Encontramos, ainda, dois vocábulos para o verbo “roubar” em português, *banhomim* e *emonda*’, ambos acompanhados pela menção **t.g.** Esses vocábulos serão discutidos com detalhes em tópico posterior, quando tratarmos dos vocábulos marcados por essa menção.

⁵⁶ **Diccionario Mbya-Guarani Castellano**, de León Cadogan. Asunción: CEPAG, 1992, p. 38; também **Vocabulário bilíngue Guaraní-Português, Português-Guarani. Aldeias do Estado de São Paulo**. São Paulo: SEE-SP, FEUSP, 2010, p. 91

5. Peixes de Água Salgada e Doce, Animais Marinhos e Crustáceos

Pensando nas diferenças semânticas existentes entre os léxicos guarani e tupi e considerando a influência do meio étnico e geográfico, analisaremos, agora, os termos relacionados a peixes e outros animais aquáticos. O quadro a seguir lista 55 vocábulos referentes a nomes de peixes de água salgada e doce, animais marinhos e crustáceos encontrados no *VELGB*. Note que, em alguns casos, há mais de uma expressão em língua geral para nomear uma mesma espécie em português. Algumas vezes, temos a mesma expressão, mas com grafia diferente. Mais uma vez, é possível que essa variedade de termos e formas de notação em língua geral indiquem diferentes locais de coleta e consulta a fontes escritas distintas.

Quadro VI: Relação de Peixes de Água Salgada e Doce, Animais Marinhos e Crustáceos

	Língua Geral Brasília	Português
1	ACARA'	garça, espécie de peixe (v. cará)
2	AIMONÊ	peixe de lama
3	ARABERI	sardinha
4	ARAGOAGUAY	peixe serra
5	ARATU'	caranguejo
6	ARIMAIRI	arraia
7	AROAIM	caramujo, marisco
8	ATUMPA'	espécie de peixe
9	BAIACU'	peixe
10	*BAUC-PUA'	espécie de peixe
11	BIJU'-PIRA'	peixe
12	CÁIA CÁNGA	polvo
13	CARA'	garça, espécie de peixe
14	CAMURI	robalo
15	CARAMURU'	moréa; dragão do mar
16	CARAOTA' ou ALBACOVA	peixe como o atum
17	CARAPITANGA	espécie de peixe
18	ÇOCORI	cação
19	ÇOROROCA	espécie de chicharro (peixe)
20	CRUMATÃ	peixe
21	CUNAPU	mero
22	CUPA'	pescada
23	CURUMATAN	peixe
24	*GOAIRI-COÁRA	peixe roncador
25	GOARAGOA'	peixe boi
26	GOAIA'	caranguejo (v. Uçá)
27	*GOAYABICOATI	espécie de peixe
28	*GOIARI-COARA	espécie de peixe
29	GURI	bagre (v. Urubú)

30	JABIBÚRA OU JAPUPIRA	arraia (peixe)
31	JAGUARAÇA	espécie de peixe
32	JAU'	peixe
33	JUNDIA'	peixe
34	MARACU'-GUARA	peixe porco (l.g.)
35	MIROCÁIA	espécie de choupinha; peixe
36	PACU'	peixe
37	PEIJUPIRA'	peixe saboroso
38	PIÁU	peixe
39	PIRA'	peixe
40	PIRAJU'	dourado (peixe)
41	PIRANEME	peixe com robalo
42	PIRA'-PICU	espadarte
43	PIRA-PUAN	baleia
44	PIRAPUITAN	peixe vermelho
45	PIRAQUIRA	peixe rei
46	PIRAQUIROA'	espécie de peixe
47	PIRAÚNA	garoupa (l.g.)
48	POTY	camarão. - guara, homem que se sustenta de camarões
49	PYRA'-PUAN	baleia
50	TAMPA-PIRENA	(?) espécie de corvina
51	TAREIRA'	peixe-enxada
52	UBARÁNA	tainha, peixe
53	UÇÁ	carangueijo (v. Goaiá)
54	UPERU'	tubarão
55	URU-MAÇÃ	linguado

Muitos dos nomes acima foram registrados por outros pesquisadores e cronistas desde o início da colonização. A grande maioria está presente na obra de Gabriel Soares de Souza, *Notícia do Brasil*, mas com grafias e algumas definições distintas, o que revela que aquela obra não foi a fonte para a inclusão desses termos na lista de Machado de Oliveira.

A respeito de diferentes formas de notação, observe os dados em: (1) e (13); (11) e (37); (20) e (23); (24) e (28) e (44) e (49). Essas discrepâncias indicam duas possibilidades, sendo a segunda mais provável que a primeira, visto que, como demonstraremos no decorrer desta pesquisa, o *VELGB* não constitui uma mera cópia de outros documentos de registro das línguas gerais: *i*) Machado de Oliveira reproduziu, parcialmente, no *VELGB*, o conteúdo presente em outras obras sobre língua geral ou *ii*) Machado de Oliveira reproduziu, no *VELGB*, ao lado de seus apontamentos pessoais, as anotações recebidas de seu informantes (Barão de Antonina e Alves Alvim) sem alteração alguma de grafia.

Além da falta de sistematização na forma de notação dos dados, verificou-se, também dentro desse grupo, alguns erros de cópia. Veja que, em (10), trata-se do peixe *bacupua*⁵⁷, grafado, ali, *bauc-pua*, também conhecido como “cascudo”, presente na bacia do rio São Francisco e sul do Brasil. Já o dado em (2) refere-se ao peixe *aimoré*, também citado por Gabriel Soares de Sousa em *Notícia do Brasil*.

O terceiro volume de *Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios Portuguezes ou lhes sao visinhas* traz a forma *goavicoara* para a espécie *rhinelepis aspera*, conhecida, atualmente, como “cascudo preto”, mas apresentada pelo autor como “roncadores”: “*Goavicoara* são huns peixes, a que os índios chamão *roncadores*, porque roncão debaixo d’agua, dos quaes morrem em todo o anno muitos á linha, e He peixe leve, e muito estimado” (SOARES, 1825:256). No Brasil, essa espécie é encontrada nas bacias dos rios São Francisco e Paraná. Para “peixe roncador”, temos em Lemos Barbosa (1969) *guatucupaassaba* e *pirambá*.

A forma *goayabicoati* também é encontrada em *Notícia do Brasil*: “são huns peixes azulados pequenos, que se tomão á cana das pedras, que são em todo o anno muito gordos, e saborosos, e leves para doentes [...]” (SOARES, 1825:258).

Da lista acima, identificam-se, pelo menos 37 vocábulos que nomeiam peixes e animais marinhos. Sabendo que, por influência do meio geográfico, existem conceitos que só são encontrados no Tupi e outros no Guarani, destacamos a relevância da presença desses vocábulos no *VELGB*, visto que, muitos dos termos tupi relacionados à orla marítima são desconhecidos pelos guarani, habitantes do interior. Entretanto, não estamos afirmando que tais expressões sejam estranhas aos guarani. O que queremos destacar, aqui, é a influência da costa na composição do *VELGB*.

Grande parte dos peixes de água doce listados no *VELGB* pode ser encontrada em todo o território nacional. O *pirapuitan*, ou *piraputanga* como ficou conhecido na região norte, é encontrado na região de Bonito, no estado do Mato Grosso do Sul, e em toda a bacia

⁵⁷ Esta forma também é encontrada em *Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios Portuguezes ou lhes sao visinhas*, V. III, p. 260.

do rio Prata. Sobre a forma presente no *VELGB*, *pirapuitan*, de *pirá* “peixe” + *puitan* “vermelho”, é relevante considerar o registro da sílaba inicial *pui* da forma *puitan* (*piranga* em Tupi e *pytã* em Guarani). Pode-se considerar que a forma registrada no *Vocabulário* de Machado de Oliveira apresenta, muito provavelmente, certa influência da língua Guarani, visto que, em Guarani, deu-se *pytã*, com *y*. Há outros registros dessa forma em topônimos como *Ibirapuitã*, no Rio Grande do Sul⁵⁸ e *Sangua Puitã*, distrito do município de Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul.

Em (5), (26) e (53), há três variedades de caranguejo, todas presentes na literatura Tupi. Sendo o primeiro, o *aratu*’, encontrado em todo o Brasil; o segundo, o *goaia*’, na costa, do norte até o Rio de Janeiro e o terceiro, o *uçá*, em mangues por todo o Brasil.

Além dos nomes relacionados no quadro (VI), encontramos, ainda, no *VELGB*, a expressão *guiara*’, traduzida como “charco”. A tradução vem acompanhada por um ponto de interrogação. Pensamos que, aqui, se trata de mais uma espécie de peixe, o “xareu”, visto que esse peixe também é conhecido pelo nome *guiará*. Nesse sentido, o editor, certamente, confundiu o *e* do manuscrito original com o *c*.

6. As Aves do *VELGB*

O quadro a seguir destaca vocábulos relacionados a nomes de aves presentes no *VELGB*. Observe que, em diversos casos, há mais de um vocábulo em língua geral para uma mesma espécie de ave em português.

Quadro VII: Relação de Nomes de Aves do *VELGB*

	Língua Geral Brasília	Português
1	ACARA’	garça, espécie de peixe (v. cará)
2	AGERU’	papagaio
3	ANHIMA	gralha grande
4	ARACANGUABA	arara
5	ARAMAN	ave
6	ARÁRA	ave

⁵⁸ Em mapas do século XIX, o atual Rio da Várzea, um afluente barrento do Rio Uruguai, aparece com o nome de *Uruguai-puitã* = “o Uruguai vermelho” (W. D’Angelis – comunicação pessoal).

7	ARASSU	espécie de ave
8	AYAYA'	colhereiro (ave)
9	BUÁBA OU EMBUÁBA	ave que tem penas nos pés
10	BUJUY	espécie de andorinha
11	ÇAPUCAIA	clamar; gritar; árvore; galinha
12	ENANBU' OU NHAMBU'	ave
13	GAHY-PÁBA	pássaro (t.g.)
14	GRUMARA'	pássaro
15	GUAINUMBY	beija-flor
16	GUARA'	ave - pona, ave. - cinga, ave
17	GUAXI	pássaro
18	GUYRA'	ave pequena
19	GUYRA' OÇU'	ave de rapina; gavião
20	INAMBU' GUASSU'	macuco
21	INAMBU' PUITAN	perdiz
22	INHANDA'	avestruz - rupiá, ovos de avestruz
23	INHÚMA	pássaro que tem corno na testa
24	IONGJO	papagaio (t.g.)
25	JABIRU'	ave aquática
26	JACUPATIM	jacutinga
27	JACURUTU'	coruja
28	JUBÓ	pássaro
29	NAMBU'	ave - cará, de pele fina
30	NHANDU'	avestruz; ema (v. Chuni ou Churi)
31	ORUCURIA' OU NHACURUBU' OU JACURUBU	coruja
32	PARAGUA'	papagaio
33	PICASSÚ	pomba
34	TENAN ou TUCANO	ave
35	URU'	ave, galinha (v. Çapucaia)
36	URUBU'	ave carnívora

Em (1), a forma *acara'* aparece traduzida como “garça” e “uma espécie de peixe”. No *DBP*, esse vocábulo aparece acompanhado dessas e de outras acepções.

O vocábulo *anhima*, em (2), acompanhado pela tradução “gralha grande”, é certamente uma variante de *inhúma*, em (23). Essa ave é conhecida também como “anhuma”, “inhaúma”, “unicorne”, “licorne”, “alicerne” (Amazônia), “alencor” (Amazônia Central), “cuintau”, “ema-preta”, “cametaú”, “guandu” (Mato Grosso) e “caiuí”. Ela é tipicamente amazônica, todavia pode ser encontrada também no interior do Ceará, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso (Pantanal), São Paulo, Paraná, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru. O *DBP* define *anhima* como “certa ave” e apresenta para ela as variantes *anhyma* e *anhúma*.

Não há registro do vocábulo *aracanguaba*, em (4), na literatura como nome de ave. Encontramo-lo, entretanto, em *Roteiro da Viagem para as Minas do Cuiabá que fez Francisco Palácio*,⁵⁹ como denominação de uma cachoeira no leito do rio Tietê. O dado em (4) refere-se, muito provavelmente, a *aracanga* ou arara vermelha. Essa variedade de arara é característica da região amazônica, sendo encontrada em toda a Amazônia brasileira; do sul do México até o Panamá; norte da Colômbia; e leste da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, até o leste da Bolívia.

Em (8), temos uma referência ao colhereiro. Essa ave é encontrada em toda a extensão do país, contudo, é mais comum nas regiões sul e sudeste. Lemos Barbosa (1967) traz as formas *ajajá*, *arapapá*, *aratajassu* e *tamatiá* para colhereiro.

Embuaba, ou seu contracto *buaba*, apresentado, aqui, com seu sentido original, “pássaro que tem penas nos pés” ou “pássaro de pés emplumados”, era também usado para fazer referência aos portugueses que usavam calças: [...] não será muito de estranhar que aos peccados dos moradores das Minas se atribuem as guerras, que entre si tiveram, tão célebres e decantadas com o apelido do levante dos Embuábas contra os Paulistas” (*Rev. do IHGB*, 1841, TOMO III, nº11, p. 261). “Eram complices mais frequentes destes delictos os Paulistas, porque como viviam abastados de Indios, que tinham trazido do sertão [...] se fizeram notavelmente poderosos, chegando alguns a tanta soberania, que fallando com os forasteiros, os tratavam por vós, como se fossem escravos” (*ibid.*, 262). “Cinco embuabas, fingindo-se de paulistas” (*ibid.*, 271).

O vocábulo *bujuy*, em (10), coincide com aqueles apresentados pela literatura tupi e guarani. Em Lemos Barbosa temos *mujuí*. Em guarani *mbyá* é *mbyju'i*.

Há duas formas para galinha, uma em (11) e outra em (35). A forma em (11) é aquela presente na literatura tupi, encontramos-la no *DBP*, no *Vocabulário na Língua Brasileira* e no *Dicionário da Língua Geral do Brasil*. A forma em (35) é a mesma encontrada

⁵⁹ *In: Revista Eletrônica Documento/Monumento*, vol. III, nº1, p. 113.

em línguas guarani, encontramos-la em Montoya. O *VLGIA* traz *gurâ cunhan* para “galinha” e *gurâ apuava* para “galo”.

Conforme viu-se na seção anterior, das quatro entradas para “papagaio” que aparecem no *VELGB*, três, *ageru’*, *juru’* e *paragua’*, correspondem às formas encontradas na literatura tupi. A forma *iongjo* não é tupi, mas, sim, kaingang. Esse vocábulo foi, certamente, inserido no *VELGB* por engano do autor. Sobre isso, cabe observar que, no mesmo número da *Revista do Arquivo Municipal*, na sequência do *Vocabulário* em análise, publicou-se também, do mesmo José Joaquim Machado de Oliveira, um pequeno *Vocabulário dos Índios Coroados* (pp. 172-174).

Em (13), temos muito provavelmente *gaipava*, nome dado à fêmea do gaturamo-verdadeiro no estado de Santa Catarina.

O *grumara’*, em (14), corresponde ao *Molothrus bonariensis*. Essa espécie é conhecida também pelos nomes de anu, arumará, azulão, azulego, boiadeiro, brió, carixo, catre, chopim-gaudério, chupim, corixo, curixo, corrixo, corvo, engana-tico, engana-tico-tico, gaudério, godério, godero, gorrixo, iraúna, maria-preta, negrinho, papa-arroz, parasita, parasito, pássaro-preto, uiraúna, vaqueiro, vira, vira-bosta e vira-vira.

O vocábulo em (15) condiz com as formas encontradas na literatura tupi para “beija-flor”. Em (16), as formas *guara’*, *guarapona* e *guaracinga* são traduzidas, genericamente, como “ave”. A primeira é também facilmente encontrada na literatura, as outras duas, todavia, não estão registradas nos vocabulários, dicionários e gramáticas de línguas tupi compulsadas nesta pesquisa.

Chamado também de japiim-de-costas-vermelhas, japiim-do-mato, japim-guaxe, japira, o *guaxi*, em (17), pode ser encontrado, no Brasil, em duas regiões separadas: em toda a Amazônia e de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, estendendo-se para o interior até Goiás e Mato Grosso do Sul. Ele é encontrado também nos demais países amazônicos e no Paraguai e Argentina.

Os vocábulos *guyra'* e *guyra' oçu'*, são igualmente registrados no *DBP*. Ali, entretanto, *guyra'* aparece somente como “ave”.

O dado em (20), *inambu' guassu'*, traduzido como “macuco”, é encontrado também em Guarani Kaiowá. Na literatura ornitológica, entretanto, o macuco e o *inambu' guassu'* são aves distintas. O primeiro habita as florestas de toda a região leste brasileira (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul), Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraguai e Argentina. O segundo é encontrado nas regiões sul e sudeste do Brasil, no Paraguai e Argentina; existem, ainda, populações isoladas dessa espécie no sul dos estados do Amazonas e Pará e no baixo Tapajós.

Em (21), a forma *inambu' puitan* corresponde àquela encontrada em Guarani. Em Guarani Mbyá, fixou-se *inambu pytã* para “perdiz”. Em tupi, é *nhuãpupé*. Note que, mais uma vez, o autor interpretou o “y” como “ui”. Em (28), temos *nambu*, certamente, uma variante do vocábulo *inambu'*.

Aparecem, no *VELGB*, duas entradas para avestruz, (22) e (30). O vocábulo, em (30), é o mesmo encontrado na literatura para “ema”. Ainda em (30), o editor faz referência a outros dois vocábulos que não estão presentes no vocabulário, *chuni* e *churi*.

O vocábulo, em (26), é, certamente, uma variação do nome *jacuapeti* (*jaku* “jacu” + *apé* “costas” + *tim* “branco”), outro nome dado à jacutinga. Essa espécie era muito comum nas regiões sul e sudeste do Brasil.

Em (31), aparecem três formas para “coruja”. A primeira, *ocururia'* é também encontrada no *DBP* (*orocuriâ*) e em Guarani Mbyá (*urukure'a*). As outras duas formas são, seguramente, variantes de *jacurutu*, em (27). Na literatura tupi, *jacurutu* é o nome dado a uma espécie de coruja de grande porte. Essa espécie habita, principalmente, a região sudeste e o extremo sul do Brasil.

A forma *tucano* em (34) é idêntica àquela adotada pela língua portuguesa para a palavra tupi *tucana*. Em Guarani é apenas *tukã*. A segunda forma, *tenan*, não é registrada pela literatura tupi.

Os dados em (23), (25), (33), (35) e (36) também são facilmente encontrados na literatura tupi. Não encontramos, entretanto, correspondentes para os dados em (14) e (28).

7. Os Numerais

Outra particularidade do *VELGB* são os numerais nele contidos. A presença de mais de uma forma em “Língua Geral Brasília” para um mesmo numeral em português aponta para a existência de mais de uma fonte oral ou escrita. A análise desses dados mostrou que o autor inseriu, no vocabulário, indiscriminadamente, números em Tupi e em Guarani e possibilitou, também, identificar o significado e a possível origem das abreviações **t.g.** e **B. de A.**

Quadro VIII: Quadro Comparativo dos Numerais

	<i>VELGB</i>	<i>VLGIA</i>	<i>GUARANI</i>	<i>TUPI</i> ⁶⁰
1	<i>ipi'</i> (v. <i>petem</i>) <i>oyepe'</i> (v. <i>piteim</i>) <i>petein</i> ou <i>petém</i> (v. <i>ipé</i>)	–	<i>peteĩ</i>	<i>ojepé</i> ou <i>mojepé</i>
2	<i>mbohapy</i> <i>mocôin</i> (t.g.)	<i>moconhim</i>	<i>mokôĩ</i>	<i>Mocôĩ</i>
3	<i>boapyr</i> (t.g.) <i>moçapyr</i> ou <i>moçabyr</i> (v. <i>mbohapy</i>)	<i>busapû</i>	<i>mbohapy</i>	<i>mossapyr</i> ou <i>mossapyt</i>
4	<i>erundi</i> <i>irundy</i>	<i>busapû munang-pe</i>	<i>irundy</i>	<i>Irundyc</i>
5	<i>peteinpo'</i> (t.g.) <i>tenemuin</i> (B. de A.)	<i>busapû</i> <i>munannoconhim</i>	<i>po</i> <i>tineruĩn</i> ⁶¹	<i>ã mbó</i> ou <i>xe po</i>
6	<i>petem mirigary</i> (?) (t.g.)	<i>busapû sapû</i>	<i>poteĩ</i>	–

Para “um”, o *VELGB* traz três formas distintas. A primeira, *ipi'*, não é propriamente “um”, mas “princípio”. A segunda, *oyepe'*, corresponde à forma encontrada no Tupi. E a terceira, *petein* ou *petém*, é encontrada no Guarani. A respeito dessa última, ao final da entrada, o editor nos remete à forma *ipé* que não é encontrada no *VELGB*.

⁶⁰ Cf. Lemos Barbosa (1970).

⁶¹ Guarani Kaiowá

Em relação ao número “dois”, observe que o vocábulo *mbohapy* corresponde, no Guarani, a “três”. Aqui, certamente, estamos diante de um erro de notação do editor, visto que em *moçapyr*, “três”, ele nos remete a *mbohapy*. Já a forma acompanhada pela menção **t.g.**, *mocôin*, é encontrada tanto no Tupi quanto no Guarani. *Erundy* ou *irundy*, “quatro”, também é encontrado nas duas línguas.

As formas encontradas para o número “três”, *boapyr* e *moçapyr* (ou *moçabyr*), correspondem, respectivamente, ao Guarani e ao Tupi.

Em *peteinpo*’, temos, como no Tupi Antigo, um circunlóquio para expressar o número “cinco”: *petein* (um) + *po* (mão). A outra forma para “cinco”, acompanhada de **B. de A.**, *tenemuin*, se assemelha àquela encontrada no Guarani Kaiowá. Trabalhamos, aqui, com a hipótese de os vocábulos acompanhados de **B. de A.** corresponderem àqueles coletados em Itapeva, nos alojamentos de índios kaiowá, sob a proteção do Barão de Antonina.

Para “seis” temos *petem mirigary*, *petem* (um) + *mirigary* (?). Não encontramos na literatura compulsada um correspondente para a forma *mirigary*.

Refletindo sobre o que foi exposto acima, pode-se inferir que os dados marcados por **t.g.** correspondam a termos comuns entre as línguas tupi e guarani. Contudo, como será explicitado posteriormente nesta dissertação, os dados assinalados por essa menção apresentam mais características de línguas guarani do que de línguas tupi. Nesse sentido, poder-se-ia pensar que esse conjunto de dados corresponde à LGP falada ainda no início do século XIX. A forte presença de características guarani nesses dados pode ser explicada pela influência sofrida durante o longo período de contato entre os falantes da LGP e do Guarani. Assim, a abreviação **t.g.** é interpretada, aqui, como significando tupi-guarani. Em relação à menção **B. de A.**, ela representa, seguramente, a abreviação de Barão de Antonina.

8. Termos de Parentesco

Conforme Lemos Barbosa (1956:421), a nomenclatura de parentesco tupi, assim como a de vários outros grupos indígenas sulamericanos, reflete a organização social desse

povo. Dessa forma, pessoas que ocupam posições correspondentes recebem a mesma classificação. Em outras palavras, parentes da mesma geração, sexo e função recebem o mesmo nome; por exemplo, a mãe e a irmã da mãe são referidas pelo mesmo termo, mas este difere do nome dado à irmã do pai⁶².

Encontramos 20 entradas no *VELGB* relacionadas a nomes de parentesco:

Quadro IX: Nomes de Parentesco

<i>VELG</i>	Tupi ⁶³	Português
01 *AMOIG	<i>anama</i>	parente
02 CHEARYA	<i>xe + arya</i>	minha avó
03 CHE CY	<i>xe + sy</i>	minha mãe
04 CHERAGUY	<i>xe + enotar(uer)a (ego masc.)</i> <i>xe + quybyra (ego fem.)</i>	meu irmão
05 CHERAMOIN	<i>xe + (t)amũia</i>	meu avô
06 CHE RAYRA	<i>xe + (t) arya</i>	minha filha
07 CHEREMÚY	<i>xe + enotar(uer)a (ego masc.)</i> <i>xe + quybyra (ego fem.)</i>	meu irmão
08 CHERENDUHY OU CHERANDY	<i>xe + (t)endyra (ego masc.)</i> <i>xe + (t)yquera (mais velha, ego fem.)</i>	minha irmã
09 CHEREKEY (?)	<i>xe + (t)yquyyra</i>	meu irmão mais velho
10 CHE RU	<i>xe + (t)ubá</i>	meu pai
11 JANDERAMUIA	<i>nhande + (t)amũia</i> “nossos avós”	nossos antepassados
12 NDERAHY	<i>nde + (t)ayra</i>	teu filho
13 NDEVAHY	<i>nde + (t)ajyra (ego masc.)</i> <i>nde + membyra (ego fem.)</i>	tua filha
14 NHANDÉRU’	<i>nhande + (t)uba</i>	Nosso pai
15 PÁYA	<i>pai (voc.) ou (t)uba</i>	pai (v. Tuba)
16 TAMUYA	<i>(t)amũia</i>	ascendentes, antepassados, avós
17 TENDYRA	<i>(t)endyra</i> “irmã”	irmão
18 TOBAJÁRA	<i>(t)obaãara</i> “irmão ou primo da esposa” (ego masc.)	cunhado do homem
19 TÚBA	<i>pai (voc.) ou (t)uba</i>	pai (v. Tayá)

⁶² Para mais informações sobre o sistema de parentesco tupi, veja: BARBOSA, A. Lemos. **Curso de tupi antigo**: gramática, exercícios, textos. Rio de Janeiro, RJ: São Jose, 1956, pp. 421-435.

⁶³ Cf. Lemos Barbosa, 1956 e 1970.

20	UKEI	<i>ukei</i> “esposa do irmão”	cunhado da mulher (v. Tubajára)
----	------	-------------------------------	---------------------------------

O simples confronto dos termos acima é esclarecedor por si próprio. Muitas dessas formas podem ser facilmente reconhecidas em outros documentos de registro de línguas tupi. Teceremos, agora, algumas considerações acerca das formas léxicas encontradas no *VELGB* que diferem daquelas encontradas no Tupi.

O dado em (1), *amoig*, é encontrado em Montoya (2011[1639]:34). Lembrando que este termo vem acompanhado da menção **t.g.** pensamos que ele, assim como os demais termos assinalados por **t.g.**, esteja mais próximo às línguas e dialetos guarani. Ainda a respeito de (1), é interessante notar que, em Guarani Mbyá, o vocábulo *amōi* pode ser entendido como “antepassado” e “avô”, acepção que também é dada pelo *VELGB* em (5).

Sobre (4), encontramos em Guarani Mbyá: *xeregua*, “meu irmão” (ou “minha irmã”). Em (8), temos a forma apocopada de *xe+(r)+tendyra*. Para o vocábulo em (9), encontramos, igualmente, em Guarani Mbyá, o termo *yke’y* empregado para “irmão mais velho”.

Quanto ao dado em (12), encontramos também em Guarani Mbyá *a’y*. Assim, temos *nde+(r)+a’y*. Para “filha”, encontramos, ainda, em Guarani Mbyá, *ajy*. O *VLGIA* traz *raíra* para “filho” e *ragira* para “filha”. Martius também apresenta o vocábulo *tayra* para “filho”. Em (13), certamente, houve erro de transcrição, ali, o *r* do original foi entendido e transcrito pelo editor como *v*.

A primeira parte da tradução da expressão *nhandéru’*, em (14), “Nosso pai”, é grafada em letra maiúscula, observando que esta expressão segue a entrada *nhandeijára*, “Nosso Senhor”, pode-se concluir que, ali, trata-se de um neologismo semântico. Nesse sentido, *nhandéru’* refere-se a “Deus”. Em Guarani Mbyá essa expressão tem a mesma conotação. O dado em (15) também é encontrado no *DBP* e no *VLB*. Embora, o editor faça menção de outra possível entrada para “pai”, *tayá*, em (18), o vocábulo indicado não foi incluído na versão publicada em 1936. Em Martius, temos apenas *cheuva*, “meu pai”.

Em (17), há provavelmente erro na tradução, ali, o termo *tendyra* significa “irmã”, e não “irmão” como está no *VELGB*. Acerca desse equívoco, é válido mencionar que a primeira parte do *DPB-DBP* traduz *tendyra* como “irmão de varão” e *kevîra* como “irmão da mulher”. Na segunda parte, entretanto, *tendyra* é traduzido como “irmã, a afilhada do pai”. O *VLGIA* traz *quevuira*, “irmão” e *riquera*, “irmã”.

9. O Fenômeno da Apócope na variedade registrada no *VELGB*

Nas seções anteriores, viu-se que a LGP, assim como o Guarani, apresentava uma propensão à supressão da sílaba final átona. O fenômeno da apócope já era registrado por Anchieta em sua *Arte* para a variante falada na Capitania de São Vicente no século XVI. Essa propensão parece ter se efetivado no século XVIII, tendo em vista que o *DV* de Martius traz um único verbo com *r* final, sendo que esse se encontra na forma negativa: “abominar – *ndaroviar* – *neg*, *verwünschen*” (*DV*:101). O naturalista também tece algumas considerações a respeito desse fenômeno na introdução do *DV*.

Die hier wiedergegebenen Zeitwörter gehören dem Tupi-Dialekte an, wie er vom gemeinen Volke in den südlichen Provinzen Brasiliens, namentlich in S. Paulo, Cujabá und Rio Grande do Sul gesprochen wurde. Sie weichen von der durch die Jesuiten literarisch festgestellten Lingua geral brazilica vielfach ab. Viele Worte bearkunden durch Verkürzung, Zusammenziehung und andere Verstümmelungen, dass sie dem Munde des gemeinen Volkes entnommen sind (MARTIUS, 1969[1863]:99)⁶⁴.

De acordo com Lemos Barbosa (1956:42), dos tupi de São Paulo para o sul, “prevalece a apócope”. A seguir, arrolamos alguns exemplos de ocorrência da apócope no grupo de dados desacompanhado de menção.

(20)

- (20a) **ACAYAIA'** – cedro, árvore (*VELGB*:130) > *acayaica*
 (20b) **BERA'** – brilhar (*VELGB*:133) > *bebara*

⁶⁴ Os verbos reproduzidos aqui pertencem ao dialeto tupi falado por pessoas comuns nas províncias do sul do Brasil, especialmente em São Paulo, Cuiabá e Rio Grande do Sul. Eles diferem frequentemente da língua geral brasílica literariamente apresentada pelos jesuítas. **Muitas palavras documentam por meio de abreviação, contração e outras supressões**, que elas são retiradas da boca de pessoas vulgares (tradução e grifo nosso).

- (20c) CHE RU – meu pai (VELGB:139) > *che ruba*
 (20d) CORE' ou CORERA – aparas, migalhas, argueiros (VELGB: 140)
 (20e) MOTÁCA – bater (VELGB:156) > *motáçaba*
 (20f) PARA' – rio (VELGB:160) > *parana*
 (20g) PIRAJU' – dourado (VELGB:162) > *pirajuba*
 (20h) PIRAPUITAN – peixe vermelho (VELGB:162) > *piraputanga*
 (20i) PYRA'-PUAN – baleia (VELGB:165) > *pirapuama*
 (20j) PORÃ ou PORAN – bom, bonito (VELGB:165) > *poranga*
 (20k) ROCA ou RETÃ – lugar, casa, ninho (VELGB:166) > (*r*)*etama*
 (20l) TAO – formiga grande (v. Tacyba) (VELGB: 167) > *taoca*

Em (20b), temos *bera'*, em Martius traz *vera*. Para (20c), encontramos em Martius *cheuva*, “descender de alguém” (lit.: *che* “meu” *uva* “pai”). No VLGIA, *ruva*, “pai”.

Para o dado em (20d), o VELGB traz duas formas, com e sem apócope. Para “baleia”, Machado de Oliveira traz *pyra'-puan*, de *pyra'*, “peixe”, e *puama*, “levantar”, “emergir”; literalmente: “peixe emergente”. No VLB temos *pirapûma*. O VLGIA traz *sicuri guaçu* (lit.: “cação grande”). Note que a forma apresentada por Machado de Oliveira não traz o nominalizador *a*. Ali, interpretamos que o anotador marca a nasalidade da vogal com o acréscimo da consoante nasal *n*.

Em (20j), verificamos, mais uma vez, a inconsistência do autor na representação das nasais finais; ali, ele representa a nasal de duas maneiras distintas: com o uso do diacrítico (~) e com o uso da consoante nasal *n*.

A forma apocopada de *taoca*, *tao*, também é encontrada em Montoya (2011[1639]:527): *ta'o* “*hormigas grandes*”. O DBP traz *yçayba* e o VLB, *taoca* “*outras [formigas] que têm a boca como anzóis*”.

Ainda a respeito da apócope, encontramos o vocábulo *aia'* traduzido como “pato”. Há duas possíveis interpretações para esse vocábulo: *i*) Há erro de tradução, sendo a correta “papo”; *ii*) Estamos diante da forma apocopada de *aiapa*. Entretanto, parece-nos, mais provável se tratar de “papo”, constituindo, então, apenas mais um erro de tradução.

10. Empréstimos e Neologismos

Viu-se anteriormente que as diferenças semiológicas entre o Tupi e o Guarani tiveram sua origem no longo período de separação entre esses grupos. Viu-se também que, posteriormente, essas diferenças foram acentuadas por influência do meio étnico e geográfico e pelo contato com a língua do colonizador europeu, o português entre os tupi e o espanhol entre os guarani. Para Edelweiss (1947:162), a presença de estrangeirismos é mais frequente no Guarani do que no Tupi.

De acordo com Martius (1969[1863]), a LGP, chamada por ele de Tupi Austral, apresentava maior influência da língua do colonizador português quando comparada a “Língua Geral Brasileira”. Ele atribuiu essa maior influência ao constante contato estabelecido durante os períodos de conflito e ao fato de a LGP ter se expandido com as bandeiras paulistas.

Die hier wiedergegebenen Zeitwörter gehören dem Tupi-Dialekte an, wie er vom gemeinen Volke in den südlichen Provinzen Brasiliens, namentlich in S. Paulo, Cujabá und Rio Grande do Sul gesprochen wurde. [...] In manchen ist der Einfluss der portugiesischen Sprache nicht zu verkennen (MARTIUS, 1969:99)⁶⁵.

Doch hört man noch immer in der niedrigsten Volksklasse, und namentlich bei den im innem des Landes mit Viehzucht beschäftigten Sertanejos viele aus dieser Mundart stammende Worte, mit dem sich mehr und mehr ausbreitenden Portugiesisch vermischt (MARTIUS, 1969:100)⁶⁶.

Essa mistura de elementos, fez com que a LGP fosse considerada por Martius como *Rothwälsch*⁶⁷:

Gemäs dieser quelle trägt auch dieser südliche Dialekt mehr den Charakter eines Rothwälsch, in ähnlicher Weise wie jene Sprachweisen gebildet,

⁶⁵ Os verbos reproduzidos aqui pertencem ao dialeto tupi falado por pessoas comuns nas províncias do sul do Brasil, especialmente em São Paulo, Cuiabá e Rio Grande do Sul. [...] **Em alguns, a influência do português é indiscutível** (grifo e tradução nosso).

⁶⁶ No entanto, ainda se ouve na mais baixa classe do povo, e, especialmente entre os sertanejos do interior do país que se ocupam da pecuária, muitas palavras originárias desse dialeto, que mais e mais se mistura com o difundido português (tradução nossa).

⁶⁷ “Geringonza corrompida” nas versões em português. No século XIX, essa expressão era empregada na literatura germânica para fazer referência à língua dos ciganos (Cf. *Repertorium commentationum a societatis litterariis editarum*, Volumes 9-10, p. 46).

welche sich die bunt durch einander gemischten Indianerhaufen von anderen Nationalitäten aneignen (MARTIUS, 1969:100)⁶⁸.

Para Cruz (2007), essa influência do português na LGP pode ser atribuída aos critérios de notação utilizados no *DV*. A autora explica que “a mistura de elementos que von Martius atribui ao Tupi Austral também pode resultar de uma análise equivocada das inconsistências nas opções de notação do *DV*” (CRUZ, 2007:22)⁶⁹. Entretanto, a confrontação dos dados do *DV* e de outros documentos de registro da LGP com os documentos sobre a LGA corroboram a tese de Martius.

A língua representada no *VLGIA* também apresenta influências do português:

AIVENSER – vitória
CAVARA – cabra
CAVARÛ – cavalo
CARANDERÛ – carneiro
MAMONO – baga
PRETU NU...Û – escuro
REIA – rei
SAPATÛ – sapato
SEVORÂ – cebola
XECAMBARARA – amigo

O *VELGB* traz uma lista de pouco mais de 25 empréstimos das línguas do colonizador europeu (ver Cap. 2). Encontramos, ali, empréstimos do espanhol e do português.

10.1 A influência da Língua Guarani e do Espanhol em parte dos dados

Há, no *VELGB*, um conjunto de vocábulos que apresentam certa proximidade ao Guarani registrado por Montoya e outros que indicam uma possível influência da língua do colonizador espanhol. Lembramos que, de acordo com Martius (1969[1863]:100), a LGP apresentava, além de forte influência da língua portuguesa, elementos do Guarani e do

⁶⁸ De acordo com aquela fonte [Figueira], aquele dialeto sulista traz mais o caráter de uma *Rothwälsch*, formado de uma maneira semelhante a daqueles modos de falar que se apropriam da confusão dos montes de índios, de outras nacionalidades.

⁶⁹ CRUZ, Aline. A grafia das línguas gerais (Tupi) no século XVIII. In: **LIAMES**, Nº 7, Primavera 2007. pp. 7-24.

espanhol em sua composição. Edelweiss (1969:119-120) cita também o contato frequente dos tupi de São Vicente com os paraguaios. Cabe ressaltar, aqui, também, o intenso contato dos tupi de São Vicente com os carijós (de língua guarani), levados às centenas ou milhares como escravos para o litoral paulista (cf. Monteiro, 1995).

(21)

- (21a) AKIJÊ** – estou com medo (VELGB:130)
- (21b) ANDIBÊ** – reunião, tudo (v. Oetépe) (VELGB:131)
- (21c) ATUA'** – congote, cerviz (VELGB:132)
- (21d) BAGUAHY** – cortar com o machado (VELGB:133)
- (21e) CAÁBO** – ramo, folhagem (VELGB:134)
- (21f) CARANDAI** – palmeira (VELGB:137)
- (21g) CARAPI** – curto (v. Iatin) (VELGB:137)
- (21h) CARAUPEPÊ** – abobora (VELGB:137)
- (21i) CARUMBE'** – casco de tartaruga ou de cágado (VELGB:137)
- (21j) CORI ou CURU ou CURY** – pinhão (VELGB:140)
- (21k) CUNHATÉM ou CUNHÁ-TAHIM** – rapariga (VELGB:141)
- (21l) CUEHÊ** – ontem (VELGB:141)
- (21m) DEAVE'** – como está? (VELGB:142)
- (21n) DAI COAI** – não sei (VELGB:142)
- (21o) DAI POTAI** – não quero (VELGB:142)
- (21p) EJAUVU (EJURERE'?)** – falar; conversar (VELGB:142)
- (21q) EJO' (EHO'?) JAJEVU** – vem comigo (VELGB:142)
- (21r) EJO' (EHO'?) MONGUETA'** – venha conversar (VELGB:142)
- (21s) JÁÁ** – vamos - cherupirê - vamos comigo - vamos dormir - juaparahy - vamos rezar (VELGB:147)
- (21t) MENGOA'** – farça, entremez, jogo (VELGB:152)
- (21u) MOMBERÊÊ** – (?) longe (VELGB:155)
- (21v) PIRU'** – magreza (VELGB:162)
- (21x) PÓNG** - som de cousa concava, éco (VELGB:161)
- (21w) PUÁVA** – alto, veloz (VELGB:164)
- (21y) ROPEHY** – estou com sono (VELGB:166)

Para o dado em (21a), encontramos, em Montoya (2002[1640]:276), *miedo tener*, *akyhyje*. Em Guaraní Mbyá, temos *-kyje* (VTI), “ter medo (de algo ou de alguém)”. Assim, teríamos *a- kije* “eu tenho medo”. O DBP traz *çakyjê*, “temer”.

A respeito do dado em (21b), compare as formas *andi* e *andive* apresentadas por Montoya para a palavra “juntamente”. Observe que aos *v* do Guarani, correspondem *b* no Tupi.

Para (21c), em Montoya (2011[1639]:96), *atua*. Em Guarani Mbyá, encontramos *atua*, “nuca”. Acerca do dado em (14d), temos, em Guarani Mbyá, *mboguai*. Em Tupi, é *moguaia*.

Para “folhagem”, em (21e), o *DBP* apresenta *caâ roba*, em “língua brasileira”. O *VLGIA* traz *kaavon* e, para o Guarani, Montoya traz *ka'avo*. Para o dado em (21f), “palmeira”, temos, em Montoya (2010[1639]:241), *karanda 'y* e para “curto”, em (21g) temos *karapĩ*.

O dado em (21h) é registrado em Montoya (2011[1639]:280) como *kurapepẽ*; [*kuarapepẽ*] “calabazas”. Em Guarani Mbyá é *kuarapepẽ*⁷⁰.

Sobre (21i), esse termo é comum aos falantes de Tupi e Guarani, usado tanto na região sul quanto na região norte do país. Para esse vocábulo Montoya (2011[1639]:245) traz *karumbe*; *chu'e tortuga*. Cadogan registra o mesmo para o Mbyá⁷¹, e os Nhandewa paulistas (ou Tupi-Guarani, como têm se denominado) igualmente anotam *karumbé*, *karumbe*, “cágado”, “tartaruga”⁷².

Observe que, em (21j), Machado de Oliveira traz três variantes para “pinhão”, *cori*, *curu* e *cury*. De acordo com Edelweiss (1947:163), o Tupi e o Guarani possuem diferentes neologismos para “pinhão”. Em tupi, fixou-se *pinhã* e, no Guarani, conforme Montoya (2002[1640]:321) *kuri'y'a*. Os Mbyá de São Paulo empregam *kuri'a*⁷³.

⁷⁰ Cf. **Dicionario Mbya-Guarani Castellano**, de León Cadogan, p. 86

⁷¹ *op.cit.* p.80

⁷² SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméia; RODRIGUES, Livia de Araújo Donnini (org.) **Vocabulário bilíngue Guarani-Português, Português-Guarani. Aldeias do Estado de São Paulo**. São Paulo: SEE-SP, FEUSP, 2010, p.37

⁷³ *Ibid.* p. 39.

Em (21k), há duas variantes para “rapariga”, a primeira, *cunhatem*, é encontrada também no *DBP*, a segunda aparece no *VLB* como *cunhãtaĩ*. Em Guarani Kaiowá temos: *conhá tai*.

Para (21l), encontramos *kuee* em Guarani Mbyá.

Sobre a expressão *deave*’ em (21m), temos, em Guarani Mbyá, *ha’eve*, “está bom, é bom”. Sabendo que a raiz dessa palavra é *-a’eve*, teríamos em (21m), *nde + a’eve*, literalmente: “você está bom?”.

Para (21n) e (21o), encontramos em Montoya (2002[1640]:356 e 291), respectivamente: *n’ái kuabi*, “não o sei” e *ndaipotari*, “não quero”. Em Guarani Paraguaio e também no Nhandeva-Guarani, para (21n), “eu não sei”, a forma é: *ndaikwaai*⁷⁴.

O vocábulo em (21p), *ejaevu*, é encontrado também em Guarani Mbyá, *eroayvu*, “conversar”.

Os dados em (21q) e (21r), a forma *ejo*’ é idêntica àquela encontrada em Guarani Mbyá. A forma *mongueta*’, contudo, com a acepção apresentada, é encontrada no Tupi; em Guarani Mbyá, temos *mongeta*, “admoestar”, “aconselhar”. Acerca de (21s), em Guarani Mbyá, *jaa* é a forma irregular do verbo *-o*, “ir”, da 1ª pessoa do plural (inclusiva).

Acerca do dado em (21t), *mengoa*’, encontramos, em Montoya (2011[1639]:303), *menguã gracia; chocarrería; bellaquería* [...]. Para (21u), Montoya (*ibid*:314) traz *mobyry (-v-) lejos >>adverbio<<; mombyry’i un poco lejos*. O vocábulo em (21v) aparece em Montoya (2011[1639]:420) *como piru’ cosa seca; che piru estoy seco, o flaco*. O dado em (21x) também é encontrado em Montoya (2011[1639]:438) com acepção semelhante *põng*, “sonido de cosa hueca”. E para (21v), encontramos *topehýi* ‘sueño’ - *sueño tener, che ropehýi*, igualmente, em Montoya (2002[1640]:371). Em Tupi, conforme Lemos Barbosa (1967:117), é *opessyia*. Quanto ao dado em (21w), temos *pojava* para “rápido” em Guarani Mbyá.

⁷⁴ De acordo com D’Angelis em comunicação pessoal.

Comparem-se os seguintes exemplos de vocábulos que indicam uma possível influência da língua do colonizador espanhol.

(22)

- (22a) **BURICA'** – (corruptela de burico) mula (*VELGB*: 134)
- (22b) **CABARA** – corruptela de cabra (v. Çuassumê) (*VELGB*: 135)
- (22c) **CHABURO'** – corruptela de burro (*VELGB*: 139)
- (22d) **CHIPAN** – corruptela de pão (*VELGB*: 139)
- (22e) **CORA'** – corruptela de curral (*VELGB*: 140)
- (22f) **CUXA'** – corruptela de colher (*VELGB*: 141)
- (22g) **ACHA'** – machado (*VELGB*: 130)
- (22h) **VACARU ou VACARIO** – corruptela de vaca (*VELGB*: 171)
- (22i) **VACARUARA** – (corruptela de vaca), touro (*VELGB*: 171)
- (22j) **VASÔ** – corruptela de vaso, copo (*VELGB*: 171)

Em (22a), verificamos, claramente, a influência da língua espanhola no vocábulo *burica'*. Em Guarani, também por influência do espanhol, é *mborika*. Para (22b), temos o correspondente, em Guarani, *kavara* (do espanhol “cabra”); em Tupi, é *syguassumê*⁷⁵.

O dado em (22c), é, certamente, *che buro* “meu burro”. Acerca de (22d), trata-se, muito provavelmente, do “chipa”, uma espécie de pão de queijo paraguaio. Nesse sentido, a presença desse vocábulo indica que Machado de Oliveira também inseriu em seu *VELGB* termos correntes do Guarani Paraguaio.

Os vocábulos em (22e) e (22f) correspondem às formas apocopadas das palavras espanholas *corral* e *cuchara* “colher”, nessa ordem. Em (22g), temos a palavra espanhola *hacha*, “machado”.

Sobre os dados em (22h) e (22i), lembramos que não há, em Guarani, uma palavra para “vaca”, sendo o empréstimo espanhol “vaca” usado para denominar o animal macho ou fêmea. Em Guarani Mbyá, temos: *vaka kunha* (a fêmea) e *vaka ava* (o macho - boi, touro). O *VLGIA* traz *tapihira cunham* para “vaca” e para “boi”, *tapiira*. Em Martius, a palavra para “boi” e “touro” também é *tapira*.

⁷⁵ Lemos Barbosa (1970:49) traz, também, para “cabra” em tupi, a forma *syguassumymbaba* e o empréstimo *cabara*.

Em (22j), trata-se da palavra espanhola para “copo”, *vaso*.

10.2 O *b* do tupi corresponde a *v* na LGA e no Guarani

Nota-se, em Martius, pela comparação dos cognatos (LGA e LGP) que na LGP, ao *b* do Tupi corresponde o *v*, como no Guarani. Por exemplo, *uba*, “pai”, da LGA ocorre como *uva* na LGP representada por Martius. O *VLGIA* também apresenta essa variação entre *b* e *v*. Há mais de 35 vocábulos que apresentam essa variação nesse documento.

Viu-se em capítulo anterior que essa mudança é notada ainda na lista de vocábulos de Saint Hilaire e em um dos exemplos da LGP apontados por Couto de Magalhães em *Viagem ao Araguaia*⁷⁶.

No *VELGB*, existem alguns exemplos de troca entre *b* e *v*, contudo, aqui, a variação entre *b* e *v* é mais rara que no *VLGIA* e no *DV*. A seguir, listamos alguns dos principais exemplos de troca de *b* para *v* que identificamos nesses três documentos:

Quadro X: Variação entre “b” e “v”

<i>VELGB</i>	<i>VLGIA</i>	<i>DV</i>	PORTUGUÊS
ABA ou AVA	AVA	ABA	cabelo
ABATI ou ABATY ⁷⁷	AVATI	AVÁXI	milho
ARAHY	ARAIVA	–	chuva, tempestade
AVARE’	–	AVARÊ	padre
CABA	ICAVA	–	gordura
CABARA’	CAVARÂ	–	cabra
ÇAUCUB	AUSUVA	ACAUCUB	amar
EVIRA’-API	–	VURA	pau
–	IVEVUI	VÊVUI	leve
ÓBA	XEÂ OVA	ÓVA	roupa, vestido
TACYBA	TASUVA	–	formiga
TUBA	RUVA	CHÊUVA	pai
URUBU’	URUVÛ	–	ave

⁷⁶ Couto de Magalhães (1863:92) traz o vocábulo *avaxi*, “milho”.

⁷⁷ Machado de Oliveira traz, ainda, o vocábulo *abaticui*, “farinha de milho”. Em Guarani Paraguaio atual, conforme Guasch (1996:530), temos *avati kui*’.

Identificamos, ainda, os seguintes exemplos de variação entre *b* e *v* no *VELGB*:

(23)

(23a) **AHYVA** ou **AYVA** – (*VELGB*:130)

(23b) **CAPIBÁRA** ou **CAPIVÁRA** – animal (*VELGB*:136)

(23c) **PEBA** ou **PEVA** – plano, chato, raso, rasteiro (v. Apeba) (*VELGB*:161)

(23d) **TYBA, TIBA, TUBA** ou **TUVA** – estabelecimento, fetoria, sítio, casa; reunião (v. Bá) (*VELGB*:170)

Observe que, em alguns dos exemplos acima, Machado de Oliveira apresenta variantes com *b* e com *v* para um mesmo vocábulo em português.

10.3 A transformação de *y* em *u*

Assim como no *DV*, *VLGIA* e na lista de vocábulos do dialeto do Rio da Pedras de Saint Hilaire, encontramos no *VELGB*, alguns exemplos de vocábulos que trazem *u* em lugar do *y*. Os exemplos do *VELGB* são, contudo, mais escassos que aqueles encontrados nos outros documentos de registro da LGP. O quadro abaixo ilustra alguns dos principais exemplos de transformação de *y* em *u* presentes no *VELGB*.

Quadro XI: Transformação de *y* em *u*

LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO
CURU ou CURY	pinhão
PURA'	ponta
UBIRA'	madeira
UMAN ou UOMAN	já
UPERU'	tubarão
UPUPIÁRA	homem marinho
TYBA, TIBA, TUBA ou TUVA	estabelecimento, fetoria, sítio, casa; reunião

De acordo com Edelweiss (1947:144), frequentemente, “se encontra um *u* no tupi, onde no guarani se mantém o *y*”. O autor explica que essa “é uma tendência da fonologia tupí-guarani, que se acentuou na língua tupi, mas que” é notada também em alguns vocábulos do Guarani (Edelweiss, 1947:144-145).

11. Vocábulos e expressões acompanhados pela menção l.g.

Relacionamos, a seguir, as 11 entradas acompanhadas pela menção **l.g.** e tecemos algumas considerações a respeito de cada uma delas.

Em (24), temos o pronome possessivo de 1ª pessoa do singular *che* grafado com o dígrafo <ch>.

(24) **CHE** – (l.g.) meu ou minha (*VELG*:139)

No capítulo anterior, vimos que há certa irregularidade, no *VELGB*, para a notação do marcador de primeira pessoa, sendo grafado ora como *xe*, ora como *che*. Vimos, também, que tal irregularidade pode indicar o uso de diferentes fontes escritas.

No dado abaixo, Machado de Oliveira apresenta duas traduções possíveis para *joca'* e sua variante *juca'*. Sendo a primeira, “tirar”, assinalada por **l.g.**

(25) **JOCA'** ou **JUCA'** – tirar (l.g.); matar (*VELGB*:150)

No *DBP* não encontramos *joca'* e *juca'* como variantes de um mesmo vocábulo, mas como expressões distintas. Para *joca'* o *DBP* apresenta as seguintes acepções: “tirar”, “arrancar”, “cortar”, “separar”, “desentupir”, “extirpar” e “deixar livre de alguma coisa”. Em Martius (1969[1863]:103), encontramos a forma *boyucâ* para o verbo português “arrancar”. Aqui, certamente, o *bo-* representa o morfema causativo *mo-* (percebido pelo autor como *bo*)⁷⁸ adicionado ao verbo *yucâ*. Temos, assim, em Martius, “fazer tirar”.

A expressão em (26) trata-se, possivelmente, de um jargão ou gíria da LGP.

(26) **JUPI** – fornicar (*VELGB*: 150)

No *DV*, encontramos o termo *yúpi* com o significado de “subir”. Note-se, por outro lado, que em Guaraní Mbyá, temos para a forma *jeupi*, conforme Cadogan (1992:70), as seguintes acepções: “subir”, “trepar”, “copular”, “realizar o ato carnal”. Temos, assim,

⁷⁸ Há no *DV*, diversos exemplos em que o autor utiliza *bo-* para o morfema causativo *mo-*.

para o termo *jupi*, no *VELGB*, uma interpretação semelhante àquela do Guarani Mbyá de Cadogan.

Encontramos, neste grupo de vocábulos, expressões para nomear peixes marítimos. Lembramos que, por influência do meio geográfico, tais expressões não poderiam ser correntes entre os guarani do Paraguai.

(27) **MARACU-GUARA** – peixe-porco (l.g.) (*VELGB*:151)

(28) **PIRAÚNA** – garoupa (l.g.) (*VELGB*:162)

Em (27), temos, possivelmente, a seguinte etimologia: *mbaiaku* + *guara*, formando, em português, “comedor de baiacu”. A expressão certamente faz referência ao peixe cangulo, também conhecido como peixe-porco. O cangulo ou peixe-porco é um peixe marinho que come, entre outras coisas, crustáceos, moluscos, ouriços e estrelas do mar, e também o baiacu. Em Gabriel Soares de Sousa (1974[1587]:26), temos *maracuguara*.

O vocábulo em (28) pode ser decomposto da seguinte forma: *pirá* + *una*, em português, “peixe preto”. O termo serviu para nomear uma espécie de garoupa (garoupa chita), mas também se aplicou ao Miragaia e, sobretudo, ao Mero. Esse último é registrado por Gonçalves Dias (1858:139) para a LGA, em seu *Diccionario da lingua tupy*⁷⁹, a saber: *pirá úna, méro* (peixe).

A presença dessas expressões dentro do conjunto de vocábulos marcados por **l.g.** afasta a hipótese desse conjunto constituir um registro do Guarani Paraguaio.

Para a expressão em (29), abaixo, traduzida, no *VELGB*, como “sem número”, encontramos em Montoya (2011[1639]:395) a forma *ndipapahávi*, “não são contáveis”.

(29) **NDÊ-PAPA’HABI** – sem número (l.g.) (*VELGB*:157)

⁷⁹ DIAS, Antonio Gonçalves. **Diccionario da lingua tupy: chamada lingua geral dos indígenas do Brazil**. Lipsia: F. A. Brockhaus, 1858. p. 139.

Etimologicamente *ndê-papa'habi* se compõe:

nd(a) + i + papahab + i
Neg + 3p + contar + Neg

Em relação à forma *papahab*, é interessante observar que esta difere daquela encontrada em Guaraní Paraguaio (ali é apenas *papa*). Conservou-se, aqui, portanto, a consoante final de raiz própria do Tupi.

A sentença, em (30), aponta para uma fonte de informação distinta, certamente do domínio espanhol.

(30) NHANDI MOANGUO HARE OGUERHAIMA LIMA YÁPE – “seu perseguidor foi levado a Lima (l.g.) (?) (VELGB:157)

Sobre (30), podemos tecer as seguintes considerações: *nhandi* é, ao que parece, *nhande*, “nosso” em português. Em Montoya (2002[1640]:317), encontramos, para “perseguidor”, *moangekohára*. *Oguerhaima*, provavelmente, é o verbo *hara*, “levar”, sendo: *o + (gwe)raha*. E *yape*, conforme Lemos Barbosa (1967:74), significa “no (lugar) chamado”. Pensando na administração colonial e lembrando que Lima foi a capital do Vice-Reinado do Peru, com jurisdição sobre toda a América do Sul, infere-se que a sentença acima foi, possivelmente, dita por um espanhol, referindo-se à prisão de alguém e seu envio a uma corte maior.

Desse modo, conclui-se que, nessa frase, Lima é a capital do Peru e que, provavelmente, se trata de uma fonte de informação distinta, aproximando-se mais do domínio espanhol.

O dado a seguir também é encontrado em *Brasileirismos*. Contudo, ali, o vocábulo é grafado sem a separação apresentada no *VELGB*. Infelizmente, para este termo, o autor não faz menção do local de origem do dado.

(31)

(31a) TAGUA'-IBA – demonio (l.g.) (VELGB:167)

(31b) TAGUAIBA' – demonio (Bras.:129)

Em Lemos Barbosa (1967:148) temos: *Taguaíba* “n. de um duende”. Montoya (2010[1639]:539) traz: *ta’u (-v-)*, “duende”, “fantasma”, “fantasia”, “alma”.

Em (32), encontramos a expressão *repoty toreié* assinalada pela menção l.g. Aqui, a forma *toreié*, para ser entendida, não pode ser separada do vocábulo *repoty*.

(32) **REPOTY** – erva que produz a bosta do passarinho. – **toreié**, m... para ti (l.g) (VELGB:166)

Na tradução, o termo omitido, com reticências, trata-se, obviamente de “excremento”, que se associa com a “bosta de passarinho”. Quanto à definição de *repoty*, não se deve lê-la na ordem direta; ali, a ordem é inversa. *Repoty* não se trata de uma “erva que produz a bosta do passarinho”, mas sim de uma erva que “a bosta do passarinho produz”. Assim, a ordem correta seria: “erva que a bosta de passarinho produz”. Trata-se da conhecida “erva de passarinho”, um parasita que ataca árvores e chega a matá-las. No *DBP*, encontramos as seguintes acepções para *Repoty*: “esterco”, “excremento”, “bosta”, “sarro”, “ferrugem”, “sujeira”. O *DBP* apresenta, ainda, para essas acepções, a forma *Tepoty*. Forma que também está presente no vocabulário de Machado de Oliveira e é traduzida por este como “excremento”.

Etimologicamente *toreié* se compõe:

t- + *oro* + *rei* + *-é*
Permissivo + 2ps O.D. quando o S. é 1p + *rei* + *mesmo!* = enfático

Quanto ao *rei*, o assumimos como a forma possuída de *tei*. Não há, no *VELGB* e em outros dicionários consultados, a forma *tei*, encontramos, no entanto, no *VELGB* e no *DBP*, a forma *teicoara* para “anus”. Sabendo que *cuara*, *coara*, *kwara* são formas para “buraco”, conclui-se que o termo para “ânus” é um composto: “buraco das fezes”. Destarte, *toreié* significa, literalmente, “que seja merda para você”.

Da composição da expressão em (33), traduzida no *VELGB* como “vamos”, podemos inferir que houve a mudança do fonema *h* para *s*.

(33) **TOROHÔ** – (l.g.) vamos (v. Có) (VELGB:169)

Decompondo *torohô*, temos: *t-* (permissivo) + *oro* (2p. pl.) + *ho* (*ir*), ou seja, “que nós vamos”.

Segundo Edelweiss (1947:143), salvo algumas exceções, “o ‘h’ no guarani corresponde no tupi a ‘s’”. Logo, temos, aqui, mais um exemplo de uma provável proximidade com o Guarani e com os dialetos tupi do sul.

O neologismo *tupansi*, em (34), traduzido por Machado de Oliveira como “N. Sra.”, é, literalmente, “mãe de Deus” (*Tupã* + *sy*).

(34) TUPANSI – N. Sra. (l.g.) (VELGB:169)

Esse neologismo também é encontrado em Montoya (2011[1639]:599) *tupãsy*, “Madre de Dios”. Não o encontramos, no entanto, no *DBP*.

Em *Brasileirismos*, há dois vocábulos seguidos pela anotação “língua geral” que não estão presentes no *VELGB*.

MACACA – (língua geral) – macaco (*Bras.*:124)

PUÇA’ – (na língua geral – rede de pescar) nome que em Caravelas se dá a uma pequena rede, presa a uma vara de forquilha, para pescar seris. Nome que dão as costureiras a certos tecidos que fazem. Nome que se dá no Piauí a uma fruta em tudo semelhante á jaboticaba, menos na cor do mesocarpo que é amarela. (*Bras.*:128)

A citação acima indica que Machado de Oliveira conhecia e fazia uso do termo “língua geral” para se referir à língua falada pelos mestiços paulistas.

Os vocábulos marcados por essa menção, embora apresentem certa influência da língua Guarani e da língua do colonizador espanhol, são, verdadeiramente, vocábulos tupi. Conforme explicitado anteriormente neste trabalho, a LGP se encontra em um “meio termo linguístico” entre a língua Guarani e as línguas tupi faladas no norte do país. Desse modo, pode-se afirmar, com certa segurança, que **l.g.** constitui a abreviação de *língua geral*.

12. Vocábulos e expressões acompanhados pela menção B. de A.

Diferentemente das outras menções, a menção B. de A. é grafada com letra maiúscula, o que indica ser a abreviação de um nome próprio, certamente, a abreviação de “Barão de Antonina”. Essa indicação é, pois, uma referência a João da Silva Machado⁸⁰, o Barão de Antonina, e aos alojamentos indígenas da cidade de Itapeva sob a sua proteção. Dentre os vocábulos marcados por essa menção, temos:

(35) **ACANGUERU** – chapéu, barrete (B. de A.) (VELGB:130)

Não encontramos registro desse vocábulo nem em variedades do tupi nem no Guarani Paraguaio⁸¹. Pensamos que a etimologia de (35) seja:

acang + *ru* (por eufonia ERU)
cabeça + trazer
“trazer (na) cabeça”.

Em Martius, temos o empréstimo *xapéu*.

Para a palavra “chuva”, encontramos no VELGB as seguintes formas: *occu*, *amaná* e *arahy*. A forma representada em (36) está acompanhada pela menção **B. de A.**

(36) **ARAHY** – chuva (B. de A.) (VELGB:132)

Arahy não é, literalmente, “chuva”. Pode ser apenas “nublado”, dado que em Guarani Mbyá, *arai* significa “nuvem”. Ou poderíamos interpretá-la, também, como “dia ruim”:

ara + *aiba* (ou *aíva*)
“dia” + “ruim, mal”
“dia ruim”

A interpretação acima se aproxima da aceção dada pelo manuscrito do VLGIA. Nele, temos *araî* “inverno e dia ruim” e *araiva* “tempestade”. No DBP, temos: *a’ra ayba etê* “tempestade”.

⁸⁰ A respeito de João da Silva Machado, veja o tópico 3.2.2 do Capítulo II desta dissertação.

⁸¹ Encontramos, no entanto, o topônimo *acangueruçu*, nome de uma rua na vila Pirajussara, na zona sul da cidade de São Paulo.

Para feijão, temos *comenda*’. Certamente é o mesmo que *comandá* ou *cumandá* (em algumas variedades da língua: *cumaná*). Contudo, cabe observar aqui que o reverso do *DPB* também apresenta o vocábulo grafado com *e*, *comenda*, embora, na primeira parte traga *comandâ*.

O termo *baiapo* é interpretado por Machado de Oliveira como “roçar”. Todavia, pensamos que, aqui, se trata do verbo “trabalhar” em guarani: (a)mba’apo⁸². Em Martius (1969[1863]:119), para o vocábulo “roçar”, temos a expressão *mondóque ôpacatu caá*, literalmente, “cortar todas as ervas”.

Ainda dentro do grupo de vocábulos acompanhados da menção **B. de A.**, encontramos a expressão *ichu’ meri* traduzida para o português como “abelhas pequenas”. Aqui, visto que *meri* vem de *mirim* “pequeno” e *eichu* possa significar “colmeia”, “enxame”, ou uma variedade de abelha, teríamos “colmeia pequena” ou “abelhas pequenas”.

O dado em (37) chama a atenção pela sua composição particular.

(37) **JAGUARÉTÚN** – onça preta (B. de A.) (*VELGB*:147)

Em Guarani, temos *jaguaretehũ* ou *jaguareteũ*. No Tupi, esperaríamos encontrar *jaguaretê-una*, com a vogal final *a* do caso argumentativo. Pensando que o anotador utiliza consoantes nasais para marcar a nasalidade das vogais, teríamos: *jaguaretũ*, com a queda da consoante final.

A respeito da apócope, vale lembrar, que, conforme Lemos Barbosa (1956:38), “no Tupi meridional (i. é o de S. Vicente), e muito mais no guarani, a tendência é para a queda de toda consoante que não se encontre apoiada na vogal seguinte da mesma palavra ou da imediata (quando não há pausa)”.

O *VELGB* traz outros casos de ocorrência da apócope dentre os vocábulos do grupo B. de A.

⁸² Montoya (2002[1640]:384): *amba’epo*

(38)

(38a) **JAPIA'** – lenha. – bôó, racha lenha (B. de A.) (VELGB: 148)

(38b) **JAPUTERI-OO** – “cabeça coroada” (VELGB: 148)

Para “lenha”, em tupi, temos *japeaba* (Barbosa 1970:130). Em Guaraní Mbyá é *jape'a*, forma que se aproxima mais daquela apresentada por Machado de Oliveira. Na expressão *japia' bôó*, “rachar lenha”, a forma *bôó*, possivelmente, constitui uma variação de *bovóque*, “rachar”, encontrado em Martius ou de *-mbovo*, “rachar”, do Guaraní Mbyá.

Quanto à expressão *japuteri-oo*, em (38b), ela poderia estar relacionada à expressão tupi apresentada por Lemos Barbosa (1970:68) para “coroa clerical” *apytereba* (ou seja, *apytereb + a*). Essa forma também é traduzida pelo autor como “calvo”. No Guaraní paraguaio, naturalmente, é apenas *apytere*. Entretanto, ao considerar a segunda parte da expressão *oo*, conclui-se que, aqui, possivelmente, se trata da expressão parakanã *iapyterewa*. Destarte, *oo* constitui uma corruptela de *wa*. A expressão, em parakanã, significa, literalmente, “o que tem o centro da cabeça bem redondo”, em referência ao corte de cabelo arredondado desses índios.

Para “estou com fome”, o *VELGB* apresenta:

(39) **JUCÁCARUAHY** – estou com fome (B. de A.) (VELGB:148)

O dado acima constitui, evidentemente, uma expressão idiomática da LGP. Identificamos, em (39), o verbo *jucá* “matar” e a expressão *caru ahy* “fome”. Em seu *Tesoro*⁸³, Montoya traz *karu ai* “falta de comida”; em seu *Vocabulario*⁸⁴, “hambre, carestia”, *karu ai*. Baseados nas acepções apresentadas por Montoya, podemos inferir que *jucácaruahy* seja algo próximo a “fome de matar” ou “morto de fome”.

As traduções das expressões em (40) devem ser lidas em conjunto para o seu entendimento.

⁸³ RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Tesoro de la lengua guarani*. (1639) Asuncion: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", [1639] 2011. p. 243.

⁸⁴ _____. *Arte, vocabulario, tesoro y catecismo de la lengua guarani*. Asuncion: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", [1640] 2002. p. 219.

- (40) **MAMON JUCA'** – (?) Fazer casas, etc. – **momendár**. – vamos casar (B. de A.) (VELGB:148)

Em *mamon juca'a*, não há nada que se assemelhe a “casas”. A tradução de Machado de Oliveira para essa expressão era, provavelmente, “fazer casar”, onde a letra “r” foi substituída por “s” pelo tipógrafo. Note que o editor inseriu um ponto de interrogação antes da tradução dessa expressão, o que demonstra que ele tinha dúvidas em relação à tradução de *mamon juca'*. Analisando a expressão, não encontramos nada que explique como “casar” está presente na primeira parte de *mamon j + uca*. Aqui, o “mo” não pode ser pensado como causativo, pois, se fosse, viria antes da raiz verbal e não depois. Logo, a raiz do verbo pode ser *mamōj* ou então, apenas *moi* (ou *mōi*) precedido de *ma*⁸⁵. Esse *ma* (ou *mã*) inicial que significa “atar”, “ligar”, “prender”, “amarrar” é encontrado em Montoya (2011[1639]) em sua forma reduplicada: *mamã*. Entretanto, o *ma* pode ser apenas uma corruptela de *mba'e* (por *mba*), “coisa”, “animal”.

Assumindo a hipótese de o *ma* inicial ser *mba'e* e pensando na tradução “fazer casar” ou “fazer acasalar”, a estrutura seria: *mba'e + mbojou'u + ucá* passando por *ma + mojou + uca* > *ma + moju + uca* > *mamojúcá*, “fazer copular”, “cobrir”. Nessa análise, teríamos dois causativos, visto que, o sentido traduzido de *mbojo'u* já inclui um “fazer”⁸⁶.

Quanto à segunda expressão *momendár*, encontramos-la no *DBP* como “fazer casar”. De fato, ali, temos:

mo + mendár
CAUS. + “casar”
“fazer casar”

Machado, entretanto, a traduz como “vamos casar”.

Em (41), temos *maracaja' mirim*, traduzido pelo *VELGB* como “gato”.

⁸⁵ Esse fenômeno é facilmente atestável nos vocabulário de línguas tupi-guarani.

⁸⁶ Assim como o prefixo de voz causativa *mo-*, o verbo *ukar*, quando posposto a verbos transitivos, expressa causa de uma ação ou processo. Entretanto, diferentemente do que acontece com o prefixo *mo-*, o verbo com o qual *ukar* aparece é sempre transitivo. Destarte, ele faz com que alguém pratique uma ação sobre outro ser. *Ukar* também pode ser usado com verbos transitivados pelo prefixo *mo-*. Enfatizando o sentido dos verbos ativos e correspondendo a “fazer” ou a “mandar” com verbos não ativos.

(41) **MARACAJA' MIRIM** – gato (B. de A.) (VELGB:151)

O *VELGB* traz, ainda, as formas *pixána*, *chevi* (~ *cheby*) para gato. Sobre o dado em (41), há duas coisas a serem observadas: a sua composição com *mirim* e o seu uso em detrimento do termo *pixano*. Acerca de sua composição com *mirim*, pode-se argumentar que, nesta variante, *mirim* foi usado para diferenciar a palavra “gato”, *maracaja' mirim* (lit.: gato pequeno), de jaguatirica, *maracaja' guassu*⁸⁷ (lit.: gato grande). Em Montoya (2002[1640]: 206), para gato, temos apenas *mbarakaja*. O *VLGIA* traz *bracajã*.

A respeito do uso de *maracaja' mirim* em detrimento de *pixano* ou *bichano*, dentro do grupo de vocábulos marcados pela menção B. de A., pode-se inferir que esse conjunto de dados pertença a uma variedade distinta daquela registrada no restante do *VELGB*. De acordo com o jesuíta Eckart (*apud* Edelweiss, 1969:221), o contato com os colonos fez com que os índios adotassem, para gato, a palavra portuguesa “bichano”, diferenciando, assim, o gato caseiro (bichano) do selvagem (*mbarakaja*).

A seguir, em (42), temos outra expressão, talvez idiomática, da língua geral.

(42) **MOMBEU' PORANDU'** – mandar lembranças (B. de A.) (VELGB:155)

No dado acima, *porandu'* é, certamente, a forma apocopada de *poranduba* (“perguntar sobre”). Essa forma é encontrada, também, em Martius (1969), *purádú*, e em Montoya (2011[1639]), *porandu*. Para *mombeu'*, Martius traz *mombeú*, “contar”, “noticiar”. Em Montoya (2011[1639]), temos *mombe'u*, “decir; publicar; dar cuenta; relatar [...]”. Assim, em (42), teríamos algo como “dizer que perguntei sobre”, ou seja, “diga que pedi notícias”.

Dentre os vocábulos e expressões assinalados por **B. de A.**, temos, ainda, a expressão *pirapuitan* traduzida para o português como “peixe vermelho”. A respeito dessa expressão, é interessante notar que a palavra guarani para vermelho é *pytã*. Possivelmente,

⁸⁷ *Maracaja' guassu* é o termo que sucede *maracaja' mirim* no *VELGB*.

há alguma relação entre o *y* do termo guarani e o registro de *pui* em *puitan*. Aqui, o anotador deve ter interpretado a vogal central alta não arredondada do tupi <i> como <ui>.

A expressão *tajassu*, em (43), também é encontrada no *DBP* (*taiaçû*, “porco tanto doméstico como bravio”) e no Manuscrito do *VLGIA* (*taiasû*, “porco”).

(43) TAJASSU’ – porco, leitão (B. de A.) (*VELGB*:167)

Para Lemos Barbosa (1967), essa acepção para *tajassu*’ é neológica, visto que, originalmente, *tajassu*’ significava porco do mato.

Conforme mencionado em seção anterior, dentre as expressões marcadas por **B. de A.**, temos *tenemuin*, traduzida para o português como “cinco”. No manuscrito do *VLGIA*, encontramos *busapû munannocohim*. Lemos Barbosa (1970:60), traz as expressões *ã mbó*, *xe pó*, *amombocoty* para esse numeral. O *DBP* não apresenta nenhum termo para esse número. Entretanto, em Guarani Kaiowá, a forma encontrada para o número cinco é *tineruin*.

Nota-se que as expressões contidas nas entradas assinaladas pela menção B. de A. se aproximam mais do Guarani do que da LGA. Percebe-se, ainda, que há originalidade no material apresentado por Machado de Oliveira. Embora semelhante ao material encontrado na literatura guarani, ele não é idêntico.

É provável que Machado de Oliveira, com a ajuda do Barão de Antonina, tenha coletado esses dados na região de Itapeva, nos aldeamentos do Barão. Ou que o próprio Barão os tenha coletado e os enviado a Machado de Oliveria por correspondência (ou entregue pessoalmente). Desse modo, os dados acima representariam a língua falada pelos índios kaiowá sob a proteção do Barão.

13. Vocábulos e expressões acompanhados pela menção t.g.

Ao tratarmos dos numerais contidos no *VELGB*,⁸⁸ verificamos que os números acompanhados pela menção **t.g.** se aproximavam tanto das formas encontradas em línguas e dialetos guarani quanto tupi. Analisaremos, agora, com mais detalhes os demais vocábulos acompanhados por essa menção. Inicialmente discorreremos sobre os vocábulos que se assemelham mais às formas guarani. Abaixo, relacionamos alguns dos exemplos mais significativos:

(44)

- (44a) * AANGUEJAA' – hoje mesmo (*VELGB*:129)
- (44b) * ANDAHY – moranga, espécie de abobora (*VELGB*:131)
- (44c) * AMOIG – parente – pira, parente cruel (*VELGB*:130)
- (44d) * CAGUHY – mato (*VELGB*:135)
- (44e) * CARAMBUI – coisa pequena e bonita (*VELGB*:137)
- (44f) * CARAPE' – mulher baixa (*VELGB*:137)
- (44g) * CARAPUXI – dinheiro (*VELGB*:137)
- (44h) * EY (EYRA?) – mel (*VELGB*:143)
- (44i) * GETAPA' – tesoura (*VELGB*:143)
- (44j) * JURIQUI – fandango (*VELGB*:151)

Além da expressão em (44a), o *VELGB* traz a forma *coain cuaári* para o conceito “hoje”. Em Guarani Mbyá, temos *angue*, “hoje”, e *angue'i*, “agora mesmo”. De acordo com Lemos Barbosa (1970:117), a expressão, em Tupi, para “hoje mesmo” é *cori(j)é(cori)*, *(o)jeijé* e *(o)jeibé*. Para o dado em (44b), temos em Guarani Mbyá, *andai*. Montoya (2011[1639]:40) traz *andai*, “um género de calabazas conhecidas”. Em (44c), a forma trazida por Machado de Oliveira para “parente” assemelha-se àquela apresentada por Montoya, *amo*. Em Tupi é *anama*.

Em (44d), o termo para “mato”, *caguhy*, é encontrado, também, no Guarani Kaiowá, *cagui*⁸⁹. Vale lembrar que Machado de Oliveira apresenta duas formas para “mato”, *caa'* e *caguhy*; somente esta última é acompanhada de menção especial. Há, igualmente, duas entradas para a expressão “mulher baixa”, uma assinalada pela menção **t.g.** e a outra não

⁸⁸ Coteje, a respeito, o tópico 7 deste capítulo.

⁸⁹ Cf. BORBA, Telêmaco. **Actualidade Indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908

(*cunhan japua*’). Compare a expressão em (44f), acompanhada por **t.g.**, com a forma *karape*, “pequeno, anão”, trazida por Montoya (2002[1640]).

Para a forma *carambui*, em (44e) traduzida para o português como “coisa pequena e bonita”, temos, em Montoya (2011[1639]: 241) *karambu’i*, “cosa corta, y bien hecha”. Acerca do dado em (44g), coteje em Montoya *kuarepotiju* “dinheiro de ouro” e *kuarepotitĩ* “dinheiro de prata” e, em Martius (1969[1863]:109) *ytayu* (~ *tayũ* ~ *itóyú* ~ *taiúva*). Lemos Barbosa (1970:81) traz, igualmente, *itajuba* e *itajubeté*. Perceba que a forma trazida por Machado de Oliveira difere daquela encontrada na literatura tupi.

Em (44h), *ey* é a mesma forma encontrada em Guarani Mbyá para “mel”. Em Tupi, segundo Lemos Barbosa (1967), é *eira*. Note que o editor demonstra dúvida quanto o emprego das formas *ey* e *eyra*.

Para o dado em (44i), temos em Guarani, conforme Montoya (2011[1639]), a forma *jetapa*; em Tupi, é *piranha*. Em (44j), para “fandango”, temos *juriqui*; Montoya (2011[1639]:213) traz *jeroky*, “danza”. Em Guarani Mbyá é o mesmo, e também “dançar”. Em Tupi, conforme Lemos Barbosa (1967:78), o termo *jeroquy* significa “fazer inclinação, medida”.

Ainda, a respeito dos vocábulos com características Guarani, encontramos:

(45)

(45a) * **MOCOIN** – dois (*VELGB*:154)

(45b) * **MOCU’** – viagem (*VELGB*:154)

(45c) * **TCHIPIRU HAÊ** – calor (g.) (*VELGB*:167)

(45d) * **TOROCOA’-AN** – dá-me um abraço (*VELGB*:169)

Conforme mencionado anteriormente neste estudo, o dado em (45a) é comum às línguas Tupi e Guarani. Quanto ao vocábulo em (45b), poderíamos relacioná-lo à forma *mbohu*, “visitar”, encontrada em Montoya (2011[1639]:332). Em (45c), temos a forma *tchipiru haê* para “calor”. Em Guarani, conforme Montoya, é *piry’ái*. Para o Tupi, Lemos Barbosa traz *piryáia*, “calor”, “suor”. A respeito dessa entrada, note que, após a tradução em português, o editor insere (g.). É possível que, aqui, (g.) seja uma referência a língua guarani.

A palavra para “abraçar” em Guaraní Mbyá é *kuavã*, desse modo, em (45d), temos, possivelmente: *t-* (permissivo) *oro* (1p.) *-coa'an* (“abraçar”), ou seja, “que nós (excl.) abracemos”.

Encontramos, também, nesse grupo, vocábulos que carregam certa influência da língua espanhola:

(46)

(46a) * **ACHA'** “corruptela de machado” (VELGB:130)

(46b) * **BURICA'** – “(corruptela de burrico), mula” (VELGB:134)

(46c) * **GUACHA** – crianças (VELGB:144)

Em (46a), Machado de Oliveira apresenta *acha'* como “corruptela de machado”. Lembramos, aqui, que a palavra espanhola para machado é *hacha*. Em Tupi e, também, em Guaraní Antigo, é *jy*. Em Guaraní Mbyá e em outros dialetos modernos do Guaraní também temos o empréstimo espanhol *axa*. Em (46b), Machado de Oliveira traduz *burica'* como “corruptela de burrico” e “mula”. Em Guaraní, também por influência do espanhol, o termo para mula é *mburica*. Sobre (46c), em espanhol, a palavra *guacha* é usada para fazer referência a crianças órfãs. Em Montoya temos para *guachã*, “muchacha”. Cabe, aqui, observar que os vocábulos “guacha” e “guacho” foram incorporados ao vocabulário do português nos dialetos do sul do Brasil.

A mudança do *s* para *h* é apontada por Edelweiss como uma característica dos dialetos guaraní. De acordo com o tupinólogo, “onde o guaraní tem “h”, topamos, com uma regularidade impressionante, um “s” no tupí, seja qual for a sua função” (EDELWEISS, 1947:91). Essa mudança aparece nas entradas marcadas por **t.g.** seguintes:

(47)

(47a) * **TEREHÔ JEROY** – vamo-nos embora (VELGB:168)

(47b) * **TEREHO'-PETERERÊ** – vai-te de uma vez (VELGB:168)

Desse modo, temos em (47a) e (47b) respectivamente:

t- (permissivo) *ere* (2sg) *-ho* (ir) *jeroy*
t- (permissivo) *ere* (2sg) *-ho'*(ir) *petererê*

Lembramos que, embora essa mudança seja característica de dialetos guarani, ela também é encontrada em línguas e dialetos tupi.

Os exemplos acima apontam para uma maior proximidade com o domínio espanhol e com a língua Guarani. A esse respeito, é importante observar que, segundo autores como Martius (1969[1863]) e Lemos Barbosa (1956), a LGP está mais próxima do Guarani do que da LGA. Para Lemos Barbosa (1956:12), “o dialeto dos legítimos “tupis” [de São Vicente] era o que mais se distanciava entre as tribos irmãs, aproximando-se bastante do guarani”. Viu-se anteriormente que, segundo Martius (1969[1863]), o contato durante o período de guerras trouxe elementos do espanhol e do Guarani para a LGP. Lembramos que esse contato não se deu apenas nesse período de conflitos. Por um longo tempo, milhares de índios guarani (do Guairá – atual Paraná – e do Tape – atual Rio Grande do Sul) e Carijós (do litoral de Santa Catarina) foram escravizados e levados para a região de São Vicente.

Outra particularidade da LGP apontada pela literatura (Anchieta (1990), Martius (1867), Edelweiss (1847), Barbosa (1956)) é a apócope. Esse fenômeno é próprio da variedade do Tupi de São Vicente e dos dialetos do Guarani.

(48)

(48a) * ACARU' POTA' – “quero comer” (VELGB130)

(48b) * AKUÊ – “dormir” (VELGB:130)

(48c) * EREI POTÁPA PITINGUA' – “quer pitar no meu pito?” (VELGB:143)

Observe que, em (48a) e (48c), houve a queda da consoante final em *potar* “querer”. Em (48c), para “cachimbo” aparece *pitingua'*, em Guarani Mbyá é *petynguá*. Não correspondente, no entanto, em Guarani Antigo, onde encontramos as formas *pitaha* e *motimboha*. Em Lemos Barbosa (1970:49) encontramos *petymbuaba*.

Em (48b), também, houve a supressão da consoante final. Aqui é provável, também, alguma interferência do editor. Possivelmente, o documento original trazia a forma *akuê*. Assim, a substituição de *q* por *k*, no VELGB, se deu de forma imperfeita ou incompleta (sem retirar o *u*). A forma (sem consoante final) corresponde aos dialetos Guarani e ao Tupi Vicentino. Em Tupi Antigo era *aker*.

Há, ainda, nesse conjunto de vocábulos, uma série de construções imperativas traduzidas no infinitivo:

(49)

(49a) * **ECUARU** – verter águas (VELGB:142) [*e + cuaru* = “urine”]

(49b) * **EGUAPUY** – sentar (VELGB:142) [*e + guapuy* = “sente”]

(49c) * **EGUATA'** – vai-te embora (VELGB:142) [*e + guata'* = “caminhe”]

(49d) * **EMONDA'** – furtar (VELGB:142) [*e + monda'* = “furte”]

(49e) * **ERU'-TATA'-CHÉVE** – trazer fogo para mim (VELGB:143) [*e + ru* = “traga”]

A respeito do dado em (49d), há, no *VELGB*, duas entradas para o termo “furtar” em português: *banhomim* e *emonda'*, ambas acompanhadas da menção **t.g.** Martius, para o verbo “furtar”, apresenta a expressão *mondá*, e traduz o termo *bônhômim* como “ocultar”. Pensamos que a etimologia de *banhomim* possa ser: *mba'e* (coisa) + *nhomi* (esconder).

A expressão em (50) é traduzida por Machado de Oliveira como “devagar”. Encontramos essa mesma expressão no *DBP* vertida para o português como “tá! tá!” Em Martius (1969[1863]:101), *tenhê* aparece como “abster”, “segurar”.

(50) * **TENHÊ TENHÊ** – devagar (VELGB:168)

Para “assentar-se”, o *VELGB* traz a expressão *cao rubi poguape*, etimologicamente:

ko + rupi + pe + guapy
aqui + por + 2pl + sentar
“sentem-se por aqui/aí”

Para cavalo, temos *cabaju'*, *caraju*, *caburu'*, sem menção especial, e a expressão em (51) acompanhada da menção **t.g.**

(51) * **GUARA'-PIRA** – (?) cavalo (VELGB:144)

Não há, em nenhum outro documento, seja sobre línguas guarani ou tupi, o registro da forma *guara'-pira* com essa acepção. Sobre a tradução desse vocábulo, é preciso considerar que ela vem acompanhada por um ponto de interrogação, o que indica dúvida do

transcritor em relação à tradução do termo ou à correção da forma transcrita em língua indígena. Desse modo, podemos estar, aqui, diante de um erro de tradução. No *VELGB*, a expressão *guara'-pira* é precedida por:

(51a) **GUARA'** – ave. – ponga, ave. – cinga, ave (*VELGB*:144)

Observe que, na entrada acima, Machado de Oliveira traz, em Tupi, diferentes tipos de aves, embora, não os especifique em português. É possível que, no manuscrito original, as expressões *guara'* e *guara'-pira* constituíssem uma só entrada. O termo teria sido separado da entrada anterior por estar acompanhado da menção **t.g.** Nesse sentido, *guara'-pira* representaria a forma apocopada de *guarapiranga*, nome dado ao colhereiro⁹⁰, no sul do Brasil.

Para a forma *tocuruba'*, outra entrada assinalada por **t.g.**, o *VELGB* traz “laço” em português. Aqui, igualmente, pode ter havido erro de tradução. *Tocuruba'* ou *tucuruba'* era o nome dado pelos índios timbira a uma espécie de fogão à lenha⁹¹ que, após algumas modificações, foi amplamente utilizado nas cozinhas das casas dos bandeirantes paulistas.

Em (52), há, possivelmente, outro equívoco de tradução.

(52) * **IPERURU** – sapatos (*VELGB*:146)

Em Tupi e em Guaraní, a palavra para “sapatos” é um empréstimo da língua do colonizador europeu, *sapatu*⁹². Entretanto, em Guaraní do Chaco, ou Chiriguano, a forma para “sapatos” é *píru* (cf. Dietrich, 1986:70). Em Kamaiurá, segundo Seki, também é *píru*⁹³.

A tradução “pato grande” para a expressão *guapi-assu*, em (53), também parece estar equivocada. Na literatura, essa expressão é entendida como “cabeceira grande”.

(53) * **GUAPI-ASSU'** ou **GUAPI'-ASSU'** – pato grande (*VELGB*:144)

⁹⁰ O colhereiro é uma ave pernalta de pescoço longo, conhecida pelo gênero *Platalea*.

⁹¹ No *tucuruba'*, o fogo era feito em um buraco construído no chão e protegido por algumas pedras.

⁹² Edelweiss (1947:164) traz a forma *mby-apasaba* para “sapato” em tupi. Martius (1969[1863]:107) traz *çapatú*. No *VLGIA*, temos *sapatú*.

⁹³ Lucy Seki em comunicação pessoal.

O vocábulo *barihi*, em (54), traduzido pelo editor como “um bocado”, também não é encontrado na literatura com essa acepção. Encontramos, contudo, em Tupi e Guarani, respectivamente, as formas *mariguĩ* e *mbarigui* para “borrachudo” (uma espécie de mosquito) e *bariry*, “corredeira”⁹⁴.

(54) * **BARIHI** – um bocado (VELGB:133)

Há, ainda, uma entrada em Kaingang, provavelmente, inserida no *VELGB* por engano do compilador.

(55) * **IONDJO'** – “papagaio”. **IONDJÓ! IONDJÓ! CANGANTOMY CARACU PANU TORU** – “Papagaio! papagaio! Se eu sarar nunca mais despedirei setas contra vós”⁹⁵. (VELGB:146)

Acerca do dado em (56) poderíamos pensar que, aqui também, houve erro do editor, pois, em kaingang, a palavra para tamanduá é *joti*. Entretanto, em Guarani Mbyá, temos a forma *hy'aky* para tamanduá.

(56) * **JOKI** – tamanduá (VELGB:150)

O dado em (57), é composto pela palavra portuguesa “boi” e pela palavra guarani *pire*, literalmente “pele de boi”.

(57) * **BOIPIRE'** – couro de boi (VELGB:134)

Em Tupi, fixou-se a forma *soo-pirera* para couro ou pele tirada de animais. *Pirera* (e também *purûera*) é a forma pretérita de *mbira*, *pira*, “pele” (viva, no corpo). Assim, *pirera* significa pele tirada do corpo, couro. Lemos Barbosa (1970:69) traz a forma *baepira* para “couro”.

Em (58), abaixo, temos etimologicamente: *tibi* + *koéra*, onde *tibi* origina-se de *tyby*, ‘sepultura’, a mudança de *y* para *i*, em *tibi*, deveu-se, possivelmente, por ser língua de contato, falada por muitos não nativos e bilíngues em português; e *koéra*, pode ser

⁹⁴ Cf. SAMPAIO (1987:179).

⁹⁵ Essa frase, *ipsis literis*, consta de uma *Memória* assinada pelo Padre Chagas Lima (escrita por volta de 1827), e publicada pela mesma revista do IHGB em 1842 (p. 48 – nota de rodapé).

interpretado como “buraco, cova”, de *koara*, ou como forma plural, esta é encontrada em Montoya, mas, ali, a forma para “cemitério” é distinta. Não encontramos-la, no entanto, em Tupi nem no Guarani de aldeias, como Mbyá ou Nhandewa, nesses, com a perda da consoante da raiz, final, resultou na forma *kwe*.

(58) * **TIBIKOÉRA** – cemitério (VELGB:169)

Em (59), a seguir, Machado de Oliveira apresenta duas formas para a palavra “sal”.

(59) * **JUKÊ-Ê ou JUKIRA** – (?) sal (VELGB:150)

Lemos Barbosa traz *juquyra*. Aqui, novamente, nós temos a mudança do *i* para *i* em *jukira*. Em Martius, no entanto, encontramos *yucura*. O *u*, em Martius, indicaria a conservação da vogal central fechada não arredondada *i* do Tupi, entendida pelo anotador como *u*. O VLGIA traz *giquira*. Em Guarani Mbyá é *juky*.

A forma conhecida e esperada para a entrada em (60) seria *juru-mirim*.

(60) * **JURERÊ-MIRIM** – boca pequena (VELGB:151)

A forma em questão (entendida mesmo como “boca pequena”) é uma referência à entrada de uma das baías da Ilha de Santa Catarina; só se conhece como topônimo naquele lugar, que, aliás, era habitado por carijós, mas frequentado por espanhóis e portugueses, bandeirantes inclusive.

Em (61), temos *mambatacu-peciverára* para “lombilho”, apere que substitui a sela, o selim e o serigote nos arreios.

(61) * **MAMBATACU-PECIVERÁRA** – lombilho (VELGB:151)

Alterando a divisão proposta pelo editor, teríamos *mamb + atacupe + civerára*.
Etimologicamente:

mamb + atacupe + civer + ára
cobrir + costas + ? + em cima

Em Martius (1969[1863]:120), encontramos *ômondé ava apucá cavarú ara*, “botar o assento da gente em cima do cavalo” e *oyupe cabaruára*, “montar a cavalo”. Em Guarani Mbyá temos *kupe 'arygua*, “sela”.

Abaixo, arrolamos os nomes de peixes e animais marinhos assinalados por **t.g.**

(62)

(62a) * **BAUC-PUA'** – espécie de peixe (VELGB:133)

(62b) * **CÁIA CANGA** – polvo (VELGB:135)

(62c) * **GOIARI-COARA** – espécie de peixe (VELGB:144)

(62d) * **GOAIRI-COÁRA** – peixe roncador (VELGB:144)

(62e) * **GOAYABICOATI** – espécie de peixe (VELGB:144)

Os vocábulos acima já foram tratados anteriormente neste capítulo. Voltamos a lembrar, aqui, que a presença de vocábulos como *cáia canga*, em (62b), dentre os assinalados por **t.g.** afasta a hipótese de esse grupo de vocábulos constituir o Guarani Paraguaio por se tratar de animal marinho. É interessante observar ainda que o Guarani Paraguaio justamente não conhece essa forma, e criou um neologismo para “polvo”: *jyvatyma* (algo como “braço-perna”). Em Tupi (Cf. Barbosa), encontramos *caijacanga*.

Conforme exposto, encontramos, igualmente, neste grupo de vocábulos, propriedades que aproximam a língua aqui registrada da língua falada pelos índios guarani. Contudo, não podemos desconsiderar a presença de elementos próprios de línguas tupi, mais especificamente, da LGP, que, como já vimos, se encontrava em um “meio termo linguístico” entre o Tupi e o Guarani. Com isso, não queremos negar que parte dos dados registrados no *VELGB* provenham de áreas diferentes. Prova dessa diversidade é a presença de expressões como as contidas nos exemplos (46), (55) e (62).

Pelo que pudemos verificar, o parentesco entre as línguas e dialetos, com os quais Machado de Oliveira teve contato durante os anos em que serviu nas campanhas do sul e durante o tempo em que foi Diretor Geral dos Índios da província em São Paulo, pode ter feito com que ele reunisse vocábulos e expressões de diferentes línguas e dialetos em um só documento. É possível, também, que Machado de Oliveira estivesse consciente da heterogeneidade linguística dos dados registrados por ele e tenha “apelidado” de *Língua*

Geral Brasílica as duas línguas gerais faladas no Brasil e no Paraguai durante quase todo o período colonial. Desse modo, as menções usadas por ele no *VELGB* indicariam, com toda a certeza, os diferentes locais de coleta dos dados.

A menção **t.g.**, então, pode ser entendida como a abreviação de “tupi-guarani”. Compreende-se, aqui, que a denominação “tupi-guarani” é usada por Machado de Oliveira para se referir à língua falada na região sul do Brasil pelos índios guarani com os quais ele esteve em contato na primeira metade do século XIX.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procuramos determinar a origem dos dados registrados no *VELGB* e verificar se ele constitui, no todo ou em parte, uma fonte rara da LGP falada no século XIX. Trabalhamos, desde o início de nossa pesquisa, com a hipótese de Machado de Oliveira ter reunido, no *VELGB*, sob a denominação de “Língua Geral Brasília”, elementos do guarani falado na região sul do país, da LGA e da LGP, haja vista a diversidade linguística dos dados presentes nesse documento e o fato de seu autor ter tido considerável contato com essas três línguas ao longo de sua carreira como militar e estadista.

Constatamos e procuramos demonstrar neste trabalho que, de fato, Machado de Oliveira reuniu no *VELGB* elementos de diferentes fontes (orais e escritas), línguas e regiões. Testemunhos dessa diversidade são: i) a presença das menções **B. de A., l.g. e t.g.**; ii) a presença de mais de uma expressão em língua geral para um mesmo vocábulo em português (*e.g.*: *chevi*, *maracaja’ mirim*, *maracaya’*, *pixana* > “gato”); iii) a irregularidade na grafia das palavras em língua geral (*e.g.*: *cunhan*, *cunhã* > “mulher”; *assu’*, *açu’* > “grande”); iv) o fato de Machado de Oliveira ter consultado obras sobre línguas e períodos distintos (Montoya, Figueira e Dicionário Português Brasileiro) para a composição do *Vocabulário* da língua que ele chamou de “Língua Geral Brasília”.

A respeito desse último fato, investigamos, também, a hipótese de Machado de Oliveira ter acrescentado às suas anotações dados dos trabalhos usados como referência por ele. A confrontação dos dados presentes nessas obras e no *VELGB* mostrou que Machado de Oliveira, assim como todos os lexicógrafos, acrescentou às suas anotações pessoais a respeito da “Língua Geral Brasília” informações contidas em outros trabalhos que lhe pareceram convenientes e de uso corrente sem qualquer citação especial. É certo, entretanto, que grande parte dos dados presentes nesse documento foi colhida pessoalmente pelo seu autor entre os mestiços da província de São Paulo durante o período em que ele foi Diretor Geral dos Índios da Província.

Das três obras de referência adotadas por Machado de Oliveira e analisadas nesta dissertação, o *DBP* foi a que mais se assemelhou ao *VELGB*. Pouco mais da metade das entradas do *VELGB* possuem correspondentes no *DBP*, contudo, em razão de uma série de discrepâncias existente entre eles, é muito pouco provável que o *VELGB* seja uma contrafação do *DBP*. As definições encontradas no *VELGB* são, muitas vezes, mais exatas e detalhadas que aquelas contidas no *DBP*. Ademais, muitas das entradas arroladas no *VELGB* não figuram no *DBP* ou não lhe correspondem a tradução. Essas e outras diferenças apontadas nesta dissertação (ver Cap. III) indicam que o *VELGB* não é uma mera cópia do *DBP*. Sendo, aqui, a aparente homogeneidade existente entre eles atribuída à origem comum das línguas registradas. Todavia, não queremos negar, com isso, a possibilidade de Machado de Oliveira ter acrescentado às suas anotações pessoais alguns dos vocábulos do *DPB* que considerou compatíveis com a língua que estava sendo registrada por ele.

No estudo sobre os numerais, verificamos a presença de mais de uma forma em “Língua Geral Brasileira” para um mesmo numeral em português, fato que também corrobora a nossa hipótese inicial do uso de mais de uma fonte oral ou escrita para a composição do *VELGB*. De fato, a análise dos numerais nos permitiu verificar que o autor incluiu no *VELGB* números em tupi e em guarani discricionariamente e possibilitou, igualmente, confirmar as nossas hipóteses sobre o significado e a origem das abreviações **t.g.** e **B. de A.**, “tupi-guarani” e Barão de Antonina, respectivamente.

A menção **t.g.**, entendida, aqui, como a abreviação de “tupi-guarani”, foi empregada por Machado de Oliveira para denominar o conjunto de dados com características predominantemente guarani. Destarte, é muito provável que esse conjunto de dados corresponda à variedade com a qual ele teve contato durante o tempo em que serviu nas campanhas do sul. Sobre esse grupo, é mister atentar para a existência de elementos próprios de línguas Tupi, como os vocábulos para denominar animais marinhos (*e.g.*: *cáia canga*, “polvo”). A presença desses elementos é, muito provavelmente, resultado do intenso contato entre falantes do Guarani e da LGP nessa região (ver Cap. I).

Quanto à menção **B. de A.**, certamente, a abreviação de Barão de Antonina, foi usada para marcar os dados coletados na região de Itapeva com a ajuda do referido Barão. Logo, esse conjunto de dados é composto por registros da língua falada pelos índios kaiowá no século XIX sob a proteção do Barão. Lembramos que, embora, esse conjunto de dados seja semelhante ao material encontrado na literatura guarani, ele é seguramente original.

A terceira e última menção empregada por Machado de Oliveira no *VELGB*, **l.g.**, é a abreviação de “língua geral”, conforme demonstrado no Cap. III desta dissertação. As entradas marcadas por essa menção, embora apresentem certa influência da língua guarani e da língua do colonizador espanhol, são, verdadeiramente, vocábulos tupi. Destarte, este conjunto de dados constitui, com toda certeza, um dos últimos e raríssimos registros da LGP do século XIX.

Sem dúvida, as menções usadas por Machado de Oliveira no *VELGB* indicam as diferentes fontes e locais de coleta dos dados. Contudo, uma análise mais detalhada desses três conjuntos revelou certa heterogeneidade dentro de um mesmo grupo de dados. Explanamos, no início de nossa análise, que o *VELGB* constitui uma obra inacabada do Brigadeiro Machado de Oliveira e, em virtude desse fato (mas não exclusivamente por causa dele), apresenta alguns problemas de notação. O manuscrito do vocabulário foi organizado e editado postumamente, logo não houve qualquer tipo de consulta ao seu autor. O compilador do *VELGB* também declara sua falta de familiaridade com a língua registrada no vocabulário. Isso pode tê-lo levado a inserir dados de outras línguas no documento. Um exemplo disso é a inclusão da expressão “*iogjó! iongjó! cagantomy caracu panetoru*” no grupo assinalado por **t.g.** (ver Cap. III).

Verificamos que o parentesco entre as línguas e dialetos, com os quais Machado de Oliveira teve contato durante os anos em que serviu nas campanhas do sul e durante o tempo em que foi Diretor Geral dos Índios da Província de São Paulo, pode ter feito com que ele reunisse vocábulos e expressões de diferentes línguas e dialetos em um só documento. É possível, também, que Machado de Oliveira estivesse consciente da heterogeneidade linguística dos dados registrados por ele e tenha intitulado “Língua Geral Brasília” as duas

línguas gerais faladas no Brasil e a língua geral guarani falada no Paraguai durante quase todo o período colonial. Logo, encontram-se registrados em seus “apontamentos” vocábulos de diferentes línguas e dialetos de diferentes localidades do Brasil. A esse respeito, cabe mencionar que, o “Brasiliano”, diferentemente do Tupi Jesuítico não constituía uma língua uniforme. Houve, ao longo dos anos e em diferentes regiões, uma série de dialetos brasileiros (cf. Edelweiss, 1969:146).

É inegável a forte presença de elementos guarani por todo o vocabulário. Quando tratamos os nomes de parentesco, por exemplo, observamos que algumas formas léxicas presentes no *VELGB* diferiam daquelas encontradas no tupi, assemelhando-se às encontradas nos dialetos guarani. Conforme demonstramos em nossa pesquisa, há, no *VELGB*, muitos vocábulos e expressões que se aproximam mais dos dialetos tupi do sul e do Guarani. Existe, ainda, uma série de vocábulos que apresentam grande influência das línguas dos colonizadores, espanhol e português. Há uma lista com pouco mais de 25 empréstimos das línguas dos colonizadores europeus (ver Cap. 2).

A respeito da influência da língua do colonizador, Edelweiss (1969:156) explica que “a aculturação linguística dos índios nas diversas regiões do Brasil se processou em diferentes épocas e com intensidade desigual”. Para ele, os estrangeirismos são mais frequentes no Guarani do que no Tupi (Edelweiss, 1947:162).

Todas essas particularidades dos dados registrados no *VELGB* apontam para a registro da LGP, visto que esta, conforme explanado neste trabalho, se encontrava em um “meio termo linguístico” entre o Tupi e o Guarani. Contudo, mais uma vez, não negamos que parte dos dados registrados por Machado de Oliveira provenha de regiões e dialetos distintos. Com efeito, como se evidenciou ao longo desta dissertação, o conteúdo do *VELGB* é heterogêneo.

Essa heterogeneidade linguística, entretanto, não anula o seu valor documental. Ela, de fato, corrobora a tese de a LGP constituir uma língua fortemente influenciada pelas línguas dos colonizadores português e espanhol e pela língua guarani. Para Martius (1969[1863], a LGP, chamada por ele de “Tupi Austral”, apresentava maior influência da

língua do colonizador quando comparada a LGA devido ao constante e intenso contato estabelecido durante os períodos de conflito e ao fato de a LGP ter se expandido com as bandeiras paulistas.

Logo, o *Vocabulário* de Machado de Oliveira pode e deve ser utilizado como fonte para o estudo e conhecimento da LGP do século XIX. Lembramos que, até hoje, não há conhecimento de nenhum outro documento de registro da variedade dessa língua falada nesse período; os outros raros documentos de registro que temos da LGP são anteriores ao século XIX.

Demonstramos que, devido a inúmeras diferenças, o *VELGB* não pode ser considerado uma mera cópia do *DBP* ou de outros trabalhos sobre a LGA, LGP ou Guarani. Ele é fruto de um trabalho cuidadoso de seu autor. Lamentavelmente, em consequência de seu “temperamento irrequieto e instável”, segundo palavras de seus biógrafos, Machado de Oliveira não conseguia deter-se por muito tempo a um único trabalho, deixando-o inacabado para dedicar-se a outro. Entretanto, durante o período em que se dedicava a uma obra, ele o fazia meticulosamente. A natureza inconstante de Machado de Oliveira pode ter sido uma das razões de o *VELGB* constituir uma obra inacabada, porém, devido a originalidade de grande parte de seus dados, ele merece nossa real atenção, especialmente para estudos comparativos.

Em conclusão, o *VELGB* de José Joaquim Machado de Oliveira constitui uma valiosa fonte para o estudo da LGP ainda preservada pela lembrança da população mais velha no início do século XIX. Embora ele reúna em seu conteúdo vocábulos e expressões que são estranhos a LGP e seja omissos na distinção desses dados, eles podem ser facilmente identificados por estudiosos de línguas tupi e guarani que, hoje, graças à qualidade e à quantidade de trabalhos nessa área, são capazes de distinguir os vocábulos da LGP de outras línguas faladas pela população de contato na época. Por fim, cremos que, assim como o *VELGB*, devem existir outros documentos de registros ainda não conhecidos da LGP. Por isso, o estudo dessa língua tão usada pela população paulista nos primeiros séculos de colonização está apenas no início. Há muito ainda a ser descoberto e analisado.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

ANCHIETA, Jose de; CARDOSO, Armando. **Arte de gramatica da lingua mais usada na costa do Brasil**. Apresentação de Carlos Drumond. Ed. fac-similar. São Paulo, SP: Loyola: Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato Jose de Anchieta, 1990. 231 p., fac-simile. (Obras completas; v. v.11)

ANÔNIMO. **Vocabulário da Língua Geral (Língua geral dos índios das américas: Pernambúque, Pará, Marainhaõ, Bahia, Rio de Janrº, S. Paulo e Minas Gera[is])**. Manuscrito da Biblioteca Nacional, em português-tupi, 7fl. BN, Departamento de Manuscritos - 10,1,10.

AYROSA, Plínio; Frei ONOFRE. **Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez**. Reimpressão integral da edição de 1795, seguida de 2a. parte, ate hoje inedita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1934.

AYROSA, Plínio. **O caderno da lingua ou vocabulario portuguez-tupi de Frei João de Arronches**. São Paulo, SP: Impr. Oficial do Estado, 1935.

_____ ; ANÔNIMO. **Vocabulario na Lingua Brasilica**. Manuscrito Português-Tupí do seculo XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

FIGUEIRA, Luís. **Arte de grammatica da língua brasílica**. Reprodução facsimilar por J. Plazmann sob o título de **Grammatica da língua do Brasil**. Leipzig: B.G., [1687] 1878.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Viagem ao Araguaya**. Goyaz: Typographia Provincial, 1863.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Glossários de diversas lingoas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörterammlung brasilianischer Sprachen**. Wiesbaden: Martin Sandig. [Reimpressão do Segundo volume de **Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**, publicado em 1867 em Leipzig pela Friedrich Fleischer; o documento de 1867 é, por sua vez, cópia de **Glossários de diversas lingoas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörterammlung brasilianischer Sprachen**. Erlangen: Druck von Junge & Sohn, 1863], 1969.

RUIZ DE MONTROYA, Antonio. **Arte de la lengua Guarani: o mas bien Tupi**. Nueva ed. Viena; Paris: Faesy y Frick: Maisonneuve, 1876.

_____. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape** [1639]. (2ª ed. brasileira). Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 1997.

_____. **Arte, vocabulario, tesoro y catecismo de la lengua guarani**. Asuncion: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", [1640] 2002.

_____. **Tesoro de la lengua guarani**. [1639] Asuncion: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 2011.

_____; MELIA, Bartomeu. **Arte de la lengua Guarani**: [1640]. Asuncion: CEPAG, 1993.

O dicionario anonymo da Lingua Geral do Brasil, publicado de novo com seu reverso por Julio Platzmann. Edição facsimilar. Leipzig: B. G. Teubner, 1896.

OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Episódio de um diário das campanhas do Sul [1818]. *In: Revista Trimensal de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico Geographico Brasileiro*, t. IV, pp. 331-349. Rio de Janeiro: Typographia de D.L. dos Santos, 1842.

_____. Notícia Raciocinada sobre as aldeias de índios da província de São Paulo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, t.VIII, pp. 204-254. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1846.

_____. Brasileirismos. *In: Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 14, p.119-131, jun. 1936a.

_____. Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasílica. *In: Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 25, p.129-174, jul. 1936b.

_____. Qual era a condição do sexo feminino entre os indigenas do Brasil? *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. IV, n. 14, pp. 168-206. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de L. P. da Rocha, 1842a.

_____. A celebração da paixão de Jesus Cristo entre os guaranís. (Episódio de m Diário das campanhas do Sul). *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. IV, n. 15, pp. 331-349. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de L. P. da Rocha, 1842b.

_____. Se todos os indígenas do Brasil, conhecido até hoje, tinham ideia de uma Divindade, ou se sua Religião apenas circunscrevia a uma mera supersticiosa adoração de “fetiches”; se acreditavam na immortalidade da alma, e se os seus dogmas religiosos variavam segundo as diversas nações e tribus? No caso da affirmativa, em que differçavam elles entre si? *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. VI, n. 22, pp. 133-155. Rio de Janeiro: Kraus Reprint, 1844.

_____. A emigração dos Cayuaz. Narração coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliot pelo socio effectivo o sr. Brigadeiro [...]. In: **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**. t. XIX, pp. 434-37. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1856.

_____. Os Caiapós. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, t. XXIV, pp. 491-524. Rio de Janeiro: Kraus Reprint, 1861.

_____. **Quadro histórico da Província de São Paulo**. Edição fac-similada da 1ª (1864). São Paulo: Governo do Estado, 1978.

FONTES SECUNDÁRIAS

ALTMAN, Cristina. Colonialismo, Expedições Científicas e Linguística no Brasil do Século XIX. **Revista Eutomia**. Pernambuco, ano 3, v.2, dez. 2010. Disponível em: http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque_colonialismo_expedicoes_cientificas.pdf. Acesso em: 10 de jan. de 2013.

AMORIM, Antonio Brandão de. **Lendas em Nheengatu e em portuguez**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria J. Leite, 1928. 475 p.

ANCHIETA, Jose de. **Cartas**: correspondencia ativa e passiva. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1984. 528p. (Obras completas; v.6).

A FORMAÇÃO do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra. São Paulo, SP: CENPEC: Imprensa Oficial, 2004. 202 p. (Terra paulista: historias, arte, costumes; v. 1).

BARBOSA, A. Lemos. **Curso de tupi antigo**: gramatica, exercicios, textos. Rio de Janeiro, RJ: Livraria São José, 1956.

_____. **Pequeno vocabulario tupi-portugues**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Livraria São José, 1967.

_____. **Pequeno vocabulario portugues-tupi: com um apendice: nomenclatura de parentescos**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria São José, 1970.

BIBLIOTECA NACIONAL, **Memória estatística do município de Iguape**, escrita por José Inocencio Alves Alvim por incumbência de Manoel da Fonseca Lima e Silva, então presidente da Província de São Paulo. Iguape, 21 fev. 1845. Ms, original, 45p., 26 x 21 cm. loc.: I-31,18,41.

BORBA, Telêmaco. **Actualidade Indígena** (Paraná, Brazil). Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

CABRAL, Alfredo do Valle. Bibliographia das obras tanto impressas como manuscriptas relativas á língua tupi ou guarani tambem chamada lingua geral do Brazil. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Volume VIII (1880-1881). Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1881. P.432.

CADOGAN, León. **Diccionario Mbya-Guarani Castellano**. Asunción: CEPAG, 1992.

CAMPBELL, Lyle. **Historical linguistics: An introduction**. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

CARDIM, Fernão. Principio e origem dos indios do Brazil e de seos costumes, adoração e ceremonias. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. LVII, parte I, pp. 185-212. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1894.

CARTAS avulsas: 1550-1568. Rio de Janeiro, RJ: Officina Industrial Graphica, 1931. 520p., il. (Biblioteca de cultura nacional. Classicos brasileiros. Historia); v. 2.

CARTAS dos primeiros jesuitas do Brasil. São Paulo, SP: Comissão do IV Centenario da Cidade de São Paulo, 1954-1958. 3v.

CRUZ, Aline. A grafia das línguas gerais (Tupi) no século XVIII. *In: LIAMES*, Nº 7, Primavera 2007. pp. 7-24.

_____. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. 2011. 626 p. Tese (Doutorado em Linguística), Vrije Universiteit Amsterdam, 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os direitos do Índio**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/Secr. Mun. Cult. São Paulo, 1992.

DIAS, Gonçalves. **Diccionario da lingua tupy: chamada lingua geral dos indígenas do Brazil**. Lipsia: F. A. Brockhaus, 1858.

DIETRICH, Wolf. **El idioma Chiriguano**. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.

_____. Os brasiguaios no Brasil. Aspectos fonéticos, gramaticais e lexicais. *In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. Pp. 167-181.

DOOLEY, R. A. **Léxico Guaraní, dialeto Mbyá: versão para fins acadêmicos; com acréscimos do dialto nhandéva e outros subfalares do sul do Brasil** (rev. de nov. de 1998). Porto Velho: Soc. Internacional de Linguística.

EDELWEISS, Frederico G. **Tupis e Guaranis, estudos de etnonímia e lingüística**. Bahia: Sec. Educ. e Saúde. (Publ. Museu da Bahia, v. 7), 1947.

_____. Os topônimos indígenas do Rio de Janeiro quinhentista. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 275, pp. 80-134. Rio de Janeiro, 1967.

_____. **Lições de etimologia tupi**. Salvador, C.E.B. (Publicação v. 123), 1986.

_____. **Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: Confrontos e Revisões**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1969.

ELIA, Silvio. **A unidade linguística do Brasil: (condicionamentos geoeconomicos)**. Rio de Janeiro, RJ: Padrão, 1979.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. História da civilização brasileira. *In: Boletim da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, 96 (8). São Paulo, 1948.

FERNANDES, Balthasar. Carta de Balthasar Fernandes do Brasil, da Capitania de S. Vicente, a 22 de abril de 1568. *In: CARTAS avulsas: 1550-1568*. Rio de Janeiro, RJ: Oficina Industrial Graphica, 1931. 520p., il. (Biblioteca de cultura nacional. Classicos brasileiros. Historia); v. 2. Pp. 498-502.

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tiete ao Amazonas: 1825 a 1829**. São Paulo, SP: Cultrix: EDUSP, 1977. 311 p.

FREIRE, José Ribamar Bessa; BORGES, Luiz Carlos. Apresentação. *In: FREIRE, José Ribamar Bessa; CARLOTA ROSA, Maria (Org.). Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003. Pp. 7-10.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Historia da provincia Santa Cruz; Tratado da terra do Brasil**. São Paulo, SP: Ed. Obelisco, 1964. 95p. (Cadernos de historia; v. v.2).

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil; Historia da provincia Santa Cruz**. Belo Horizonte; São Paulo, SP: Ed. Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. 150p., il. (Coleção Reconquista do Brasil. Nova serie; v. v.12).

GUASCH, Pe. Antonio & ORTIZ, Pe. Diego. **Diccionario Castellano-Guarani Guarani-Castellano**. Asunción: CEPAG, 1996.

HISTÓRIA dos índios no Brasil. Coautoria de Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo, SP: FAPESP: Companhia das Letras, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raizes do Brasil**. (26ª ed.) Rio de Janeiro, RJ: J. Olympio, 1994, c1982. 158p., il. (Documentos brasileiros; v. v.1).

HOLGUÍN, Diego Gonzales. **Gramatica y arte nueva dela lengua general de todo el Peru. llamada lengua Oquichua, o lengua del Inca.** Lima, 1607.

LEITE, Serafim. **Historia da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro, RJ; Lisboa: INL: Portugália, 1945-.

LIMA, Francisco das Chagas. Memória sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, t. IV, n. 13, p. 43-64. 1842, p. 43-64. Rio de Janeiro, 1842.

MACEDO, J. Manuel. Elogio Fúnebre de J. S. Machado, Barão de Antonina. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico.* t. XXXVIII, pp. 420-421, 1875.

MACHADO, Alcantara. O arquivo de Machado de Oliveira. **Revista do Arquivo Municipal**, v. 14, p.115-118. São Paulo, jun. 1936.

_____. **Vida e morte do bandeirante.** São Paulo, SP: Revista dos Tribunais, 1929. 276 p.

MAGALHÃES, Basílio de. **Expansão geográfica do Brasil Colonial.** (3ª ed.). São Paulo: Epasa, 1944.

MARQUES, Manoel Eufrasio de Azevedo- **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980.

MARTINS, M. de L. de Paula. Notas sobre as relações verificadas entre o Dicionário Brasileiro e o Vocabulário na Língua Brasílica. *In: Boletim 52* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP – de São Paulo. São Paulo, 1945.

_____. Notas Referentes ao “Dicionário Português-Brasílica”. *In: Boletim Bibliográfico*, 12, São Paulo, 1948.

_____. Vocabulários tupis – o problema VLB. *In: Boletim Bibliográfico*, São Paulo: Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, v. 13, p. 59-93, 1949.

MEGALE, Heitor. Bandeira bandeirante. *In: MEGALE, Heitor. Filologia bandeirante.* São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. pp. 16-48.

MELIA, Bartolomeu. **La lengua guarani del Paraguay:** historia, sociedad y literatura. Madrid: Mapfre, c1992. 338p. (Coleccion lenguas y literaturas indigenas; v. v.6).

MELLO, N. **As mulheres da Piratininga quinhentista e a formação dos primeiros troncos paulistas.** São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Instituto Genealógico Brasileiro, 1988.

MEXÍA Y OCÓN, Juan Roxo. **Arte de la lengua general de los indios del Peru**. Lima, 1648.

MONSERRAT, Ruth M. F. O tupi do século XVIII (tupi-médio). *In*: FREIRE, José Ribamar Bessa; CARLOTA ROSA, Maria (Org.). **Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003. Pp. 185-194.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. 2001. 233f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000343676>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

MOORE, Denny et alii. Nheengatu (Língua Geral Amazônica), its History, and the Effects of Language Contact. *In*: LANGDON, M. (ed): **Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas**. 2 (4): 93-118. Berkeley, 1993.

NARRO, A. & SCHERRE, M. Sobre as origens do português popular do Brasil, *In*: **D.E.L.T.A.**, pp. 435-55. 1993.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos**. (3ª ed. revista e aperfeiçoada). São Paulo: Global, 2005.

NÓBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil**. Belo Horizonte; São Paulo, SP: Itatiaia: EDUSP, 1988. 258p. (Coleção Reconquista do Brasil. 2. série; v.147).

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Marilza de. Relevância dos estudos genealógicos para a caracterização sócio-histórica da língua falada na trilha das bandeiras. *In*: MEGALE, Heitor. **Filologia bandeirante: Estudos 1**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p. 49-64.

PALACIO, Francisco. Roteiro da Viagem para as Minas do Cuiabá que fez Francisco Palácio. *In*: **Revista Eletrônica: Documento Monumento**. Universidade Federal do Mato Grosso, v. 3, n.1, pp. 101-126, Dez/2010.

PREZIA, Benedito A. **Os indígenas do planalto paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas**. (2ª ed.) São Paulo: Humanitas, 2010.

RAGI, Roberta. **Estudo historiográfico da produção metalinguística na gramaticografia quéchua (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: FFLCH-USP, 2010. Tese de Doutorado.

REIS, Artur Cezar Ferreira, 1978. O Grão Pará e o Maranhão. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II: O Brasil**

Monárquico, vol. 2, Dispersão e Unidade. (4 ed.) São Paulo: Difel, 1978. Pp. 71-172.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *In: D.E.L.T.A.* São Paulo, 1993, 9 (1):83-103.

_____. As línguas gerais sul-americanas. *In: Pápio – Revista de crioulos de base ibérica*, vol. 4, nº2. Brasília: Thesaurus, 1996.

_____. **Línguas brasileiras.** 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002a.

_____. Tupi, Tupinambá, línguas Gerais e Português do Brasil. *In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs.). O português e o tupi no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. *In: CABRAL, Ana Suely A. C.; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Orgs.). Línguas indígenas brasileiras. Fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do GTLI, vol. I.* Belém: UFPA: 2002b. Pp 327-337.

RODRIGUES, J. Barbosa. **Poranduba Amazonense.** [São Paulo?: [s.n.], 1887. 368 p.

SAMPAIO, Teodoro. **São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos.** Petrópolis: Vozes, 1978. 399 p.

_____. **O tupi na geografia nacional.** (5. ed.). Introdução e Notas: Frederico Edelweiss. São Paulo, SP: Nacional, 1987. 359p. (Brasiliana; v.380).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do rio S. Francisco e pela provincia de Goyaz.** São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1937. 2v.

SCARANO, Julita, **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII,** São Paulo, Ed. Nacional, 1978.

SCHADEN, Egon. Os primeiros habitantes do território paulista. *In: Ensaios paulistas* (contribuição de O Estado de São Paulo às comemorações do IV Centenario da cidade). São Paulo, SP: Anhembi, 1958, pp. 746-62.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa; RODRIGUES, L. A. D. (Orgs.). **Vocabulário bilíngue: Guarani-Português / Português-Guarani.** São Paulo: Imprensa Oficial - SEE/SP, 2010

SPIX, Johan Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. **Viagem pelo Brasil.** [tradução do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro]. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 4 v.

SOARES, José Carlos de Macedo. **Três biografias:** Jose Joaquim Machado d'Oliveira, Brasília Augusto Machado d'Oliveira, Jose de Alcântara Machado d'Oliveira. São Paulo, SP: Academia Paulista de Letras, 1955.

SOUSA, Gabriel Soares de et al. **Notícia do Brasil [1587]**. São Paulo, SP: E. de Cerqueira, 1974.

STRADELLI, Ermanno. Vocabulários da língua geral português-nheêngatú e nheêngatú-português, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua mirî e seguidos de contos em língua geral nheêngatú poranduua. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. CXXIV, v. 158, p. 9-768, 1928.

TAUNAY, Affonso d'E. **São Paulo no século XVI**. São Paulo: Tours E. Arrault, 1921.

_____. **A retirada da Laguna**: episódio da guerra do Paraguai. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997

_____. **Historia das bandeiras paulistas**. (3. ed.) São Paulo, SP; Brasília, DF: Melhoramentos: INL, 1975. v. 3 (Memória brasileira).

THOMAS, Domingo de S. **Grammatica, o arte de la lengua general de los indios de los Reynos del Peru**. Valladolid, 1560.

ZEQUINI, Anicleide. A fundação de São Paulo e os primeiros paulistas: indígenas, europeus e mamelucos. *In: SETUBAL, M. A Terra Paulista. História, arte, costume*. São Paulo: CENPEC/ Imprensa Oficial, 2004. p. 29-53.

ANEXOS

ANEXO I

Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira⁹⁶

	LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
01	Â	vara
02	*AANGUEJAA'	hoje mesmo
03	ÁBA OU ÁVA	cabelo
04	ABA'	criatura, homem, ser, alguém, família livre, pessoa, gente; valente, poderoso
05	ABAETÊ	homem honrado, respeitável
06	ABATI OU ABATY	milho
07	ABATIAPÊ OU ABATI	arroz
08	ABATICUI	farinha de milho
09	ABÊ (CONJ.)	e
10	ABI	agulha
11	ACA	corno; galho; penacho
12	ACÁI!	ai!
13	ACAIGOÊ	ai!
14	ACAJU'	ano; caju, fruta
15	ACÁNGA	cabeça
16	ACANGAPÁBA	cabeceira
17	ACANGOÉRA	caveira
18	ACANGUERU'	chapéu, barrete (B. de A.)
19	ACARA'	garça; espécie de peixe (v. cará)
20	*ACARU' POTA'	quero comer
21	ACAYAIA'	cedro, árvore
22	ACÊ	homem, pessoa, gente
23	*ACHA'	corruptela de machado
24	AÇU'	grande (v. Çu, guaçu, oçú)
25	AÊ OU AHÊ	este, aquele
26	AÉREME	então
27	AGERU'	papagaio
28	AGUAÇÁBA	concubina
29	AGUAÇABÓRA	amancebamento
30	AHIVA OU AYVA	–
31	AI HI POTA'	quero beber
32	AIA'	pato
33	AIMONÊ	peixe de lama
34	APII OU AYPI	raiz de mandioca
35	AIRI-TUCUM	linha da palmeira airi
36	AJUBETÊ	ainda que; não importa; ao menos
37	AJÚRA	pescoço
38	AJUREPI	cachaço
39	AKIJÊ	estou com medo
40	*AKUÊ	dormir
41	AKIRÁR	abortar
42	AMÁNA	chuva
43	AMANAGÊ	alcoviteiro, mensageiro

⁹⁶ A listagem a seguir é transcrição *ipsis literis* da versão publicada na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. XXV, p. 129-171.

44	AMÁNAOKIR	chover
45	AMANIU' ou AMANY ou AMANAJU'	algodão
46	AMÔ	outro
47	AMOCAÊM	assar mal
48	*AMOIG	parente
49	AMONGATY	além, lá, longe
50	AMOTÁBA	bigodes
51	ANAJA'	palmeira
52	*ANDAHY	moranga, espécie de abóbora
53	ANDIBÊ	reunião; tudo (V. Oetépe)
54	ANÊME	cheirar mal
55	ÁNGA	alma; consciência. Fruta silvestre
56	ANGAIPÁBA	agastadiço; culpado; culpa
57	ANGATURÁMA	boa condição
58	ANHÂ (ANAM?)	espaçoso, espesso
59	*ANHÁÁ	feio
60	ANHÁNGA	gênio do mal; fantasma, visão, o demônio. v. Macachera
61	ANHÁNGA	quibaba – pente do diabo
62	ANHÊ	pois, somente. – reá, pois não
63	*ANHENÔ	deitar-se
64	ANHIMA	gralha grande
65	ANHÔ	só
66	ANHONHÊCANHUVA (ANHOCANHÊM HUVA?)	água que some: sumidouro
67	ANI	não (v. Nitio, Reá) – daquai, não sei
68	ANXIM	bronco
69	APÁBA	cortado; partido
70	APÉBA	plano, chato, rasteiro (v. Péba, Epéba)
71	APECUI'	caspa da cabeça
72	APEKEXINGA	calvo
73	APIXÁBA	cutilada
74	APÔ	alagadiço
75	APUAM	redondo. Globo
76	APUAN	levantar
77	APYÁBA	(v. Abá)
78	APYCÁBA	assento
79	AR	cair; tropicar
80	ÁRA	mundo; tempo, dia
81	ARABERI	sardinha
82	ARACA' ESSEI	nunca
83	ARACAÉPA RENÔ	quando te vais embora?
84	ARACAÉPA REXU	quando has de vir
85	ARACANGUABA	arara
86	ARAGOAGUAY	peixe serra
87	ARAHY	chuva (B. de A.)
88	ARAJABÊ JABÊ	cada dia
89	ARAMAN	ave
90	ARAPUA'	espécie de abelha
91	ARÁRA	ave
92	ARASSU	espécie de ave (arara grande?)
93	ARATU'	caranguejo (Ussa, Goiaiaí)
94	AREBÊ	barata

95	AREIRÊ	após isso
96	ARIMAIRI	arraia (peixe)
97	AROAIM	caramujo, marisco
98	AROANEYMA	acaso, talvez
99	AROBIAI	acreditar, crer
100	ARUPEMBÚE	peneira (v. Gurupema, Jurupema, Moguapaba)
101	ARYA	avó paterna ou materna
102	ASSU'	grande (v. Oçu, Guaçu e Çu)
103	ATECUYR	até agora
104	ATIGOÉRA	restolho de milho ou feijão
105	ATUA'	congote, cerviz
106	ATUMPA'	espécie de peixe
107	AUIN	perto
108	AUJÊ	basta
109	AUKI	bolir com alguém
110	AVARE'	padre
111	AVERÁNA	asma
112	AYAYA'	colhereiro
113	AYMBE'	amolar
114	BA ⁹⁷	(abrev. de Tyba ou Tuba)
115	BABÁR	dança, folguedo
116	BACÁBA	fruta
117	BAÊPA ÊRA	como se chama isto? – cayuá? – como se chama isto em língua cayuá?
118	BAÊPA NDE RÊRA	como te chamas?
119	BAGUAHY	cortar com machado
120	BAIACU'	peixe
121	BAMBU'	tacoára
122	BAIAPO'	Roçar (B. de A)
123	*BANHOMIM	furtar
124	BARAM ou MARAN	de propósito
125	*BARIHI	um bocado
126	BARUERI ou BARIRI	espécie de cacto de flor vermelha e sementes pretas
127	*BAUC-PUA'	espécie de peixe
128	BÉBE'	voar
129	BERA'	brilhar
130	BERAB	vibrar
131	BIJU'-PIRA'	peixe
132	BO'	vaso ou vasilha (v. Reru)
133	*BOAPYR	três
134	BOBÓCA ou BABÓCA	circular
135	BOCÁBA	espingarda
136	BOGERE'	virar
137	BÓHY ou BOYA ou MOYA	cobra
138	BOHYBI	cobra
139	BOHYCININGA	cobra de cascavel (v. Maracá boyá)
140	BOHYPIBA	cobra achatada
141	BOHYQUIRA' ou MARACA' BÓYA	cobra cascavel
142	*BOIPIRE'	couro de boi
143	BORE'	instrumento de música. Anta

⁹⁷ A maior parte dos vocábulos que começam por b tem a pronúncia mb

144	BORITI	espécie de palmeira
145	BUÁBA OU EMBUÁBA	ave que tem penas nos pés
146	BUBÚI	boiar
147	BUBUITÁBA	boia
148	BUCA	(corrupela de boca), boca; furo
149	BUÇU	Felpudo (corrupt. de Guaçu)
150	BUIJYA	verde luzente
151	BUJUY	espécie de andorinha (v. Majoy)
152	BURA'	espécie de abelha
153	*BURICA'	mula
154	BURIQUI	macaco pequeno
155	CÁI	arder
156	CAA'	relva, capim; mato; folhas
157	CAA' CAÁO	defecar
158	CAÁBO	ramo; folhagem
159	CAAETÊ ou CAHYTE' ou CAYATE' ou CUYATE'	mato virgem, bravo
160	CAAKENE	centro
161	ÇAANG	arremedar, aventurar
162	ÇAANGABA	balança
163	CAÁPÁBA	bacio
164	CAÁPOÁRA	anta (v. Tapiyra)
165	CAARIMÃ	bolo de mandioca puba
166	ÇAAQUA'	aumento; crescimento
167	CÁBA	vespa. Banha, gordura (v. Icába)
168	ÇÁBA	voz que converte o verbo em substantivo, v. g., mondá. pilhar; mondaçába, pilhagem
169	ÇABA	corruptela de sebo (?)
170	CABAÇU'	corruptela de cabaço
171	ÇABAIPOR	bêbado
172	ÇABAIXARA	a metade do corpo; banda de qualquer coisa
173	CABAJU', CARAJU ou CABURU'	corruptela de cavalo
174	ÇABAOÇU	peludo
175	CABARA'	corruptela de cabra (v. Cuassumê)
176	ÇABARU	crestar
177	ÇABE'	bolor
178	ÇABÉOANE	estar com bolor
179	CABIGUARA	espécie de abelha
180	ÇABIKIRA	bagaço
181	ÇABIRON	cavar
182	ÇAÇAO	atravessar; penetrar
183	ÇACAPIRA	ponta; extremidade
184	ÇACEME	bradar
185	CACOÁU	ancião
186	ÇACOAPE'	torto dos olhos
187	CACOI	cair a fruta (v. Mococoi)
188	*CAGUHY	mato
189	CAHYPE ou CAIPE	esteiro do mato
190	CÁI	queimado
191	ÇÁI	azedo
192	*CÁIA CÁNGA	polvo
193	ÇAIBÔ	agourar

194	ÇAIBOÇARA	agoureiro
195	CAIÇA'	cerca, tapume (v. Caiçára)
196	CAIÇARA	cerco de apanhar peixe
197	ÇAIÇARA	povoação; arraial
198	ÇAIMBE'	áspero
199	ÇAINANA	mulher inquieta; doida
200	CAINHONÇARA	ajuntados
201	CAJA'	fruta
202	ÇAKACOERA	após, atrás
203	ÇAKIBORE	arder (o corpo)
204	CÁMA	peitos de mulher; seios
205	CÁMAPUAN	bico de seio
206	CAMARARA	corruptela de camarada
207	CAMBA'	homem preto
208	CAMBAYVA	taquara fina
209	CAMBIÇÁRA	ama de leite
210	CAMBÔA	lago a beira mar
211	CAMBOCY	panela
212	ÇAMBURA'	cesto
213	CAMERU'	amassar
214	CAMOGIRA	fantasma; cuca
215	CAMUCI	monumento sepulcral; talha grande de barro (v. Iguaçaba)
216	CAMURI	robalo (peixe)
217	CANÃ	coisa que se mexe
218	ÇANCAN	lenha miúda
219	CANDIBA	canavial
220	CANEONÇABA	abafamento; cansaço; aflição
221	CÁNGA	osso (v. Cangoéra)
222	CANGOÉRA	osso
223	CANHÁNA	ajuntar
224	CANHARO' ou ÇACHARO'	abelha de fogo ou vermelha
225	CANHÊ	à pressa
226	CANHUIM	(v. Cauim)
227	CANTIM	bico de alguma coisa
228	ÇAOAÇU OU ÇUAÇU	veado. – puitan, veado pardo. – tim, veado branco. – pacu, cervo grande.
229	*CAO RUBI POGUAPE'	assentar-se
230	ÇAPA'	foice
231	ÇAPE'	palha
232	ÇAPEC ou ÇAPEREC	tostar, chauscar
233	CAPIBÁRA ou CAPIVÁRA	animal
234	CAPIIM	erva
235	ÇAPIRON	prantear, carpir
236	CAPITÚVA	casebre, palhoça (Cadissava?)
237	CAPIXABA	(v. Copixaba)
238	CAPOÁVA	sítio, habitação deixada
239	ÇAPOPEMA	figueira silvestre
240	ÇAPUCAIA	clamar, gritar. Árvore. Galinha
241	ÇAPY	cauterizar
242	CARA'	(v. Acará)
243	CARAHY ou CARYBA	homem branco; feiticeiro. – tuja, branco velho
244	CARAHYBEBÊ	anjo
245	CARAHYY ou CARY	água benta

246	*CARAMBUI	coisa pequena e bonita
247	CARAMURU'	moréa, dragão do mar
248	CARANDAI	palmeira
249	CARÁNHE ou CARÁNHA	arranhar, coçar
250	CARAOTA' ou ALBACOVA	(peixe como o atum)
251	*CARAPE'	mulher baixa
252	CARAPI	curto (v. Iatin)
253	CARAPINA	corruptela de carpinteiro
254	CARAPITANGA	espécie de peixe
255	*CARAPUXI	dinheiro
256	CARAUPEPÊ	abóbora
257	CARINA'	branco (v. Carahy)
258	CARÓC	batizar
259	ÇAROHE'	gambá
260	CARU'	comer. – gauss, comer muito
261	CARUÁRA	corrimento (doença)
262	CARUCÁBA	ourinol ou bacio. Bexiga de animal
263	CARUMBE'	casco de tartaruga ou de cágado
264	CARYBA	(v. Carahy)
265	CARYCA	maré vazante; correr o líquido
266	CASSUNUNGA	abelha brava
267	ÇATIKERA	bagaço
268	CATINGA	mato branquicento
269	CATU'	bom, grande. Mbaê-catú, coisa real, riqueza
270	CATYKOÉRA	borra, sedimento (v. Kiakuéra)
271	CATYPY	bochechas
272	CAU'	beber vinho
273	CAUÇABA	bebedouro
274	ÇAUCUB	amar
275	ÇAUCUPARA	amante
276	CAUGOÉRA	amigo de vinho
277	CAUIM	bebida embriagante feita de milho
278	ÇAUMAKI OU ÇAMBAKI	montículo de ostras
279	CAYUA'	gente do mato
280	CÊ	saborear, gostar
281	CEAKÉNE	ter bom cheiro
282	CEARÁMA	corruptela de ceia
283	CEÇA'	olho. – iapara, torto dos olhos (v. Çaucuapé)
284	CEÇÁETÊ	astúcia
285	CECÁI	lenha miúda
286	CECAR	adquirir, buscar
287	CECE'	à, às; portanto; por isso
288	CECY	doer
289	CEGY	carregar carga (v. Çopir)
290	CEGYBARA	carregador
291	CEKI	atrair
292	CEKICÉMO	cercar, sitiar
293	CÉMA	coisa que corre (v. Nháne)
294	CEMBYRA	sobras, excesso
295	CEMEYBA	aba, borda
296	CENDI	arder. Chamar; convidar
297	CENDIY	claridade (v. Cá)
298	CENIMBY	camaleão, lagarto grande

299	CEOPIRÉRA	couro
300	CEPIACA	ver (v. Maem)
301	CEPIACABA	aparência, exterior, cor
302	CEPUI	borrifar
303	CÉRAYMA	catecúmeno, neófito, pagão
304	CETA'	muito, muitos
305	CETÊ	corpo
306	CETÚMA	cheirar
307	CHABI	corruptela de chave
308	CHABURO'	corruptela de burro
309	CHAMANGAHY'	louco
310	CHARA	crespo
311	CHARAINASSU	dor de dentes
312	CHARAPI	que tem o mesmo nome
313	CHE	(l.g.) meu ou minha
314	CHE RAYRA	minha filha
315	CHERESSAIN	estou bom
316	CHEARYA	minha avó
317	CHERAMOIN	meu avô
318	CHERAGUY	meu irmão
319	CHEREMÚY	meu irmão
320	CHEREKEY (?)	meu irmão mais velho
321	CHERENDUHY ou CHERANDY	minha irmã
322	CHE VÊ	eu também
323	CHEMUMBA' DARI (?)	meu boi manso
324	CHERACY ETA'	estou muito doente
325	CHE CY	minha mãe
326	CHE RU	meu pai
327	CHEVI (?)	gato (v. Pixana)
328	CHIPAN	corruptela de pão
329	CHUPE'	esp. de abelha
330	CIPO'	planta flexível
331	ÇO'	ir. Tocohó - vamos
332	ÇO'	conduzir, carregar (v. Cegy e Çupir)
333	CÔ	toma
334	COAÊ	este, isto
335	COA' ou CUA'	cinge, une
336	ÇOBAKÊ	ilharga
337	ÇOBAKE'	junto, perto
338	ÇOBAYANA	contrário
339	COBECATO	agradecimento
340	ÇOCA'	lagarto
341	*COCAYCUA'	caldeira, chocolateira (?)
342	ÇOCOC	(corruptela de socar) calcar
343	ÇOCORI	cação
344	COÊRÁME	amanhã
345	COIABÊ	a modo, assim; assim mesmo
346	COLOMI, CORUMI, CONUMI, CONOMI ou CORUMIM	rapaz, menino
346	COMEËNG	mostrar
347	COMENDA'	feijão (B. de A.)
348	ÇÓÓ	carne; animal; caça

349	*COOIARA	ontem
350	ÇOÔM	arder a ferida
351	ÇOPAR	andar perdido
352	COPE	costas. Qquinta, chácara (v. Cupê)
353	COPIXABA	plantação ou raça pequena
354	ÇOPIR	levantar peso
355	CORA'	corruptela de curral
356	CORE' ou CORERA	aparas, migalhas, argueiros
357	CORI, CORY, CURU ou CURY	pinheiro. – tuba ou túva, muitos pinheiros
358	CORI ou CURU ou CURY	pinhão
359	ÇOROROCA	espécie de chicharro (peixe)
360	COTÚC	limpar lavando
361	COTUCÁBA	agulhão
362	COU'	capim Pé de galinha
363	COYR	agora
364	CRUMATÃ	peixe
365	ÇU	partícula aumentativa. Também é abreviatura do guassú (v. Assu)
366	CUÂ	quadris; cintura
367	CUANG	arco
368	ÇUCUREJU	cobra de água
369	CUEHÊ	ontem
370	ÇUGUE'	azul
371	ÇUI	da, do, de
372	ÇUMARE'	fruta
373	CUMBUCA ou COYAMBUCA	cabaço para levar água
374	CUNAPU	mero
375	CUNHAN	mulher. – embira, filha do inimigo prisioneiro com a mulher que o trata; - piru, mulher magra; - poran, bonita; - guassu, - mulher gorda; - japuá, mulher baixa; - puna, mulher alta; - beba, mulher má.
376	CUNHATÉM ou CUNHÁ-TAHIM	rapariga
377	CUOAIN CUAÁRI	hoje
378	CUPA'	pescada
379	ÇÚPÊ	ao, aos, à, às
380	CUPE'	rancho (v. Tijupaba)
381	CUPIARA	achaque. Tacaniça
382	ÇUPIÇABA	certeza
383	CUPIM ou CUPII	formiga branca
384	ÇURAJU	lacrau
385	CURU ou CURY	pinhão
386	CURUBA'	bertoeja, borulha, ferida, sarna, empola (v. Pereba)
387	CURUCURUTÊM	a cada passo
388	CURUMATAN	peixe
389	CURU-PIRA'	demônio
390	CURURU'	sapo
391	CURUSSA' ou CURUSSU	corruptela de cruz; - coatiá, cruz escrita.
392	CURUTÊM	brevemente; cedo
393	CUXA'	corruptela de colher
394	DAI COAI	não sei
395	DAI POTAI	não quero
396	DEAVE'	como está?

397	DÊ PYGUIPE CAJUI PÊTCHA	debaixo de teus pés qual o capim (galanteio que se dirige a uma cunha-tahi-poran, isto é, moça bonita)
398	DÊ PPE ROSA POTETCHA	em tuas mãos como folha de rosa (id.)
399	EAUKI	bolir com alguém
400	ECATU'	bem
401	ECOÊM	vai, segue
402	*ECUARU	verter águas
403	ECURA-A'	carregar
404	EÊM	sim (v. Neim)
405	*EGUAPUY	sentar
406	*EGUATA'	vai-te embora
407	EH-PUCA'	expressão admirativa
408	EI	vez, ocasião, momento
409	EIKÊ	entrar
410	EIMEVE'	antes que
411	EJAEVU (EJURERE'?)	falar, conversar
412	EJO' (EHO'?) JAJEVU	vem comigo
413	EJO' (EHO'?) MONGUETA'	venha conversar
414	EMBAÊ	seu, sua
415	EMÔ	pois que! diga.
416	EMOETE'	adorar
417	EMOITÊÇÁBA ou EMOETÉCÁBA	adoração, culto
418	EMOMBAC	acordar alguém
419	*EMONDA'	furtar
420	ENANBU' ou NHAMBU'	ave
421	ENECOÊMA	bons dias
422	ENÉME	ter mau cheiro
423	ENHAN-MONGUETA'	vamos conversar
424	EPÉBA	(v. Apéba, Péba)
425	EPY	alicerce, base
426	*EREI TCHÉNE Y	quer água?
427	*EREI Y POTÁPA	quer beber?
428	*EREI PUITI POTÁPA	quer pitar?
429	*EREI POTÁPA PITINGUA'	quer pitar no pito?
430	*EREI TATA'	quer fogo?
431	ERIMBAE'	antigamente
432	ERU'	trazer
433	ERUNDI	quatro
434	ERU'-TATA'	trazer fogo
435	*ERU'-TATA'-CHÉVE	trazer fogo para mim
436	*ERU'-Y-CHEREHE'	traga água para mim
437	EVIRA'-API	pau seco
438	ETA' ou HETA'	muito, muitos. Etá etá – muitíssimos
439	ETÊ	bom, legítimo, verdadeiro
440	*EY (EYRA?)	mel
441	EYMA	sem
442	*GAHY-PÁBA	pássaro
443	GEAYRON	(v. Tearon)
444	GERERUAM	palmeira
445	GERIBA'	palmeira
446	*GETAPA'	tesoura
447	GIGI	arredar-se alguém

448	*GITAY-CYCA	resina de vidrar
449	*GIRÚRA	(?) extemporâneo
450	GIRUCÓA ou JURARA ou JERICA'	tartaruga
451	GOAIA'	carangueijo (v. Uçá)
452	*GOIARI-COARA	espécie de peixe
453	GOARA' ou GUARA'	vermelho
454	GOARAGOA'	peixe boi
455	*GOAIRI-COÁRA	peixe roncador
456	GOAPI-GUAJU	formiga correição
457	GOATA'	velejar; caminhar
458	GOATAÇÁRA	ocioso; vadio
459	*GOAYABICOATI	espécie de peixe
460	GOROMIXÁBA-AÇU'	maioral (v. Morubixaba)
461	GRUMARA'	pássaro
462	GUÂ	obra de abobada, ou arco
463	GUABIRO'	fruta
464	GUABIRÚ	rato
465	GUACORY	palmeira que dá cocos pequenos
466	*GUACHA	crianças – (?)
467	GUAÇÚÇÁBA	altura (tratamento)
468	GUAIMIM	velha
469	GUAINUMBY	beija-flor
470	GUANDU'	ervilha
471	*GUAPI-ASSU ou GUAPI'-ASSU'	pato grande
472	GUARA'	ave – ponga, ave. – cinga, ave
473	*GUARA'-PIRA	(?) cavalo
474	*GUARIROBA	palmito amargo
475	*GUASSU'	veado
476	GUAU'	cantiga variada
477	GUAXI	pássaro
478	GUAXINUM	animal
479	*GUIARA'	(?) charco
480	GUPIÁRA ou GUAPIÁRA	termo de mineração
481	GURI	bagre (v. Urubú)
482	GURUBIXA'	comandante, oficial (v. Marubixaba)
483	GURUPEMBA ou GURUPEMA ou JURUPEMA ou ARUPEMBA	peneira, coador (v. Moguepaba)
484	GUYRA'	ave pequena
485	GUYRA' OÇU'	ave de rapina; gavião
486	GY	machado
487	*GYBOYA	cobra d'água
488	IACANGATU'	agudeza
489	IAGUAJIRA	lacrau
490	IANDY	azeite
491	IANDIRÓBA	azeite amargoso
492	IAPÁRA	torto, defeituoso; - ceçã, torto dos olhos; (v. Çaquapé)
493	IARA OU JARÁ	corruptela de senhora (?)
494	IÁRPE	além disso, além do mais que se diz
495	IATIN	coisa baixa; curta (v. Carapi)
496	ÍBA	árvore (v. Yba)
497	IBATI	acima, arriba

498	IBIBOBÓCA	cobra de duas cabeças
499	IBICOÁRA	sepultura
500	IBIRA' NHAÊ	barril, gamela
501	*IBIRA-JÁRA	senhor dos paus
502	IBIRÁPEM	massa de matar
503	IBYÁRA	cobra de duas cabeças
504	*ICHU' MERI	abelhas pequenas (B. de A.)
505	ICICÂ ou YCYCA ou IGCYCA	grude, resina, solda
506	IGAÇABA OU IGUAÇABA	talha grande
507	IGAPO'	braço de rio
508	IGÁRA	canoa (v. Piroga e Ygara)
509	IGARAÇU'	canoa grande
510	IGARAPÁBA	porto
511	IGUAÇA'	vaso em que se bebe água
512	IGUAÇU'	custar, ser difícil
513	IGUANA ou IENIMBY	lagarto
514	IKÊ	corruptela de aqui (v. Ki)
515	*IKUÉRA	gordura
516	IMBUA'	espécie de lagarto
517	IMIRA'	árvore, pau
518	IMOÁÊ	aquele
519	INAMBU' GUASSU'	macuco
520	INAMBU' PUITAN	perdiz
521	INDE'	tu, teu, tua (v. Ndê)
522	INDOA'	pilão
523	INHANDA'	avestruz. – rupiá, ovos de avestruz
524	INHÔ	corruptela de senhor
525	INHÚMA	pássaro que tem corno na testa
526	INÚBIA	flauta de osso humano
527	*IONGJO	papagaio. Iongjó! Iiongjó! cagantomy caracu pano toru – Papagaio! papagaio! se eu sarar nunca mais despedirei setas contra vós.
528	IPI'	um (v. Petem)
529	*IPERURU	sapatos
530	IPOCU'	comprido
531	IPOI	fino
532	*IPÓRA	coisa chã, ordinária, baixa, humilde
533	IPUPÊ	ainda, com tudo isso
534	IPY	cabeça de geração, origem
535	IRAITÊ ou IRAITI ou IRAITIM	cera, mel solidificado
536	IRATI	espécie de abelha
537	IRÓBA	amargoso
538	IRUNAMOGOÁRA	companheiro
539	IRUNDY	quatro
540	IRUSSU' MUMBÚCA	abelha
541	ITA'	ferro; pedra
542	ITA'-ÓCA	casa de pedra
543	*ITAMIRINDYBA	lugar de pedras miúdas, pedregulhal, pedra pequena que se move
544	ITÁPUCU'	barra de ferro
545	ITAVERA'	espelho
546	ITARARÉ	ribeiro subterrâneo
547	ITE'	amargo, picante

548	ITIC	arremessar
549	IXÊ ou XE'	eu – etê –eu mesmo
550	IXÊBO	a mim
551	IXUPÊ	a ele
552	*JÁÁ	vamos –cherupirê – vamos comigo – vamos dormir – juaparahy – vamos rezar
553	JABABÓRA	amontoado
554	JABÁO	ausentar-se, fugir
555	JABEJABE'	cada um
556	JABIBÚRA ou JAPUPIRA	arraia (peixe)
557	JABIRU'	ave aquática
558	JACARU' ÇÔO	quero comer carne
559	JACEM ou JASSON	chorar
560	JACI-TATA'	estrelas (B. de A.)
561	JACUI	abafar, cobrir, alastrar
562	JACUMAYBA	piloto, arrais
563	JACUPATIM	jacutinga
564	JACURUTU'	coruja
565	JACY ou JASSÊ	lua – tatá - estrelas
566	JAGUA' ou JAGUÁRA	cachorro. – cunhan, cadela – kiyba, pulga de cachorro
567	JAGUARAÇA	espécie de peixe
568	JAGUARETÊ	onça, - puitan – onça parda
569	JAGUARETÚN	onça preta (B. de A.)
570	JAKIRÁNA	cigarra
571	JAMOTERAYMA	aborrecer (v. Roiron)
572	JANDÉBO	a nós todos
573	JANDERAMUIA	nossos antepassados
574	JANDI	azeite
575	JANDU'	aranha
576	JANUBIA	cantilena venatória
577	JAPÁRA	torto; aleijado
578	JAPATUCÁ	baralhar
579	JAPECÁNGA	arbusto
580	JAPÉGOA	centopeia
581	JAPEPO'	panela
582	JAPI	atirar
583	JAPIA'	lenha. – bôó, racha lenha (B. de A.)
584	JAPUTERI-OO'	cabeça coroada (B. de A.) (?)
585	JAPURUXITA	caracol
586	JAPY	topada
587	JÁR	aceitar; tomar
588	JÁRA	(v. Iara)
589	JARARÁCA ou JERERACA	cobra
590	JARERÊ ou JERERÊ	balancear-se
591	JATAHY	árvore. Espécie de abelha
592	JATIUCA	carrapato
593	JATY	cortiço de abelhas
594	JAU'	peixe
595	JECOBIAI	alternar
596	JECOÉMA	amanhecer
597	JECOMEÉNG	aparecer
598	JECUACUB	abstinência no comer
599	JECUAUB	aparecer o perdido

600	JEGUARU'	ter nojo
601	JEJOMINE	agachar-se, esconder-se
602	JEKICY	caldo
603	JEMAGOAÇÁBA	amancebar-se
604	JEMEÉNG	dar-se
605	JEMEMOTÁRE	apetecer, cubiçar (v. Potá)
606	JEMOAYB	corromper-se (v. Moayb)
607	JEMOANÁMA	aparentar-se
608	JEMOAÚB	recrear-se (v. Moang)
609	JEMOÇAÇUI	atentar por si
610	JEMOÇAIMBÊ	amolar-se
611	JEMOÇAINÁNE	prover-se, buscar o necessário
612	JEMOCAMARÁR	amigar-se
613	JEMOCANEON	cansar-se, afligir-se
614	JEMOÇARAI	brincar
615	JEMOCURUÇÁ	benzer-se (v. curuçá)
616	JEMOIRÓN	amuado
617	JEMOJÚBA	apostemar, criar pus
618	JEMÓKYÁ	sujar-se (v. Mokiã)
619	JEMOMEMBÉCA	delibitar-se (v. Momembeca)
620	JEMOMBEU'	confessar-se
621	JEMOATAR	assustar-se
622	JEMOPIRANTAN	alentar-se, animar-se, convalecer
623	JEMOPITÚME	anoitecer
624	JEMOPÓI	adelgaçar-se
625	JEMOPOROÂ	conceber afeição, amizade
626	JEMOTAGOÃ	fazer-se amarela a fruta
627	JEMOTAIGOÁRA	alforria
628	JEMOTEPYPYR	alargar-se
629	JEMOTUPÁO	agastar-se
630	JEMOTUPUCÊ	aliviar-se, apaziguar-se
631	JEMOTURUÇU'	crescer
632	JENEPYÁ	ajoelhar-se
633	JEPARÁPARÁBO	diversas cores, matiz
634	JEPIREIRON	apadrinhar-se
635	JEPOCAÚB	acostumar-se
636	JEPÓC	alimentar, cevar, dar de comer
637	JEPOÇANONG	curar-se (v. Poçanong)
638	JEPÔOC	arrancar-se
639	JEPOTI	amarrar, atar
640	JEPUÁ	consumir-se
641	JEPYCYC	arrostar
642	JEPMÓNG	começar
643	JEROTIM	ignomínia
644	JERUBIÁRE	confiar em alguém
645	JETYCA	batata
646	JEUPIR	trepas
647	JICAÇÁBA	abertura rasa
648	JICÊI	adormecer pé ou mão
649	JIMBOE'	aprender
650	JOCA' ou JUCA'	tirar (l.g); matar
651	JOCAYBA	atordoar
652	JOCIB	limpar esfregando

653	JOCÓK	arrimar-se
654	JOMÁNA	abraço
655	JOMÁNE	abraçar
656	JAMBYÃ	buzina (v. Memby)
657	*JOKI	tamanduá
658	JOMINE	esconder; agachar
659	JÓRE	chamar alguém
660	JU'	espinho. Estímulo
661	JUACÊ	sede
662	JÚBA	amarelo
663	JUBÓ	pássaro
664	*JUCÁCARUAHY	estou com fome (B. de A.)
665	JUCACI	amofinar
666	*JUKÊ-Ê ou JUKIRA	(?) sal
667	JUIM	rã
668	JUPI	(l.g.) fornicar (v. Ojociê)
669	JUNDIA'	peixe
670	JUQUIA'	cóvo
671	JURARÃ ou JERICA'	tartaruga (v. Giruera? – Carumbé)
672	*JURERÊ-MIRIM	boca pequena
673	*JURIQUI	fandango
674	JURU'	boca. Espécie de papagaio
675	JURUJAI	admirar
676	JURUJYB	cortesia
677	JURUPARI	anjo mau, o diabo
678	JURUTU'	ponta (v. Çacapyra)
679	KI	corruptela de aqui (v. Iké)
680	KISSE'	faca – guacu, facão, - puçu, espada
681	MAHEN-TIPÊ	frase de admiração
682	MAMBÁJURUPUIA'	freio
683	*MAMBATACU-PECIVERÁRA	lombilho
684	*MAMBOAÊ	muito
685	MAMON JUCA'	(?) Fazer casas, etc. – momendár. – vamos casar (B. de A.)
686	MARACAJA' MIRIM	gato (B. de A.)
687	MARACAJA' GUASSU	jaguatirica
688	MARACU'-GUARA	peixe porco (l.g.)
689	MANG	–
690	*MANDIOC CUI	farinha de mandioca
691	*MANO'	morrer
692	MATAPI	covo de peixe miúdo
693	MAYRI	cidade
694	MARARACA'	(v. Moçúrana)
695	MBAÊ	coisa. – catu, coisa real (v. Oaê)
696	MBARACAYA'	onça pintada
697	*MBOCÁCUHY	pólvora
698	*MBOCARAÉN	chumbo, bala
699	*MBOCAPUC	tiro
700	MBOHAPY	dois
701	MEAÇÚBA	cativo
702	MEÉNG	conceder, dar (v. Jemeeng)
703	MEMBIRA	fraco (v. Pytuba)
704	MEMBY	buzina (v. Jombyá)
705	MEMOY	cozinhar

706	MENDAR	casar
707	MENDAÇÁRA	casado
708	MENDUÁR	lembrar
709	MENGOA'	farsa, entremez, jogo
710	MERÊ	baço (?)
711	MERÉBA	chaga (v. Pereba)
712	MERU'	mosca
713	MIMBÁBO	criação doméstica, gado
714	MIRI ou MIRIM ou MIXIM	pequeno
715	MIRINDYBA	coisa pequena que bole
716	MIROCÁIA	espécie de choupinha, peixe
717	MIRYBA	corruptela de nome de mulher, equivale a bárbara
718	MISSA'	corruptela de missa
719	MITÁNGA	criança, menino (v. Tiranga, Tayna)
720	MIXIRA	assadura (v. Mokein)
721	MO ou MOI	voz que personifica o verbo e dá-lhe ação
722	MOABYCA	costurar
723	MOACANGAGYB	constranger
724	MOACU'	aquecer
725	MOAÇÚC	banhar alguém
726	MOACY	agravado; contrite, doente
727	MOACYCA	brear, untar de breu
728	MOACYCÁBA	contrição
729	MOAGOAÇÁBA	amancebar
730	MOAMANAGÊ	alcovitar (v. Púca, Júçána)
731	MOÁME	armar
732	MOÁNG	afigurar-se, cuidar, suspeitar
733	MOANTÁN	apertar; atarracar. Coalhar
734	MOAPÁR	aleijar; arquear
735	MOAPOPÓC	afrouxar
736	MOAPUNGÁBA	abastar
737	MOAPYCA	fazer assentar
738	MOAPYCYC	agradar, acarinhar
739	MOAPYRE	acrescentar
740	MOAPYREÇÁBA	acrescentamento
741	MOAPYREÇÁRA	acrescentador
742	MOATÚCA	abreviar
743	MOATYR	amontoar
744	MOAÚB	recrear. Atribuir
745	MOAUJÊ	consumar; terminar
746	MOAYB	arruinar, deitar a perder, corromper
747	MOÇABE'	criar bolor
748	MOÇÁC	arrancar
749	MOÇAÇÁO	fazer atravessar
750	MOÇAIMBÊ	afiar
751	MOCANEÓN	causar fadigas, afligir, atribular
752	MOÇANGÁB	afigurar, assinalar
753	MOCANHÊMO	açular, assustar
754	MOCANTIM	aguçar, fazer bico
755	MOÇAPYR ou MOÇABYR	três (numeração) (v. Mbohapy)
756	MOÇARAIGOÉRA	bobo
757	MOÇARAITÁRA	dançador (v. Poraceya)
758	MOÇAY	azedar

759	MOCANEON	causar fadiga, afligir, atribular
760	MOCÉEM	adoçar
761	MOCENDI	alumiari
762	MOCERÁNA	abater com desprezo
763	MOÇOCOBIÁR	compensar
764	MOCOCÓI	fazer cair a fruta (v. Cocol)
765	MOCOÊME	dar bons dias
766	*MOCÔIN	dois
767	*MOCU'	viagem (?)
768	MÓÇU	corruptela de moço
769	MOCUBÉCATU'	agradecer, mandar lembranças
770	MOÇUPI	afirmar, assegurar, certificar
771	MOCURUÇA'	cruzar
772	MOCYCA	ajuntar, chegar uma coisa a outra
773	MOCYME	alisar, brunir, aplainar
774	MOETÊ	acatar
775	MOGERE'	virar
776	MOGUÁBO ou MOGOÁB	coar, peneirar
777	MOGUAPÁBA	coador
778	MOIRÓB	tomar amargo
779	MOJABÁO	afugentar
780	MOJÁR	ajuntar
781	MOJARU'	apagar, acariciar
782	MOJATINÓNG	balançar
783	MOJECAIBYR	abaixar alguém
784	MOJECIAR	sobrepor; acamar
785	MOJEGUA	ser causador
786	MOJEKÓC	arrimar
787	MOJEMOIRÓN	amuar-se
788	MOJEMOMBEU'	confessar
789	MOJEMOMBEUÇÁRA	confessor
790	MOJEPE' OÇU'	ajudar em corporação
791	MOJEPIXAIM	encrespar
792	MOJEPOCAÚB	acostumar; amansar
793	MOJOJABÊ	igualar; ajustar; apropriar
794	MOKAMBY	aleitar
795	MOKATÁC	abalar; bolir em alguma coisa
796	MOKEIN	assado
797	MOKIÁ	sujar, borrar
798	MOKYTAN ou MOPOKYIN	dar nó
799	MOMANO'	findar, fazer morrer
800	MOMARAÁR	ajoujar, desfalecer
801	MOMBÁO	acabar
802	MOMBEU'	relatar
803	MOMBEU' PORANDU'	mandar lembranças (B. de A.)
804	MOMBERÊÊ	(?) longe
805	MOMBIC	penetrar
806	MOMBÓRE	deitar fora
807	MOMEMBÉCA	debilitar, amolecer, abrandar
808	MOMEMDÁR	fazer casar
809	MOMOROTINGA	branquear
810	MOMOXI	cometer adultério
811	MOMOXIÇÁRA	o que faz feio, adúltero

812	MONDÁR	imputar, assacar, levantar aleive
813	MONDE'	armadilha
814	MONDÓC	cortar
815	MONDOÇOCA'	atorar o pau
816	MONDURI	espécie de abelha
817	MONGARAYB	abençoar
818	MONGATIRON	aceitar, adorning, enfeitar
819	MONGATIRONÇÁBA	adorno, armação
820	MONGATIRONÇÁRA	adornador
821	MONGÊR	fazer adormecer
822	MONGETA'	conferir
823	MONHÁNG	criar alguma coisa
824	MONHANGUÁRA	artífice, artesão, criador
825	MONHARÓM	esbravejar. Lanhar
826	MOPA'	abrir; fazer caminho
827	MOPECU'	fazer comprado
828	MOPEJA'	agradar (v. Moapycyc)
829	MOPERÉB	chagar
830	MOPIRANTAN	alentar, amimar, confortar
831	MOPITA'	deter; agasalhar
832	MOPÓC	fazer arrebentar, arrombar
833	MOPORACÊ	fazer bailar
834	MOPORÁNG	enfeitar, aformosear
835	MOPOY	adelgaçar
836	MOPUÁME	levantar o que está sentado
837	MOPYTÁBA	acanhado, acovardar
838	MOPYTÉNE	dar boas noites
839	MORAUCÚB	ter compaixão
840	MORAUCÚBA	caridade
841	MORANDÚB	avisar
842	MORANDÚBA	aviso
843	MORIB	alegrar, afagar
844	MORIPÁRA	amante
845	MOROICÁNG	arrefecer
846	MORORIB	causar alegria
847	MOROTINGA	alvura, brancura
848	MORUBIXABA	maioral, principal, cacique (v. Goramixaba)
849	MORYÇÁBA	carícia
850	MOTÁCA	bater
851	MOTEITE'	apoucar
852	MOTERICÉMO	abarrotar
853	MOTEKYROÇÁBA	alambique
854	MOTEPY	afundar
855	MOTEPYPYR	alargar
856	MOTOPECU'	aliviar, apaziguar
857	MOTUHY	cortiça
858	MOTURUÇU	fazer grande, engrossar
859	MOVEO'	absolver pecados
860	MOXACI	aferrolhar
861	*MUMBA'	chicote; relho
862	NAMBY	argola, asa de pote, orelha
863	NAMBU'	ave. – cará, de pele fina
864	NAMARAIN-CHÊ-RICOVÊ	(resposta de Tupan-he neno) o mesmo lhe aconteça

865	NANARY	vinho de ananás
866	NDÊ	tu, teu, tua. – Ndé-mbaé, teu, tua
867	*NDÊ-PAPA'-HABI	sem número (l.g.)
868	NDERAHY	teu filho
869	NDEREÇA'	teus olhos
870	*NDEREÇAIM	como está?
871	*NDEROA'-JUHY	eu te quero mal
872	NDERE' JÚPA?	onde moras?
873	NDEVAHY	tua filha
874	NDIBÊ	contigo. Coisa que se move com outra
875	NEIM	sim (v. Eêm)
876	*NENDARE É CUXÃ	cincho
877	*NEPONAN AHY	tu és bonita
878	*NERESSAIN	estou bom
879	NHAÉM	alguidar, vasilha; alma (?)
880	NHANDÉIJÁRA	Nosso Senhor; Deus N. Sr.
881	NHANDÉRU'	nosso pai
882	*NHANDI MOANGUO HARE OGUERHAIMA LIMA YÁPE	o seu perseguidor foi levado a lima (l.g.) (?)
883	NHANDU'	avestruz, ema (v. Chuni ou Churi)
884	NHANDUA'	penacho grande, espanador
885	NHANDUI	aranha
886	NHÁNE	correr (v. Cema)
887	NHEÉNG	falar
888	NHEENGAÇÁRA	cantador; falador
889	NHEENGÁR	cantar
890	NHEENGÁRA	cantiga
891	NHEENGOÉRA	falador
892	NHEMOMBEUÇABA	confissão
893	NHENUPA'	castigado, espancado
894	NHINHÊ	atualmente; a cada passo; continuação
895	NHINHING	arrugar
896	*NHÚM	campo
897	NICÔ-MBERÊ	frase de admiração
898	NITIO	não (v. Ani, Reá)
899	NHORÓN	bravo, a
900	NHORONÇÁBA	braveza
901	NUPAN	çoitar, castigar
902	NUPANÇÁBA	çoite, azorrague
903	NUPANÇÁRA	castigador
904	AO' ou OAR	cair
905	OACÉME ou OACÉMO	achar, atinar
906	OAÊ	coisa (v. Mbâe)
907	OÁNE	já
908	OAPÓAN	arredondar
909	OAPYCA	assentar-se
910	QAHA'	andar
911	ÓBA	roupa, vestido
912	ÓCA	rancho, casa, roça, quinta
913	OCA'	rachado
914	OCÁI	queimar-se
915	OCANHÉMO	dar à costa, naufragar
916	OÇO'	ausentar

917	OÇU'	grande (v. Assu, Guaçu, Çu)
918	OERICÔ	ter, tratar
919	OÊTEPE	todo, toda (v. Andibê)
920	OH OH	vamos
921	OICONHINHÊ	assistir
922	OIMÊ	ali, acolá. Tu mesmo
923	OIME'	está aqui
924	OIRANDÊ	amanhã
925	OIRO'	ser ou estar. Jeê-aê – sou ou estou
926	OITICICA	resina de oiti
927	OITICURÚBA OU OITICURA'	fruta
928	OJÁB	abrir-se espontaneamente
929	OJÁR	andar pela praia
930	OJÊ	se (variação pronominal?)
931	OJEAIBYC	abaixar-se a alguém
932	OJEBIR	arribar
933	OJECUÁB	acabar a coisa verdadeira
934	OJEMEMOAZÁRA	nobilitar-se
935	OJEMOAIB	apostemar-se
936	OJEMOAZUC	banhar-se
937	OJEMOGYB	abaixar-se
938	OJEMOIRON	arrufar-se, amuar-se
939	OJEMOPYAYBA	agravar-se
940	OJEPOCÚAB	avessar-se, acostumar-se
941	OJEPÓTAR	aportar
942	OJEPYPYCA	alargar-se
943	OJEPYPYÊ	afogar
944	OJOECÊ	copula
945	OKEN	porta
946	OKEN BOTI	chave
947	*OMANEM	chegou alguém (?)
948	*OMANO'	morrer, eclipsar
949	*OOCU	chuva (?)
950	OPA'	morrer, findar (v. Manó)
951	OPABINHÊ	tudo
952	OPÁC	acordar
953	OPAJÁR	apontar com o dedo
954	OPÓPÓR	galopar
955	OPYÇACAR	dar ouvido
956	ÓQUI	está chovendo
957	*ORE' CEJU	eu te quero bem
958	ORÉBO	a nós (exclusivamente)
959	ORUÇU'	abelha grande
960	ORUCURIA' ou NHACURUBU' ou JACURUBU	coruja
961	OTERIC	afastar alguém, arredar-se
962	OTERICA	andar de gatinhas - ?
963	OYEPE'	um (v. piteim)
964	PÁBA	mortandade
965	PAC ou PACA'	acordar
966	PÁCA	animal
967	PACÓVA	banana
968	PACU'	peixe

969	PAË ou PAY ou PAHY	corruptela de padre. – kyçi, carrasco (v. avaré)
970	PAGE' ou PAYE'	feiticeiro
971	PANA	corruptela de pano
972	PANACU'	cesto
973	PANAMÃ	cação. Borboleta
974	PANÉMA	infeliz, mal sucedido; que não presta
975	PANÉME	debalde
976	PAPAÇÁBA	conta, calculo
977	PAPÁR	contar
978	PARA'	rio
979	PARAGUA'	papagaio
980	PARANÃ	manchado; rio
981	PARI'	cercos de apanhar peixe; laço, armadilha
982	PARIPARIM	coxear
983	PATIÓBA	palmeira
984	PATUÃ	arca, caixa
985	PÁYA	pai (v. Tuba)
986	PAYTINGA	senhor
987	PÊ	caminho
988	PEBA ou PÉVA	plano, chato, raso, rasteiro (v. Apeba)
989	PECARA	alto, veloz
990	PECU'	comprido
991	PECUÇÁBA	comprimento
992	PEIJUPIRA'	peixe saboroso
993	PEJECEM	compassar
994	PEJU'	assoprar, bafejar
995	PEJUÇÁBA	assopro
996	PEJUÇÁRA	abanador, assoprador
997	PENGANANE	corruptela de engano
998	PERÁME	em pé, de pé
999	PERÊ	baço
1000	PERÉBA	bertoeja – sarna (v. Mereba)
1001	PERIPERICA	andejo, mexedor
1002	PERIMPERIM	calote
1003	PEROACÁBA	atadura
1004	PERYCA	aceitar
1005	PETÉCA	lavar pano; bater
1006	PETEIN ou PETÉM	um (v. Ipé)
1007	*PETEM MIRIGARY	seis
1008	*PETEINPO'	cinco
1009	PETÍMA, PETÚME, PETÚM ou PITYMA	fumo verde, tabaco
1010	PETUPABA	alteração
1011	PIAÍBA	angústia, dor no coração
1012	PIÁOÇU'	ânimo
1013	PIÁR	aparar com a mão
1014	PIASSA', PIASSAVA ou PIAÇOAVA	filamento lenhoso da palmeira desse nome, de que se faz corda
1015	PIÁU	peixe
1016	PICASSÚ	pomba
1017	PICYC	capturar
1018	PICYRON	acudir, amparar, apadrinhar
1019	PICYRONÇÁBA	abrigo

1020	PICYRONÇÁRA	apadrinhador
1021	PIKI-PABA	que fala alto, espevitado
1022	PINDA'	anzol
1023	PINDÓBA	palmeira
1024	PINDUCA	mole, fraco (v. Pirera)
1025	PINHEMO	a nós outros
1026	PINHOAN	artelho
1027	PINÔ	peidar
1028	PIPÉRA	pestana
1029	PIRA'	peixe
1030	PIRA'-IQUÊ	pescar de corso
1031	PIRAJU'	dourado (peixe)
1032	PIRAQUIRA	peixe rei
1033	PIRAQUIROA'	espécie de peixe
1034	PIRAÚNA	garoupa (l.g.)
1035	PIRANEME	peixe com robalo
1036	PIRÁNGA	vermelho, ruivo (v. Piné). Crinaça, menino (v. Mitanga, Tayna)
1037	PIRA'-PICU	espadarte
1038	PIRAPUITAN	peixe vermelho (B. de A.)
1039	PIRÁR	abrir
1040	PIRÉRA	coisa mole
1041	PIRING	arrepiar-se de medo
1042	PIRIPAN	comprar
1043	PIRÓC, PIRÓCA ou PYRÓCA	escamar, esfolar, descascar
1044	PIRÓGA	canoa (v. Igara)
1045	PIRU'	magreza
1046	PIRU'	ruivo (v. Piranga)
1047	PITÁ	ficar
1048	PITÁNGA	fruta
1049	PITÉR	beijar, chupar
1050	PITIU'	bafio, cheiro de peixe
1051	PIÚVA	madeira rija
1052	PIXAIM	crespo (v. Japixanin)
1053	PIXÁME	beliscar
1054	PIXÁNA	corruptela de bichano (v. Chevi ou Cheby)
1055	PIXÊ	cheiro de peixe assado
1056	PIXÚNA	preto, negro
1057	PO'	dedo; mão
1058	POÁI	acenar com a mão
1059	POBÚRA	angelim (madeira)
1060	PÓC	arrebentar
1061	PÓCA	fino
1062	POÇANÓNG	curar (v. Jepoçanong)
1063	POCOÁR	amarrar, atar
1064	POCOK (?)	apalpar, apolegar
1065	POCU'	comprido
1066	POCUÇU'	alcançar, apanhar de repente, surpreender
1067	POCYCÁBA	carga
1068	POETIC	acenar com o dedo
1069	POJUI ou PEJUI'	doninha
1070	POKÉK	abafar, embrulhar
1071	POKÉKA	amortalhar

1072	PÓNG	som de coisa côncava, eco
1073	PONHÊ	andar de gatinhas
1074	POÓC	apanhar fruta
1075	POPOTABGOÉRA	arrebatado de cólera
1076	POPYC	calcar com as mãos
1077	PÓRA	habitador
1078	PORÃ ou PORAN	bom; bonito
1079	PORACÊ ou PORACEI ou PORACEIA	dança (v. Moçaraitara)
1080	PORANDÚB ou PORANDÚBA	vocabulário, dicionário
1081	PORÁNGA	formoso
1082	PORANGABA	beleza
1083	PORANGATU'	bizarria
1084	PORE'	saltar, galopar
1085	PORÓC	abrir (a flor ou fruta); brotar
1086	POROCÁBA	bastão, bordão
1087	POROMONHANG	fazer criação
1088	POROPOTÁRA	amor desonesto
1089	POTA'	cobiçar (v. Jemomotár)
1090	POTAÇÁRA	contendor
1091	POTUPÁBA	agastamento
1092	POTUPÁO	afligir
1093	POTÁRE	consentir
1094	POTUU' ou PUTUU'	apaciar, cessar
1095	POTY	camarão. – guara, homem que se sustenta de camarões
1096	POTYRA	bonina
1097	POUÇU	acatar
1098	POUÇUÇÁBA	acatamento
1099	PUAN	levantar
1100	PUÁVA	alto, veloz
1101	PÚBA	podre, mole
1102	PUCÁ	rir
1103	PUCURU ou PYCURIR	corruptela de pucaro
1104	PUIR	abster-se
1105	PUNGA'	alporcas; pulmão; inchaço. Passeio?
1106	PUPE'	(prep. d'ac.) a, em
1107	PURA'	ponta
1108	PURIO' (?)	vantagem
1109	PURU' ou PUÇU'	grande, grosso
1110	PURU'	alugar
1111	PURUA'	colo; prenhez
1112	PURURÚCA	desconjuntar, estalar
1113	PUTUÚCA	alívio
1114	PY, PE'	avesso (corruptela de pé?)
1115	PYA'	coração; fígado
1116	PYE'	curandeiro, cirurgião
1117	PYIRE'	varrer
1118	PYIRÉÇÁRA	limpador
1119	PYNHÁ	boubas
1120	PIPO'	pena
1121	PYR	mais
1122	PYRA'	peixe
1123	PYRA'-PUAN	baleia

1124	PYRÉNA	torcer o pé
1125	PYRI ou PERI	esteira, junco; seco
1126	PYRON	calcar com os pés
1127	PYRON-PYRON	dar coices
1128	PYTYBON	ajudar, auxiliar; concorrer
1129	PYTYBONÇÁBA	auxílio
1130	PYTÚBA	fraco, covarde (v. Memberã)
1131	QUERIRIN	calar a boca
1132	RÁBA OU ABA	sufixo que personifica a palavra
1133	RAÇAPÁVA	?
1134	RACO'	falso
1135	RÁNGÁBA	cofre, caixa, boceta (?) deve ser Rerú
1136	RANHÊ	de antemão; entretanto; ainda não
1137	REA'	não (v. Nitio, Ani)
1138	RECÊ	já que; por; por amor
1139	RECO'	ter
1140	REPOTY	erva que produz a bosta de passarinho. – toreié, m... para ti (l.g.)
1141	RERECOÁRA	corruptela de regedor
1142	RERÉCOARA	criado, capataz
1143	RERU'	vasilha (v. Bó)
1144	RETÁMA	(?) arbusto de flor amarela
1145	RETÊ	totalmente
1146	REYA	corruptela de el-rei
1147	RO	partícula de composição
1148	ROBIAÇÁBA	crédito
1149	RÓCA OU RETÃ	lugar, casa, ninho (Oca?)
1150	ROÇAPUCÁI	publicar
1151	ROIRON	aborrecer, arrenegar; recusar
1152	ROJEBIR ou ROJEBYR	desandar; reduzir
1153	ROPEHY	estou com sono
1154	RUPI	modo, maneira, forma. Pelo por
1155	RUPIÃ	muitos, milhares
1156	RYCÉME	cheio
1157	RYRY	tremer
1158	TA'	sim (?)
1159	TÁBA	aldeia
1160	TABÓCA	cana, taquara
1161	TACAPA'	arma ofensiva
1162	TACOÁRA	cana (v. Tabóca)
1163	TAÇÓCA	caruncho
1164	TACURÚBA	panela velha (?)
1165	TACYBA	formiga (v. Táó)
1166	TAGOA'	amarelo (v. Tauá)
1167	TAGUA'-IBA	demônio (l.g.)
1168	TÁI	arder a boca por pimenta
1169	TAJASSU'	porco, leitão (B. de A.)
1170	TAMARACA'	sino
1171	TAMPA-PIRENA	(?) espécie de corvina
1172	TAMYA	ascendentes, antepassados, avós
1173	TANGAPÉMA	espada no festim canibal; instrumento para cortar pedra
1174	TANGUA'	morada. Mau, ridículo
1175	TANIMBÚCA	cinza, borralho

1176	TAO'	formiga grande (v. Tacyba)
1177	TAPECOÁBA	abano, ventilador
1178	TAPERÉRA	aldeia velha
1179	TAPERU'	bicho
1180	TAPANHÚNA	negro
1181	TAPINHOAN	madeira
1182	TAPIXÁBA	vassoura
1183	TAPUIA ou TAPUYA	bárbaro; inimigo
1184	TAPUYTÁMA	sertão
1185	TAPY	lugar fundo
1186	TAPYIRA	boi; anta (v. Caápoára)
1187	TÁRA OU ÁRA	voz que dá ação ao substantivo
1188	TARACU'	estado
1189	TAREIRA'	peixe-enxada
1190	TATA'	fogo
1191	TATAIBA ou TATAII	pau que dá cor amarela
1192	TATAIRA ou TATURA	espécie de abelha vermelha cuja picada arde como fogo
1193	TATATINGA	fumaça
1194	TAUA' ou TAGOA'	barro amarelo
1195	TAYGOÁRA	homem livre
1196	TAUAO', TAYAOBA ou TAYOBA	couve
1197	TAYNA	criança, menino (v. Pitanga ou Mitanga)
1198	*TCHIPIRU HAÊ	calor (g.)
1199	TEARON	maduro (v. Geayron)
1200	TECÔ	condição, temperamento
1201	TECÔBI	vida
1202	TEEM	debalde (v. Paneme)
1203	TEICOÁRA	anus
1204	TEITÊ	cortado
1205	TEJU', TIU' OU TUYU	lagarto
1206	TEMBÊ	beijo
1207	TEMBEJU'	alimento, comida
1208	TENEN ou TUCANO	ave
1209	TENAMBIRA	papo de tucano
1210	TENDY	baba. Pulga
1211	TENDYRA	irmão
1212	TENEMUIN	cinco (B. de A.)
1213	TENHÊ	deixa, deixe
1214	*TENHÊ-TENHÊ	devagar
1215	TENONDÊ	adiante; antecedente
1216	TENONDEÇÁBA	adiantamento
1217	TEPOTY	excremento
1218	*TEREHO'-PETERERÊ	vai-te de uma vez
1219	*TEREHÓ JEROY	vamo-nos agora
1220	TIAPU'	som (v. Itapu)
1221	*TIBIKOÉRA	cemitério
1222	TIBIRÓCA	espanar
1223	TIKUÉRA	ter raiva
1224	TIJÚCA	apodrecer
1225	TIJUCUPÁO	baixos de rio
1226	TIJUPÁBA	rancho, cabana, casa de palha
1227	TIM	vergonha. Nariz

1228	TIMBÔ	planta venenosa
1229	TIMUÇU'	peixe agulha
1230	TINGA'	branco
1231	TINGUI	cipó fedorento para embebedar o peixe
1232	TINING	secar peixe
1233	TIPÁO	baixa-mar
1234	TIPAQUÉNA	correnteza
1235	TIPYÓCA	polvilho
1236	TIRIRICA	o chiar da água fervendo
1237	TITUBÊ	indubitavelmente
1238	TOAÇABA	comadre, companheira
1239	TOBAJÁRA	cunhado do homem
1240	TOBI	agudo
1241	*TOCURUBA'	laço
1242	TOMUNHEENG	assobiar
1243	TOMUNHEENGOÉRA	assobiador
1244	TOPOROCA	(v. Torobô)
1245	TORI	facho
1246	TORINA	calções
1247	*TOROCOA'-AN	dá-me um abraço
1248	TOROHÔ	(l.g.) vamos (v. Có)
1249	TOROTÔ	vesgo
1250	TORYCA	diarreia
1251	TOYRON	ter ciúmes
1252	*TUBERA'-BUÇU	coisa felpuda
1253	TUBIXA'	grande
1254	TUPAN-BAE'	folgado em louvor de deus
1255	TUPÁNO-RECÊ	pelo amor de deus
1256	TUPANSI	N. Sra. (l.g.)
1257	TUPAN-NDEREHO' (ou de AROXO')	saudar, dizer adeus, cumprimentar
1258	TUPAN-CHÉVE	sua benção. Deus esteja contigo
1259	TUÇÁRA	alfange
1260	TÚBA	pai (v. Tayá)
1261	TUBI	espécie de abelha
1262	TUCÁ	bofetão, murro
1263	TUCAMBIRA	papo de tucano
1264	TUCUCUR	beber a tragos
1265	TUNGA'	bichos de pés
1266	TUNGÁI ou TUNGAIN	pulga
1267	TÚPAÇAMA	atilha ou corda
1268	TUPINIQUIM	vizinho, de lado; nome de uma tribo primitiva
1269	TUPINÓUR	tupi mau, degenerado
1270	TURUSSU'	capitão-grande, governador geral
1271	TUY	horripilação, calafrio, frio
1272	TY	cume
1273	TYBA, TIBA, TUBA ou TUVA	estabelecimento, feitoria, sítio, casa; reunião (v. Bá)
1274	TIBYC	palpitar o coração
1275	TYJU'	escuma; fezes
1276	TYJUCUPÁBA	atoleiro
1277	TYKIR	correr líquido
1278	TYPYÇÁBA	concaidade
1279	TYRA	conduto, veículo

1280	TYRIBA	alegoria, festa
1281	TYTYC	palpitar
1282	TYUASSU'	espécie de lagarto grande
1283	UBARÁNA	tainha, peixe
1284	UBIRA'	madeira (v. Ibirá)
1285	UÇÁ	caranguejo (v. Goaiá)
1286	UI'	farinha
1287	UIBA	arco
1288	UKEI	cunhado da mulher (v. Tubajára)
1289	UMAN ou UOMAN	já
1290	ÚNA	preto, negro
1291	UPERU'	tubarão
1292	UPUPIÁRA	homem marinho
1293	UR	vir, chegar (v. Cyca)
1294	ÚRA	berne
1295	ÚRPE	debaixo de alguma coisa, sotoposto
1296	URU'	ave, galinha (v. Çapucaia)
1297	URUBU'	ave carnívora
1298	URUCA'	instrumento de música
1299	URUCU'	planta de tinturaria
1300	URUCURIBA	palmeira
1301	URU-MAÇÃ	linguado
1302	URUPÉMA	crivo, peneira (v. Urupembua)
1303	URURAU	jacaré
1304	URURUGUAY	rabo de galinha
1305	URUTAGUA'	ave noturna agoureira
1306	URUTU'	cobra venenosa. Bagre
1307	UTUGI	rir (C.)
1308	UU'	comer; beber. Catarro
1309	VACARU ou VACARIO	corruptela de vaca
1310	VACARUARA'	(corruptela de vaca) touro
1311	VASSÔ	corruptela de vaso, copo

ANEXO II

Lista de Vocábulos acompanhados pela menção t.g.

	LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
01	AANGUEJAA'	hoje mesmo
02	ACARU' POTA'	quero comer
03	ACHA'	corruptela de machado
04	AI HI POTA'	quero beber
05	AKUÊ	dormir
06	AMOIG	parente – pira, parente cruel
07	ANDAHY	moranga, espécie de abóbora
08	ANHÃÁ	feio
09	ANHENÔ	deitar-se
10	BANHOMIM	furtar
11	BARIHI	um bocado
12	BAUC-PUA'	espécie de peixe
13	BOAPYR	três
14	BOIPIRE'	couro de boi
15	BURICA'	(corruptela de burrico) mula
16	CAGUHY	mato
17	CÁIA CÁNGA	polvo
18	CAO RUBI POGUAPE'	assentar-se
19	CARAMBUI	coisa pequena e bonita
20	CARAPE'	mulher baixa
21	CARAPUXI	dinheiro
22	COCAYCUA'	caldeira, chocolateira (?)
23	COIARA	ontem
24	ECUARU	verter águas
25	EGUAPUY	sentar
26	EGUATA'	vai-te embora
27	EMONDA'	furtar
28	EREI TCHÉNE Y	quer água?
29	EREI Y POTÁPA	quer beber?
30	EREI PUITI POTÁPA	quer pitar?
31	EREI POTÁPA PITINGUA'	quer pitar no pito?
32	EREI TATA'	quer fogo?
33	ERU'-TATA'-CHÉVE	traze fogo para mim
34	ERU'-Y-CHEREHE'	traga água para mim
35	EY (EYRA?)	mel
36	GAHY-PÁBA	pássaro
37	GETAPA'	tesoura
38	GITAY-CYCA	resina de vidrar
39	GIRÚRA	(?) extemporâneo
40	GOIARI-COARA	espécie de peixe
41	GOAIRI-COÁRA	peixe roncador
42	GOAYABICOATI	espécie de peixe
43	GUACHA	crianças (?)

44	GUAPI-ASSU ou GUAPI'-ASSU'	pato grande
45	GUARA'-PIRA	(?) cavalo
46	GUARIRÓBA	palmito amargo
47	GUASSU'	veado
48	GUIARA'	(?) charco
49	GYBOYA	cobra d'água
50	IBIRA-JÁRA	senhor dos paus
51	IKUÉRA	gordura
52	IONGJO'	papagaio. Iongjó! iongjó! cangantomy caracupano toru – Papagaio! papagaio! se eu sarar nunca mais despedirei setas contra vós.
53	IPERURU	sapatos
54	IPÓRA	coisa chã, ordinária, baixa, humilde
55	ITAMIRINDYBA	lugar de pedras miúdas, pedregulhal, pedra pequena que se move
56	JÁÁ	vamos – cherupirê – vamos comigo – vamos dormir – juaparahy – vamos rezar
57	JOKI	tamanduá
58	JUCÁCARUAHY	estou com fome (B. de A.)
59	JUKÊ-Ê ou JUKIRA	(?) sal
60	JURERÊ-MIRIM	boca pequena
61	JURIQUI	fandango
62	MAMBATACU-PECIVERÁRA	lombilho
63	MAMBOAÊ	muito
64	MANDIOC CUI	farinha de mandioca
65	MANO'	morrer
66	MBOCÁCUHY	pólvora
67	MBOCARAÉN	chumbo, bala
68	MBOCAPUC	tiro
69	MOCÔIN	dois
70	MOCU'	viagem (?)
71	MUMBA'	chicote, relho
72	NDÊ-PAPA'-HABI	sem número (l.g.)
73	NDEREÇAIM	como está?
74	NDEROA'-JUHY	eu te quero mal
75	NENDARE É CUXÃ	cincho
76	NEPONAN AHY	tu és bonita
77	NERESSAIN	estou bom
78	NHANDI MOANGUO HARE OGUERHAIMA LIMA YÁPE	o seu perseguidor foi levado a Lima (l.g.) (?)
79	NHÚM	campo
80	OMANEM	chegou alguém (?)
81	OMANO'	morrer, eclipsar
82	OOCU	chuva (?)
83	ORE' CEJU	eu te quero bem
84	PETEM MIRIGARY (?)	seis
85	PETEINPO'	cinco
86	PURIO' (?)	vantagem

87	TA'	sim (?)
88	TCHIPIRU HAÊ	calor (g.)
89	TENHÊ-TENHÊ	devagar
90	TEREHO'-PETERERÊ	vai-te de uma vez
91	TEREHÔ JEROY	vamo-nos agora
92	TIBIKOÉRA	cemitério
93	TOCURUBA'	laço
94	TOROCOA'-AN	dá-me um abraço
95	TUBERA'-BUÇU	coisa felpuda

ANEXO III

Lista de Vocábulos acompanhados pela menção B. de A.

	LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
01	ACANGUERU'	chapéu, barrete (B. de A.)
02	ARAHY	chuva (B. de A.)
03	BAIAPO'	roçar (B. de A.)
04	COMENDA'	feijão (B. de A.)
05	ICHU' MERI	abelhas pequenas (B. de A.)
06	JACI-TATA'	estrelas (B. de A.)
07	JAGUARÉTÚN	onça preta (B. de A.)
08	JAPIA'	lenha. bôó, racha lenha (B. de A.)
09	JAPUTERI-OO'	cabeça coroada (B. de A.) (?)
10	JUCÁCARUAHY	estou com fome (B. de A.)
11	MAMON JUCA'	(?) Fazer casas, etc. – momendár. – vamos casar (B. de A.)
12	MARACAJA' MIRIM	gato (B. de A.)
13	MOMBEU' PORANDU'	mandar lembranças (B. de A.)
14	PIRAPUITAN	peixe vermelho (B. de A.)
15	TAJASSU'	porco, leitão (B. de A.)
16	TENEMUIN	cinco (B. de A.)

ANEXO IV

Lista de Vocábulos acompanhados pela menção l.g.

	LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
01	CHE	(l.g.) meu ou minha
02	JOCA' OU JUCA'	tirar (l.g.); matar
03	JUPI	(l.g.) fornicar (v. Ojociê)
04	MARACU'-GUARA	peixe porco (l.g.)
05	NDÊ -PAPA'-HABI	sem número (l.g.)
06	NHANDI MOANGUO HARE OGUERHAIMA LIMA YÁPE	seu perseguidor foi levado a Lima (l.g.) (?)
07	PIRAÚNA	garoupa (l.g.)
08	REPOTY	erva que produz a bosta do passarinho. – toreié, m... para ti (l.g.)
09	TAGUA'IBA	demônio (l.g.)
10	TOROHÔ	(l.g.) vamos (v. Có)
11	TUPANSI	N. Sra. (l.g.)

ANEXO V

Lista de Vocábulos acompanhados por ambas as menções t.g. e l.g.

	LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
01	NHANDI MOANGUO HARE OGUERHAIMA LIMA YÁPE	o seu perseguidor foi levado a Lima (l.g.) (?)
02	NDÊ-PAPA'-HABI	sem número (l.g.)

ANEXO VI

Lista de Vocábulos acompanhados por ambas as menções B. de A. e t.g.

	LÍNGUA GERAL BRASÍLICA	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
01	JUCÁCARUAHY	estou com fome (B. de A.)

ANEXO VII

Lista de Vocábulos de Auguste Saint-Hilaire

	Português	Dialeto da Aldeia do Rio das Pedras	Dicionário dos Jesuítas	Dialeto de São Pedro
01	Deus	Nhandianhara	Tupana	Tupan
02	Sol	Araçu
03	Lua	Jaçu	Jacy	Jacy
04	Estrelas	Jaçutata	Jacitata	Jacitata
05	Terra	Hubu
06	Homem	Apûha	Apyaba	Apuava
07	Mulher	Cûnhã	Cunhã	Cunhã
08	Criança-de-peito	Pitangeté	Mytanga	Pytanga
09	Menino	Curumim
10	Menina	Cunhatemhi
11	Mulher-de-idade	Cunha buçu
12	Cabeça	Nhacanga	Acanga	Nhacanga
13	Cabelos	Java	Aba	Java
14	Olhos	Teça	Caça	Ceça
15	Nariz	Inchim	Tim	Itchi
16	Bôca	Juru	Juru	Jurú
17	Dentes	Hanha
18	Orelhas	Namby	Namby	Namby
19	Pescoço	Jaurá	Ajurú	Jajiura
20	Peito	Putchia
21	Ventre	Chuhé
22	Coxa	Juna
23	Pernas	Ituman	Cetyma	Cetuma
24	Pé	Ipuranga	Py	Iporangava
25	Braço	Jua	Jyba	Juva
26	Mãos	Ipo	Po	Ipo
27	Pedaço-de-pau	Uira
28	Fôlha	Urarova
29	Fruto	Ua
30	Cavalo	Cavarú	Cabarú	Cavarú
31	Mula	Cavaru tupichi
32	Tapir	Tapiraté
33	Veado	Çuaçu
34	Pássaro pequeno	Ura mirim
35	Bicho-de-pé	Tunga	Tunbyra	Tunga
36	Rio	Uaçu
37	Água	Úg	Íg	Íg
38	Carne	Çoó
39	Peixe	Pyrá	Pyrá	Pyrá
40	Bom	Catú	Catú	...
41	Mau	Jahé
42	Belo	Puranheté

43	Feio	Yeyayeté
44	Vermelho	Pyrangacu	Piranga	Pyran
45	Branco	Manotchi	Morotinga	Morotchin
46	Prêto	Ondigua	Uma	Sun
47	Pequeno	Merim chiqueté	Merim	Merim
48	Grande	Truceté	Turuçú	Tupichava